

TÍTULO: Tudo ou nada

AUTOR: FAIR, A. A.

TÍTULO ORIGINAL: DOUBLE OR QUITS S

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Lisboa

EDITORA: Livros do Brasil

Data da publicação: s. d.

GÉNERO: Romance policial

CLASSIFICAÇÃO: Estados Unidos - Século
XX Ficção

COLECÇÃO: Vampiro Gigante - Obras
Escolhidas de Erle Stanley Gardner n.º

7*

DIGITALIZADO E CORRIGIDO POR:

Aventino de Jesus Teixeira Gonçalves

Setembro de 2004

* Cada volume é constituído por dois
títulos, sendo este o segundo.

O primeiro título é:

O caso do pato afogado, assinado por Erle
Stanley Gardner

Nota do digitalizador

A. A. Fair

TUDO OU NADA

Tradução de
MASCARENHAS BARRETO

Capa de
ANTÓNIO PEDRO

Título da edição original
DOUBLE OR QUITS S

• * . -'í*

Copyright © 1941, by Erle Stanley Gardner
Reservados todos os direitos pela
legislação em vigor

O Doutor Devarest era um médico da alta
sociedade
e as suas consultas exigiam sempre
marcação
prévia.

Residia num bairro presunçoso, dos
arredores da cidade.

A sua família era talvez rica de mais
e sua mulher, talvez um pouco demasiado
inclinada a relações sociais.

Queixou-se o médico de ter sido vítima
de um roubo e pretendia que os objectos

furtados fossem recuperados. Esses objectos eram belas e dispendiosas jóias. Mas disse a Bertha e a Lam que não pretendia descobrir o ladrão. Só as pedras preciosas lhe interessavam. Não fazia questão de dinheiro.

Ganhava o suficiente para pagar fosse o que fosse - e pagou com a vida. Pobre rico Dr. Devarest.

CAPÍTULO 1

A grande lancha de pesca baloiçava preguiçosamente para além das roliças vagas que pareciam avolumar-se com a preia-mar. Era demasiado cedo para a presença de uma multidão de pescadores. Só alguns se tinham instalado, em vários pontos do cais. A leste, o sol clareava os cumes dos montes costeiros da Califórnia, espraiando-se sobre a superfície ondulante de um mar oleoso, sem vento encrespante, de quando em quando reflectindo um clarão luminoso, como projectado por um espelho.

Bertha Cool, tão sólida como competente, sugerindo um rolo de arame farpado, estava sentada numa cadeira

de pesca, com os pés bem firmados no cais. Os seus calmos olhos cinzentos, duros como diamantes e perscrutadores, estavam fixos na linha, justamente no ponto em que esta entrava na água, atentos ao primeiro pequeno esticão.

Enfiou uma das mãos na algibeira do seu casaco de malha, tirou um cigarro e meteu-o à boca, sem desfitar a linha de pesca.

- Tem um fósforo? - perguntou-me.

Apoiei a base da cana de pesca no cais, mantive-a, com os joelhos na mesma posição, tirei a caixa de fósforos, do bolso das calças, risquei um e, defendendo-o do vento com a mão em concha, estendi-lho.

- Obrigado - disse ela, acendendo o cigarro e aspirando uma profunda fumaça.

A doença que a afectara reduzira-lhe o peso a setenta e dois quilos, mas, agora que se achava completamente

restabelecida, recuperara forças e decidira recomeçar

a pescar. A vida ao ar livre bronzeara-lhe a tez e parecia

tê-la endurecido ainda mais. Setenta e dois quilos, sim,

mas agora de músculos sólidos.

O homem que pescava, à minha direita, de aspecto

pesado e que dava a impressão de que soprava quando

respirava, comentou:

- Isso está a picar pouco, não?

- Quase nada.

- Já está aí há um pedaço, hem?

- Hum, hum.

- Vieram juntos, vocês os dois?

- Sim.

- Não apanharam nada?

- Pouca coisa.

Pescámos mais uns momentos, em silêncio, até que

ele voltou à carga:

- Não me importo de não pescar coisa alguma. Já é

bastante agradável poder-se estar aqui, descontraído, a

inalar ar salgado, longe desse infernal estridor da civilização.

- Hum, hum.

- Chego ao ponto de uma campainha de telefone me

soar aos ouvidos como se fosse uma bomba.

Riu-se e acrescentou quase apologeticamente:

- Chego a dar comigo a fitar o telefone, à espera do

momento em que vai tocar, tal como a sua... Desculpe-me,

não é sua esposa, pois não?

- Não.

- ia referir-me a ela como se fosse sua mãe,
mas

também não *parece...* e podia muito bem
ser sua mulher.

266

Hoje em dia, nunca se sabe... De qualquer maneira, dizia eu, vejo-a a olhar para a linha, como eu olho para o telefone, à espera que aconteça qualquer coisa.

- Advogado?

- Médico.

Após uma ligeira pausa continuou:

- É o que acontece com os médicos. Tanto se preocupam com os seus doentes que acabam por esquecer-se da sua própria saúde. Um constante vaivém. De manhã, temos as operações; da parte da tarde, as chamadas de urgência para o hospital, ou o serviço rotineiro do consultório clínico; à noite, as visitas a casa dos doentes...

Raro é que se consiga um momento de repouso e, mal nos sentamos numa cadeira confortável para um bocadinho

de descanso, lá toca o telefone!

- De férias? - perguntei.

- Não. Fazendo uma pequena gazeta. Fujo sempre

para aqui, todas as manhãs de quarta-feira, de há algumas

semanas para cá.

Hesitou e acrescentou:

- Tenho de fazê-lo. Ordens do médico.

Olhei para ele. Era um bocado gordo de mais. Tinha

as pálpebras pesadas e quando franziu as sobrancelhas,

parecia ter dificuldade em remetê-las à sua anterior

posição. A pele era pálida. Algo nele dava-me a ideia de

um bocado de massa, posta no forno e prestes a cozer

e aumentar.

- A sua amiga parece estar mal-humorada - observou.

- Está sempre. É minha patroa.

- Oh!

Bertha podia ter ouvido, ou não. Manteve os olhos na linha, como um gato, num buraco de rato. Não havia nela, a menor descontração quando queria uma coisa. E agora, queria pescar.
- Disse que trabalha para ela?

267

- Sim.

A sua expressão denunciou surpresa.

- Dirige uma agência de detectives -
expliquei

“B. Cool - Investigações Confidenciais.»

Estamos a gozar

uma folga, após terminado um caso.

- Oh! - repetiu ele.

Os olhos de Bertha tornaram-se mais
duros. Contraíu

mais os músculos, inclinou-se lentamente
para diante e

imobilizou-se, à espera.

A ponta da sua cana vergou-se levemente
e logo, com

a mão direita, pegou na manivela do
carreto. Os diamantes

dos anéis brilharam ao sol matinal. Uma
outra vez ó

extremo da cana agitou-se. A linha de
pesca começou

a descrever ligeiros movimentos sinuosos,
irregulares,

à superfície da água.

- Afaste a sua cana para o lado - comandou Bertha.

- Deixe-me espaço livre.

Comecei a afastá-la. Porém, qualquer coisa deu-me

um esticão no anzol, quase arrancando-me a cana das

mãos. Também a minha linha começou a deslizar, aos

sacões, na água.

- Oh! isso é magnífico. Estamos a sair do marasmo!

- comentou o médico.

Levantou-se, deu alguns passos sobre o cais, para me

deixar mais à vontade e, nesse momento, a ponta da sua

cana começou igualmente a inclinar-se para o mar. Notei

que os seus olhos se dilatavam, presos de viva excitação.

Comecei a erguer a minha cana e ouvi a voz de Bertha

dizer-me:

- Puxe por ele. Mexa-me esse carroto.
Estávamos os três, ocasionalmente ocupados. Na verde profundidade da água, podia agora discernir o corpo prateado de um peixe, lutando com a minha linha.
Bertha moveu-se para trás, com os ombros tensos.
Um grande peixe saiu da água e ela lançou a cana, ver-

gastando o ar, num rápido golpe para a retaguarda e projectando o peixe sobre o cais.

Neste momento, também o médico retirava o seu.

O meu, pôs-se a andar.

Mostrando os dentes, num sorriso confraternizante, o médico apreciou:

- O seu peixe é bem maior que o meu.

Bertha retorquiu entusiasmada:

- Hum, hum.

- Foi pena o seu ter-se ido embora - disse-me ele.

- Donald não se rala - explicou Bertha.

Como o médico me olhasse curiosamente, esclareci:

- Gosto de apanhar ar, de um pouco de exercício e

deste sentimento de liberdade. Quando tenho de investigar

um caso, não posso pensar noutra coisa, senão nele.

Portanto, entre dois casos, pelo-me por uma folgazinha deste género.

- Comigo, passa-se o mesmo - afirmou o médico.

Pela primeira vez, Bertha olhou para ele. Da tenda de cachorros-quentes que estava por detrás deles, evolavam-se odores apetitosos e o médico desafiou

Bertha:

- Que tal, um “cachorro»?

- Agora não - recusou ela. - O peixe está a morder.

Com dedos competentes, tirou o peixe do anzol e

meteu-o no saco; iscou novamente aquele e lançou-o à

água. Pelo meu lado, deitei a cana no cais e fiquei a

observá-la.

Nos próximos quarenta segundos, Bertha pescou

outro e o médico deixou um fugir. Sessenta segundos mais tarde, o médico pescou um grande e Bertha, um pequeno. Depois a sorte, foi com os peixes, para outras bandas. Mas Bertha insistia.

- Que me diz, agora, do tal “cachorro»? - convidou o médico novamente. Bertha aceitou.

269

-E VOCÊ?

- *Okay.*

- Vocês fiquem aqui a pescar, que eu trato dos petiscos propôs ele. - Olhe pela minha cana, sim? acrescentou.

Peguei nela, enquanto o médico se dirigia para a tenda, de onde voltou, pouco depois, com seis “cachorros»

fumegantes, com mostarda e picles. Agora,
o
sol já cavalgava a montanha e viam-se filas
de automóveis
acercando-se do cais.

- Quem diabo é ele? - inquiria Bertha,
enquanto o
homem se aproximava.

- Um médico que tem trabalhado de mais e
“reinado»
de menos. O seu próprio médico disse-lhe
que
descansasse. Pressinto que pretende
qualquer coisa...

- Pareceu-me ouvi-lo a si, dizer-lhe quem eu
era.

Você, Donald, tem faro para essas coisas. O
homem deve
querer qualquer coisa.

Quando ele chegou junto de nós, distribuiu
dois

“cachorros» por cada e comentou, virando-
se para Bertha:

- Nunca diria que o seu parceiro fosse detective.

Pensei que os detectives fossem uns tipos grandes, fortalhaços.

- Se o visse trabalhar, surpreender-se-ia - retorquiu

Bertha. - É um garoto esperto, brilhante mesmo. Os

miolos contam muito, neste ofício.

Notei que os olhos papudos do médico me examinavam

especulativamente.

- Se tem algum problema, cos diabos, deite-o cá

para fora - sugeriu Bertha.

Ele olhou-a de relance e titubeou:

- O quê? Eu

Começou a rir, com notórias sacudidelas de ombros.

- Muito bem, ganharam - concedeu. - Tenho passado

a vida a diagnosticar os meus pacientes e não espe-

rava ser diagnosticado por vocês. Como
deram por isso?

270

- Você é um livro aberto - disse Bertha. -
Mal Donald
Ihe disse quem eu era, não mais parou de
interessar-se
por nós. De que se trata?
O médico passou o “cachorro» para a mão
esquerda
e, com a direita, tirou uma carteira, e,
desta, um cartão-de-visita.
Deu-o a Bertha. Repetiu a manobra e
entregou-me
outro. Olhei-o de relance e meti-o no bolso.
Soube
então tratar-se do Dr. Hilton Devarest, que
as suas consultas
exigiam marcação prévia e que morava
num bairro
chique dos arredores, mantendo também
consultório no
Medical Mutual Building.
Bertha passou a unha pelos caracteres
impressos,
verificando serem de tinta em relevo, e a
polpa do dedo,

pela borda do cartão, para analisar-lhe a qualidade. Depois

de eclipsá-lo numa algibeira, declarou:

- Tem toda a organização na sua frente, Dr. Devarest,

pelo menos a que interessa. Sou Bertha Cool. Ele é

Donald Lam. Vamos lá ouvir o que o aborrece.

O Dr. Devarest coçou uma orelha e satisfez:

- O meu problema é muito simples. Fui vítima de um

roubo e gostaria de recuperar as coisas.

Vamos agora aos

factos. Tenho um quarto, adjacente àquele onde durmo,

que equipei com objectos bastante obsoletos: um aparelho

de raios-X fora de uso, vários outros equipamentos eléctricos,

um microscópio sob um espelho côncavo, e outra

tralha que impressiona a vista.

- Costuma trabalhar aí? - perguntou Bertha.

Devarest fechou os olhos. Abriu-os. O seu estômago

sacudiu-se de riso quando respondeu:

- Nunca. Aquilo só serve para impressionar os visitantes.

Quando estou farto de aturar as visitas de minha

mulher, finjo que vou para ali, entregar-me a pesquisas

científicas. Posso assegurar-vos que, para um leigo, todo

aquele ferro velho, pintado de novo, é deveras impressionante.

271

- Nesse caso, que faz quando se enfia nele?
- sondou

Bertha.

- Tenho a um canto do quarto uma magnífica poltrona, extraordinariamente confortável, e por detrás dela um óptimo candeeiro. Sento-me ali a ler romances policiais.

Bertha abanou a cabeça aprovativamente.

- É um belo “escape» para pessoas inteligentes considerou.

O Dr. Devarest prosseguiu:

- Na segunda-feira, à noite, tinha em casa uns convidados, particularmente maçadores. Refugiei-me no meu estúdio. Quando eles se foram embora, minha mulher subiu e veio ao quarto...

- Que pensa ela desse truque para deixá-la sozinha, a aturar as visitas.

Um largo sorriso inundou o rosto do Dr. Devarest.

- Ninguém consegue aborrecê-la - afirmou.

- Gosta

de ver gente, gosta de ouvi-la falar e, sobretudo, de

ouvir-se a si mesma, quando tagarela interminavelmente.

Além disso, julga que estou a trabalhar.

- Quer dizer que ela ignora que o estúdio é uma

falsificação?

Devarest hesitou, escolhendo as palavras, e decidi

intervir:

- Aquele refúgio deve ter sido arquitectado, primordialmente,

para iludi-la, a *ela*.

- Porque diz isso? - inquiriu o médico.

- Porque sorri, ou ri, com grande satisfação, sempre

que pensa nele. De resto, esse pormenor não faz grande

diferença. Qual o resto da história?

Virou-se para Bertha e comentou:

- Este rapaz sabe conhecer as pessoas É um bom avaliador!

- Já lho tinha dito - cortou Bertha, secamente.

E segunda-feira, que se passou?

272

- Minha mulher tinha posto algumas jóias e, quando as visitas partiram, veio pedir-me que as guardasse no cofre... as jóias, evidentemente.

Tornou a rir-se. Eu inquiri:

- Tem o cofre no estúdio?

Ao mesmo tempo, Bertha avaliou:

- Esse cofre é também ferro velho, como o resto da tralha?

- Não - respondeu ele. - É a última palavra em cofres. Está a um canto do estúdio.

- Que aconteceu? - interessei-me.

- Tirou as jóias que tinha nos dedos, nas orelhas e ao pescoço e entregou-mas, para que lhas guardasse no cofre.

- Faz isso habitualmente?

- Não, mas, nessa noite, disse-me achar-se nervosa,

com um certo pressentimento de que algo podia acontecer-lhes.

-E aconteceu?

- Sim. Foram roubadas.

- Antes de tê-las metido no cofre?

- Não. Depois. Fechei-as e fui para a cama.

Tinha

uma operação no dia seguinte, às seis da manhã. Uma

rotura de apêndice. Depois, seguiram-se as operações

normais da manhã.

- Onde costuma sua mulher, habitualmente, guardar as jóias?

- Quase sempre num cofre alugado, no nosso banco.

Quando pretende usá-las, telefona-me para o hospital e

pede-me que vá buscar-lhas. Se quer pedir-me para guardá-las

no cofre do estúdio, espera que eu vá almoçar a

casa.

- Tem sempre de pedir-lhe? Não conhece o segredo

da combinação do cofre?

Devarest afirmou positivamente;

18 - VAMP. G. 7

273

- Sou o único a saber como se abre e fecha aquele cofre.

- Que fez, desta vez? - perguntou Bertha.

- A enfermeira do meu consultório ligou para o

hospital e eu disse-lhe que iria mais cedo para casa. Fui

para lá, por volta das duas horas... um pouco antes, pois

não tinha ingerido nada de manhã, a não ser duas chávenas

de café. Mal cheguei a casa, subi ao meu quarto e

depois entrei no estúdio.

- Sua mulher onde estava? "

- Foi atrás de mim.

- Entrou?
- Não, ficou à porta.
- Abriu então o cofre? - inquiriu Bertha.
- Sim e as jóias tinham desaparecido.
- Faltava mais alguma coisa?

Devarest olhou para Bertha com a mesma expressão

com que ela fitara a linha à espera do peixe. Secamente, respondeu:

- Não. Só lá estavam os estojos. De resto o cofre

tinha pouca coisa. Um par de livros de cheques de viagem

que guardo aí para uma questão de emergência e algumas

notas de trabalho de pesquisa médica. Estou a trabalhar

em casos de nefrite.

- Talvez não tenha fechado bem o cofre, quando

guardou as jóias - admitiu Bertha.

- Isso está fora de questão - negou ele.

- Havia sinais de arrombamento?

-Não. Quem abriu o cofre, conhecia a combinação.

- Como foi isso possível? - espantou-se Bertha.

-É exactamente o que não sei.

- Poderia alguém, alguma vez tê-lo visto... - começou Bertha.

- Sei quem o fez... Isto é, sei quem sabe *quem* o fez.

- Quem?

274

- Uma jovem chamada Starr, Miss Nollie Starr, secretária de minha mulher.

- Que há acerca dela? - perguntei.

Após uma breve hesitação, o médico declarou:

- Por vezes chegámos a duvidar daquilo que é evidente.

Esfregamos os olhos e temos a noção de que estamos

a sonhar. Foi o que senti, quando abri o cofre. Como é natural, minha mulher fez-me uma data de perguntas e estas clarearam-me o espírito. Fiquei absolutamente certo de que fechara o cofre e rodara a combinação de segurança.

- Que aconteceu com essa Miss Starr? - insisti.

- Minha mulher chamou-a e ordenou-lhe que chamasse a polícia.

- E depois?

- Esta nunca mais vinha. Como já tivesse passado mais de uma hora, minha mulher foi averiguar o motivo da demora. Pois bem. Miss Starr desaparecera, sem ter chamado a polícia. Isso permitiu-lhe um bom pedaço de tempo, para pôr-se ao largo.

- E depois?
 - Finalmente a polícia apareceu e pôs-se à procura de impressões digitais por todo o cofre. Alguém tinha-o limpo com óleo. Não deram com uma única para amostra. Tinha sido esfregado inteiramente, com um pedaço de camurça.
 - Como souberam isso?
 - Porque encontraram, no quarto de Miss Starr, essa camurça impregnada de óleo de espingarda e havia lá, também, uma lata desse óleo. Ela partiu de casa, sem levar coisa alguma. Até deixou a escova de dentes. Sumiu-se, foi o que foi.
 - E a polícia não conseguiu encontrá-la?
 - Ainda não.
 - Que quer que façamos?
- Devarest virou-se para o oceano e disse:

- Até ter-vos encontrado aqui, ainda não sabia **se**,
realmente, queria que se fizesse qualquer coisa, mas...

se conseguirem contactar com Miss Starr, antes que a polícia a cace... bem, podiam dizer-lhe que devolvesse as jóias. Depois, deixá-la-iam ir para onde quisesse. Pagar-vos-ei uma boa compensação pelo trabalho.

- Quer dizer que não pretende processá-la?
- estranhou
Bertha.

- Não, não quero processá-la - confirmou ele.

Dar-lhe-ei até umas boas alvíssaras.

- Quanto?

- Mil dólares.

Devarest ficou por momentos imóvel olhando absorto para o horizonte à espera que Bertha dissesse qualquer

coisa. Eu já sabia o que cirandava no espírito de Bertha, mas esta não piou, até que o médico, impressionado por aquele silêncio, se voltou para ela. Então, Bertha atirou-lhe:

Quanto nos toca?

O Dr. Devarest levou-me a casa para jantar com ele.

Não se fez esquisito, ao apresentar-me. Anunciou-me

como sendo um detective privado que ele contratara para auxiliar as investigações da polícia.

A casa confirmou-me a impressão que já formara do

proprietário. Devia ter custado imensa massa a construir,

imensa massa a enchê-la de coisas, e uma data dela, para

conservá-la mensalmente, tal como estava. Arquitectura

espanhola, toda estucada por dentro e por fora; tecto de

telhas vermelhas, varandas e janelas com gradeamentos artísticos de ferro forjado; jardim circundante, vasto e bem tratado, rodeado também de um gradeamento impressionante; pátio; instalações para os criados; casas de banho por todo o lado; grandes janelas envidraçadas; pesados reposteiros; fontes; peixes encarnados; cactos

276

e uma atmosfera grandiosa. Havia, à mesa, comida demasiada, cara de mais e excessivamente condimentada.

Mrs. Devarest tinha um duplo queixo, olhos papudos, apreciava a bebida e a comida e proferiu observações completamente ocas. O seu primeiro nome era Colette.

Viviam com ela, dois membros da sua família. Jim

Timley era um jovem bronzeado que, evidentemente, andava sem chapéu para evitar uma calvície que já se lhe prenunciava no alto da cabeça, mas essa tentativa dir-se-ia infrutífera. Tinha o cabelo preto, completamente liso, mas os seus olhos eram claros, cor de avelã desmaiada. A boca tinha um corte agradável e possuía belos dentes de que

sabia servir-se, sorrindo constantemente, A
maneira como
me apertou a mão indicava que tivera
ocasião para praticar,
abundantemente, desportos ao ar livre. Era
sobrinho
de Mrs. Devarest, filho de um seu irmão, já
falecido.

O outro membro da família era uma
sobrinha de Mrs.

Colette Devarest, uma tal Mrs. Nadine Croy
que tinha uma
filhinha chamada Selma, de cerca de três
anos. Selma

jantara mais cedo, na sua sala-infantário, e
não cheguei a
vê-la nessa noite. Mrs. Croy era filha da
irmã de Mrs.

Devarest. Apostei comigo mesmo em como
tinha dinheiro.

Devia andar à volta dos vinte e nove anos e
cuidava da
sua figura, notando-se, ao jantar, fazer
dieta. Possuía

grandes olhos negros que denunciavam certa apreensão.

Como ninguém se tivesse referido a Mr. Croy, seu ausente marido, achei não dever fazer perguntas a esse respeito.

Havia lá em casa um mordomo com cara de pau e um par de criadas magras. Outra, chamada Jeanette, tinha classe e curvas. Descobri também que Mrs. Devarest tinha um motorista, mas não o encontrei, dessa vez.

Era a sua noite de folga. Mrs. Devarest tinha a mania dos criados e da vida mundana. Em contrapartida, o marido detestava tanta gente à sua volta, não só a servi-lo, como a entendê-lo com falatório social. Preferia que o dei-

xassem sozinho, mal largava o trabalho, o que não conseguia frequentemente.

Depois do jantar, Mrs. Devarest apresentou ao marido

uma lista de chamadas de doentes, que lhe fora entregue

pela enfermeira do consultório. Contudo, o médico sugeriu-me

que o acompanhasse, por momentos, ao seu estúdio,

para trocarmos impressões.

O estúdio correspondia à descrição que dele fizera e

instalei-me numa cadeira, no meio do seu aparentemente

formidável equipamento eléctrico. Devarest sentou-se na

sua poltrona, puxou para o pé de si o telefone e a lista

de chamadas que a mulher acabara de entregar-lhe.

- Abra a porta desse equipamento de electrocardiografia

- disse-me.

- Qual é ele? - perguntei.

- O que está à sua direita.

Abri-a. Não tinha o menor fio eléctrico, mas sim uma

bela garrafa de *whisky*, outra de *bourbon*, alguns copos

e um sifão de soda.

- Sirva-se - incitou. -

Também quer? - inquiri.

- Não. Tenho de sair.

Preparei um copo e verifiquei tratar-se do *whisky*

mais caro que havia no mercado. O Dr. Devarest marcava

um número no disco do telefone. A sua voz era

suave e tranquilizadora. Parti do princípio, depois de

escutar os diversos telefonemas, que a maioria dos seus

doentes sentiam-se muito melhor, depois de falarem com

ele. A dois deles, receitou-lhes uma droga qualquer que poderiam mandar comprar numa farmácia. A outros três prometeu visitá-los na própria noite. Eram duas mulheres e um homem.

- Quer vir daí comigo? Não demoro mais do que uma hora - convidou.

- Prefiro esperar aqui - recusei.

278

- Dê uma vista de olhos pelos sítios. Minha mulher prestar-lhe-á toda a cooperação que desejar.

- Essas três chamadas - interessei-me -, eram realmente urgentes?

Fez uma careta e não respondeu imediatamente.

Depois, confessou:

- Bem, não são. São meus doentes habituais, um trio de neuróticos que se mantêm a pé toda a noite a jogar

brídege... e todas as noites; que bebem de mais, não

fazem qualquer exercício que não seja dar cartas, com

peso de sobra e já passados dos cinquenta anos. Quando

se reúnem todas estas condições, arranja-se sarilho com

a saúde, pela certa.

- Mas não têm nada de grave?

- Está visto que têm. A pressão é alta, as artérias estão secas, quase a rebentar, os corações trabalham miseravelmente e não percebem que a saúde depende do corpo e não da mecânica. Se um dos seus automóveis começa a avariar-se, metem-no na garagem, até estar bom. Com o corpo humano, as coisas não correm dessa feição tão simples.

- Vai-lhes aconselhar uma dieta?

- Nessa não caio eu. Arranjariam outro médico, amanhã, de manhã. Também querem que eu faça dieta, mas como diabo poderei fazê-la, com quatro ou cinco jantares de cerimónia por semana?

- Por que motivo tem mesmo de ir a essas visitas,

a estas horas? Acho que devia ficar, esta noite, em casa

e mandar toda essa gente ao diabo - sugeri. - Quem são eles?

- Porque quer saber?... E porque diabo lhe contei tudo isto?

- Porque quero saber - respondi.

- Limite a sua curiosidade ao paradeiro de Miss

Starr - indicou, e deixe-me tratar dos meus negócios médicos.

279

Quando a sua mão já estava no puxador da porta,

disse-lhe:

- Bem, já sei quem tem as jóias. Não é Miss Starr.

- Quem é? - inquiriu espantado.

- Você.

A carne em volta dos seus olhos inchou de tal maneira

que me pareceram quase fechados. Mas esforçou-se

por mostrar-se indignado.

- Eu?

- Exactamente.

- Está maluco.

- Não - declarei. - É um cofre extraordinário e o

roubo das jóias não pode ter ocorrido como o descreveu.

Decerto que fez a descrição delas à polícia, peça por

peça, e se foram roubadas, os “chuis» devolver-lhas-ão.

Mil dólares é uma recompensa demasiado alta, para uma ladra, e achei que essa sua decisão surgiu depressa de mais. Palpita-me que havia algo dentro desse cofre que valia muito mais, para si, do que as jóias. Descobriu que isso desaparecera e teve, pois, de descobrir quem poderia tê-lo levado. Mas não poderia fazê-lo por meios normais. Por essa razão, aproveitou a oportunidade de sua mulher lhe ter entregue as jóias e meteu-as no cofre, mas tornou a tirá-las e chamou a polícia, no dia seguinte. Dessa maneira, pode exercer pressão, para reaver o que lhe interessa. Nollie Starr não deve ter podido aguentar essa pressão. Quando compreendeu que você ia acusá-la do

roubo das jóias e não daquilo que você tinha, compreendeu que estava tramada. Fugiu e isso informou-o do que queria saber. Por esse motivo, quer agora falar com Miss Starr.

Fechou a porta, voltou para trás e colocou-se na minha frente, numa atitude tão belicosa que pensei que fosse socar-me. Mas quando lhe sorri, inocentemente, exclamou:

- Lam! Isso é absurdo!

280

- Estou aqui para ajudá-lo - lembrei -, e, da mesma maneira, você não poderia ajudar um paciente que lhe mentisse, acerca dos sintomas. Só poderei ser-lhe útil, se me contar a verdade. Não são as jóias o que pretende conseguir de Miss Starr, pois não?

- Todo o seu raciocínio é um disparate - declarou ele. - Trate de recuperar as jóias das mãos de Miss Starr e é tudo quanto lhe peço. Limite-se a cumprir a missão para que foi contratado e não se embrenhe em tantas deduções.

Olhou para o relógio e acrescentou:

- Tenho de ir ver esses doentes e, de caminho, paro numa farmácia para aviar umas receitas. Deixe-se estar

aqui no estúdio. Encontrará certamente um livro que lhe agrade, dentro dessa máquina diatermal. Eu conto-lhe o fim da história, quando chegar, porque não terá tempo de lê-la toda.

- Qual é a diatermal?

- Essa que está à esquerda da sua cadeira. Acenda a luz, atrás de si, e leia.

- Quando estará de volta?

Tornou a consultar o relógio e respondeu:

- Por volta das nove e meia o mais tardar. E não se ponha a fazer mais deduções. Não fale com ninguém.

Deixe-se estar sentado a ler.

Deu meia volta e saiu do estúdio apressadamente

Tive a impressão de que se sentiu feliz, por poder pôr-se a andar.

CAPÍTULO 2

Na Primavera e no fim do Outono, a Califórnia do Sul é flagelada por tempestades do deserto, peculiarmente violentas, a que chamam “santanas», ou “Santas Anãs», Algumas horas antes de esta ventania começar, o céu mostra-se limpo e sem um grão de poeira. Os porme-
281

nores dos objectos podem discernir-se a grande distância e avistam-se, nas estradas e na planície, com a maior clareza, a milhas de distância, casas e carros que, noutras condições atmosféricas, ninguém teria sequer enxergado. O ar torna-se quente, totalmente calmo e sem a menor brisa; sem vida de qualquer espécie. A seda e o *nylon* provocam ligeiros estalidos ao serem friccionados, de tal modo estão carregados de electricidade. É então que, subitamente, começa a soprar uma vaga de vento fortíssimo de leste, ou do norte, vento esse quente e seco, transportando partículas finíssimas de poeira que se nos infiltram através dos lábios, mesmo que

os tenhamos cerrados, e se nos acumulam nos dentes.

Como regra, sopram durante três dias e três noites.

Mesmo as zonas que não estão directamente expostas à acção do vento, sofrem os efeitos corrosivos do ar seco e quente. As pessoas ficam com os nervos tensos, tornam-se anormalmente irritáveis. A epiderme do corpo

liberta imediata transpiração, para defender-se da secura calmosa do ar e a pele torna-se pardacenta, pelo depósito da poeira.

Sentado no estúdio do Dr. Devarest entretive-me a pensar um pouco no caso. Havia ali uma varanda e o ar tornou-se tão calmo que me deu a impressão de que

as janelas não estavam abertas. Levantei-me e fui à varanda.

Olhei para o céu maravilhosamente estrelado e compreendi

que se aproximava uma “santana». Voltei para

dentro, dirigi-me ao equipamento que apresentava uma

placa metálica indicando *Continental Diathermy Laboratories,*

Inc. De Luxe Model AAA-6 e abri-lhe a porta. Lá

dentro, no meio dos fios eléctricos, havia duas prateleiras

em que se alinhavam vários livros. Tirei três, para

fora das improvisadas estantes, ajustei a luz, atrás de

mim, e comecei a ler.

282

Mal acabara o terceiro capítulo do primeiro que escolhera, o vento começou a rugir. Apesar de embater violentamente com a parede da casa que tinha as janelas fechadas, pelo lado não exposto à ventania entraram verdadeiras nuvens de poeira, pelo que tornei a levantar-me, para fechar as desse lado. Voltei à leitura do livro e em breve estava verdadeiramente interessado, pois mesmo um profissional encontra, muitas vezes, assunto empolgante em histórias de ficção desse género. Não havia dúvida que o Dr. Devarest era um bom apreciador e fizera uma boa escolha. O tempo passou sem que desse por ele. A dada altura, uma tábuca do soalho estalou e eu tinha

os meus nervos de tal modo irritados que me pus de pé, num salto.

Nadine Croy estava de pé, atrás de mim, fitando-me

com os seus olhos negros, apreensivos.

Sorriu ao ver

erguer-me sobressaltado.

- Vai ficar à espera do doutor? - perguntou.

- Sim.

A sua hesitação era uma contradição ao que seria de

esperar de uma pessoa bem-educada.

Olhei para o meu

relógio de pulso e verifiquei faltarem vinte minutos para

as onze da noite.

- Ele disse-me que estaria cá por volta das nove e

meia, o mais tardar.

- Bem sei - retorquiu ela. - Por vezes, é um pouco

vadio e demora-se muito mais do que tenciona. Mrs. Devarest

pensa que seria melhor você voltar cá, amanhã, de manhã.

- A família ficaria incomodada se eu esperasse? sondei.

- Podemos *arranjar* as coisas de maneira que possa instalar-se cá em cima, se *realmente é* isso que o doutor pretende.

- Não sei o que ele pretende - respondi -, mas sei

283

o que *eu realmente* pretendo. Tenho de começar *a* trabalhar, quanto antes, a fim de esclarecer vários factores.

Quero ficar à espera, até que ele regresse.

- Talvez possa ajudá-lo--ofereceu-se Nadine.

Duvidei bastante da sua sinceridade. Ficou a olhar-me,

por momentos, e depois fechou a porta e sentou-se perto

de mim. Como me mantivesse ainda de pé, convidou:

- Sente-se também, Mr. Lam. Talvez eu possa pôr

algumas cartas na mesa e consigamos conhecer-nos um

pouco melhor.

Sentei-me e notei-lhe nos olhos uma sombra de tragédia.

Talvez quisesse contar-me qualquer coisa de que

ela própria se receava; talvez essa impressão proviesse

unicamente do facto de possuir uns olhos demasiado

grandes para o seu rosto. Por fim, declarou:

- Lamento que o Dr. Devarest o tenha contratado.

Não respondi.

- Porque - continuou ela após curta pausa, sei

perfeitamente do que anda à procura.

- As jóias? - inquiri.

- Jóias... - repetiu ela, como se isso não tivesse a

menor importância. - Está tentando descobrir o paradeiro

de certa coisa que ele tinha no cofre.

- Parece que sabe mais do que eu - observei.

- Bem, acho que o Dr. Devarest não devia tê-lo

metido neste assunto confidencial. O facto é que...

depreendo que o mandaram procurar algo que ele tenta

evitar que eu conheça.

Mantive-me quieto e calado, como uma ostra.

- Não é muito palrador, pois não? - perguntou.

- Não tenho nada a dizer sobre o assunto.

- Podia, ao menos, esclarecer-me de até que ponto

o Dr. Devarest foi franco consigo.

- Creio que isso compete ao próprio Dr. Devarest.

- Já descobriu alguma coisa, acerca de Miss Starr?

- É disso exactamente que estou à espera.

284

- Pode explicar-se melhor?
- Quero revistar-lhe o quarto e verificar as coisas que ela lá deixou.

, -A polícia já viu tudo isso.

- Bem sei, mas quero ver, pessoalmente...

- Importa-se que seja *eu* a mostrar-lhe o que ela abandonou? - propôs.

- Porque não? - aceitei.

- Não sei se o Dr. Devarest o aconselhou a não falar comigo, ou se é tão reservado, porque suspeita,, de mim.

Sorri-me e respondi:

- Nunca suspeito seja de quem for, antes de descobrir qualquer prova convincente.

- Nesse caso, venha daí.

Pousei o livro sobre uma mesa onde já colocara os que não chegara a abrir, segui-a através do quarto de

cama do médico, e, em seguida, ao longo de um comprido corredor de acesso a umas escadas das traseiras

que desciam até a um pátio. Aí, Nadine abriu a porta de um quarto e anunciou:

- É aqui.

O quarto de Miss Starr estava mobilado “economicamente», mas era confortável e limpo. Cama de ferro esmaltado, cómoda de pinho, com um grande espelho, uma secretária de trabalho, armários de roupa, uma retrete com banho de chuveiro, armário de casa de banho; mesa-de-cabeceira com candeeiro, um relógio despertador, três cadeiras vulgares e uma de braços, forrada a coiro barato.

O despertador metálico soava desagradavelmente

com um forte tiquetaque que contundia com os nervos.

-Quem deu corda ao despertador? - inquiri,

- Que quer dizer com isso?

-Não é verdade que Miss Starr partiu ontem?

-Sim, ontem à tarde.

285

- Ora, isto é um despertador, com corda para vinte

E quatro horas - observei. „

- Sim, mas não vejo onde quer chegar...

; -Se Miss Starr não lhe deu corda, ontem à noite,

Nem hoje de manhã, não estaria a trabalhar neste momento

--^expliquei.

- Sim, realmente... A polícia esteve cá, ontem à

noite. Talvez um dos agentes tivesse dado corda ao despertador.

Peguei no relógio de cabeceira e verifiquei que tinha

o manípulo de despertar na posição de travado; o indicador

da hora para actuar marcava seis e um quarto.

- Quer dar uma vista de olhos pelo resto? - perguntou

Maine.

- Sim.

Sentou-se na cadeira de braços a olhar para mim.

enquanto comecei a inspeccionar os armários.

- A polícia já viu tudo isso - repetiu ela. -

Peça,

por peça.

- Bem sei. Estou à procura das coisas que a polícia

não viu.

- Tais como?

- Isto, por exemplo - satisfiz, mostrando-lhe um

par de luvas de pele de porco.

- São luvas de senhora... de Miss Starr. Que têm

de especial?

Tirei um lenço da algibeira e esfreguei-o numa das

luvas. Depois, mostrei-lho.

- Que é isso?

- Massa lubrificante: grafite. Não é muito habitual

lubrificarem-se luvas de sair à rua, com massa para engrenagem de motor. Tem a certeza de que estas luvas eram de Miss Starr?

- Bem... Não sei. Como estavam aí... nesse armário... devem ser dela.

- Se lhe pertencem, pode significar que esteve a

286

lidar com qualquer máquina que precisava de ser lubrificada.

Ela tem carro próprio?

- Não. Nos seus dias de folga, ia de autocarro até à cidade. Quando tinha de sair em serviço da Tia Colette, era quase sempre o motorista que a levava e trazia de volta.

- Vejo um par de calções e sapatos de ténis, neste armário. Também um par de peúgas cheirando a borracha e a transpiração.

Mrs. Nadine Croy riu e disse:

- Miss Starr era do tipo de garota atlética. Gostava de jogar ténis, embora nunca tivesse conseguido convencer o motorista a jogar com ela.

- Davam-lhe tempo de folga para jogar ténis, durante

o dia?

- Oh, não! Ia jogar de manhã, muito cedo.

- A que horas começava ela a trabalhar, cá em casa?

- O pequeno-almoço é às oito. Ela começava a trabalhar, logo a seguir, na correspondência de Mrs, Devarest...

a Tia Colette, como lhe chamo. Enquanto bebe o

seu café matinal, a tia vai lendo as cartas que Miss Starr

lhe passa para as mãos e vai ditando as respostas.

- Portanto, o ténis era antes das oito horas do

pequeno-almoço, O despertador estava marcado para as

seis e um quarto, decerto para esse efeito.

Nadine abriu ainda mais os já grandes olhos e

comentou:

-Não há dúvida que você descobre coisas!

,

Não respondi.

Abri o armário da casa de banho e examinei os frascos e tubos, aí arrumados.

- Esta escova de dentes é dela? - perguntei.

Nadine riu-se e respondeu:

- Na verdade, Mr. Lam, não posso identificar essa

287

escova de dentes. É uma escova de dentes e está aí dentro.

Que diferença é que isso faz?

- Se é dela esta escova de dentes, tal significa que partiu com tanta pressa que nem sequer isto levou.

- Posso assegurar-lhe que partiu muito apressadamente e não voltou cá para buscar fosse o que fosse das suas coisas.

Meti as mãos nas algibeiras e recuei até bater com as costas na mesa de trabalho. Então, pus-me a examinar o chão.

- Que se passa agora? - disse Nadine. - Realmente, mesmo admitindo que você seja um extraordinário detective, há-de convir que a polícia também não é estúpida

de todo! Pesquisaram este quarto até ao mais ínfimo pormenor. Acho que pode estar descansado, quanto a isso, pois não deixaram de verificar e analisar todos os indícios que aqui estão.

- E quanto aos indícios que não estão?

- Isso é o que se chama uma pergunta enigmática

- comentou Nadine.

Permaneci calado durante um bom pedaço. Então, a

curiosidade impeliu-a a perguntar:

- Não o ofendi, pois não? A que indícios se referiu?

-Quando?

- Quando me disse que não estavam cá.

- Não são os indícios que faltam. Sim as coisas que

deviam cá estar e que podem ser indícios, exactamente,

porque faltam.

- Como por exemplo?

- A raqueta de ténis.
- Que tem ela a ver com o caso?
- Aparentemente, Miss Starr saiu daqui, ontem à tarde, e não tornou a aparecer. Estivera a jogar ténis, de manhã. Ora, joga-se ténis com uma raqueta. Está aqui o saco das bolas. Só cá não está a raqueta.
- Tem a certeza?

288

- Revistei tudo e não a vejo. -,

Perplexamente Nadine exclamou:

- Essa é boa! Estou certa de que tem uma raqueta.

Já lha vi!

- Onde está?

- Não sei. Realmente é *muito* estranho!

Continuava-se a ouvir o enervante tiquetaque do despertador metálico, mas ouvia-se também um outro ruído

constante que batia insistentemente à porta do meu subconsciente.

Imobilizei-me para escutar mais atentamente.

Parecia o ronronar do motor de um grande frigorífico.

- A cozinha fica aqui próxima? - perguntei.

- É aqui ao lado, por detrás desta parede.

- Creio que deixaram a porta do frigorífico aberta

--admiti.

- Porque diz isso?

- Porque estou a ouvir-lhe o motor, de maneira demasiado audível.

Nadine pôs-se à escuta, esticou os lábios e decidiu:

- Vamos lá ver.

Quando entrámos na cozinha, verificámos, imediatamente, que a porta do frigorífico estava fechada. Mas não cessava o ruído contínuo.

- Voltemos ao quarto de Miss Starr - propus.

Tentemos orientar-nos, quanto à proveniência do som.

Momentos depois, ao entrarmos no corredor de acesso aos quartos dos criados, o insólito ruído tornou-se ainda mais audível.

- Onde fica a garagem? - inquiri.

- Ao fundo do pátio. Há uma porta, ali adiante, que lhe dá acesso.

Fomos até ela. Nadine acendeu a luz e eu abri a porta. Era uma antecâmara de garagem, com pneus e ferramentas. Deixei passar Nadine à minha frente e ela abriu uma segunda porta. Agora o ruído de um motor era mais forte. Uma

19 - VAMP. G. 7

289

lufada de ar quente, impregnada de fumo, bateu-nos no rosto. Recuei um passo, enchi o peito de ar e lancei-me através da garagem até à porta exterior. Não era uma só, mas duas, desse tipo articulado, de baloiço, que se levantam e descem, rodando sobre um eixo horizontal, com um peso em cima, para contrabalançar o da porta. Abri a que estava em frente do carro cujo motor trabalhava. Esperei que os fumos se dissipassem com a entrada do ar exterior. Era um pequeno carro de dois lugares. Debaixo dele, viam-se os pés do Dr. Devarest. Arrastei-o para o ar livre e Nadine City correu a ajudar-me. Percebi imediatamente que já era demasiado tarde.

Não era a primeira vez que via aqueles sinais evidentes de intoxicação por monóxido de carbono: rosto ligeiramente congestionado por asfixia.

O Dr. Devarest estava tão morto, quanto o pode estar um perfeito cadáver.

CAPÍTULO 3

O som das sirenes dos carros-patrolhas cortou a noite e logo luzes de faróis se espelharam nas janelas da residência do Dr. Devarest. O roubo do cofre já fora bastante alarmante; agora a morte do proprietário tornava a noite trágica.

Atrás dos polícias chegaram os repórteres jornalísticos.

Também o *coroner (1)*, no seu próprio carro particular.

O capot do motor fora erguido, como se alguém

desejasse reparar uma avaria. A mão do morto estava

muito suja, com massa lubrificante de grafite. A algibeira

(1) O Magistrado local, encarregado da investigação de casos

de morte súbita (**N. do T.**)

. 290 : . '• ? "*^v""

esquerda do seu casaco apresentava um rasgão, como se lhe tivesse sido arrancado à força, de repelão. Onde estivera o corpo via-se, no chão, a sua bolsa de médico.

O depósito de gasolina só continha um quarto de combustível, e, aparentemente, ninguém ouvira o Dr. Devarest regressar a casa. Nada indicava, também, há quanto tempo jazia na garagem.

O *coroner* disse-me para apontar o sítio exacto onde eu encontrara o corpo. Depois, deu uma volta ao carro e retirou, do porta-bagagens, duas raquetas de ténis, dentro dos respectivos sacos de borracha.

Olhei de relance para Nadine Croy e pisquei-lhe um olho, para que nada dissesse a respeito do que faláramos,

quanto à raqueta de Miss Starr. Não havia dúvida de que se tratava de uma raqueta para homem e de outra, para senhora, mais leve.

Pela maneira como o *coroner* pegou nas raquetas,

percebi que nada entendia de ténis. Tornou a guardá-las

onde as achara. Procurou mais qualquer coisa na caixa

do porta-bagagens, nada encontrou que lhe interessasse

e fechou-a à chave.

Depois, entrou no carro e retirou, do assento, um

par de luvas. Mostrou-as aos presentes e perguntou:

- Alguém reconhece isto?

Nadine respondeu:

- São as luvas do Dr. Devarest.

- Ele costumava guiar de luvas?

-Sim.

Depreciativamente, o *coroner* soprou:

- Hum!

Tentou, em vão, abrir o porta-luvas.

- Alguém tem a chave disto?

Mrs. Nadine Croy sugeriu:

- A chave da ignição não abrirá o porta-luvas?

Então, emitindo uma espécie de grunhido, o *coroner*,

examinou a chave, experimentou-a na portazinha do por-

291

ta-luvas e abriu-a. Mal o fez, uma pequenina lâmpada iluminou o interior, exibindo vários estojos de jóias.

O *coroner* tirou um deles para fora e abriu-o. Estava vazio.

- Faz alguém ideia do que isto seja? - perguntou.

Nadine não conseguiu evitar a exclamação que lhe passou entre os lábios.

- Então, que é? - insistiu o *coroner*.

- Estão vazios! - comentou ela.

- Parece que sim - confirmou o *coroner*, abrindo os restantes estojos.

Depois, vasculhou com a mão o interior do porta-luvas e exclamou:

- Olá! Está aqui uma coisa!

Era um anel, com uma grande esmeralda quadrada, rodeada de brilhantes.

- Que está aqui a fazer este anel? -
interrogou.

- Não faço a menor ideia - respondeu
Nadine.

Um dos polícias do carro-patrulha
aproximou-se do

coroner e informou:

- Oiça lá, Joe Crips... É melhor... Bem, houve
uma

queixa de roubo, cometido ontem à noite,
ou hoje de

manhã. Temos um relatório completo sobre
o caso. Desapareceram

várias jóias do cofre do morto.

Tirou do bolso um livrinho de
apontamentos,

folheou-o e acrescentou:

- Essa aí... Cá está. Esmeralda
quadrangular de três

carates, rodeada de oito diamantes
brancos, montados

num anel de platina.

- Cá está a coisa - confirmou o *coroner*.

Trocaram olhares entendidos e o polícia do carro-patrolha

perguntou a Nadine Croy:

- Como é que isto foi ali *parar*?

- Não sei.

Virou-se então para mim e inquiriu:

-Você é um detective particular, não é verdade?

292

- Certo - respondi.

- Que foi que o trouxe cá?

- O Dr. Devarest. Estava à espera dele.

Queria que

eu averiguasse certas fases do roubo do cofre.

- Que fases?

- Não disse.

- Já falaremos com Mrs. Devarest -

decidiu o

polícia.

O *coroner* então perguntou-me:

- Como se chama?

- Lam, Donald Lam.

- Hum! Foi você que encontrou o cadáver?
- Exactamente, onde lhe indiquei.
- Ainda não mo mostrou bem. Há aí alguém que
tenha um pedaço de giz?
Ninguém tinha.
- Talvez eu mesmo tenha um - disse o *coroner*.
Vasculhou o interior dos bolsos e tirou um
pedaço,
envolto em papel.
- Aqui tem - declarou, entregando-me o
giz
Agora desenhe-me aí um diagrama, o
melhor que saiba,
da posição do corpo. O sítio onde estava a
cabeça, os
braços e os pés.
Fiz o boneco, no chão de cimento.
Enquanto o desenhava, vi surgir uma
cabeça por
entre a abertura da porta de acesso ao
interior da casa.

Era um rosto moreno, de lábios grossos, de certo modo agradável e sensual. Os olhos desse homem fitavam-me com grande interesse, parecendo não tencionar entrar na garagem, mas apenas ver o que eu fazia.

- Não devia ter deslocado o morto, enquanto eu não chegasse - censurou o *coroner*, quando acabei a minha obra-prima.

- Não sabia que se tratava de *um morto* - retorqui.

O *coroner* tirou-me o giz da mão, tornou a embrulhá-lo no papel e enfiou-o no mesmo bolso. , ; ;.

- Ninguém mova o carro do sítio onde está recomendou.

- Ninguém lhe toque. Agora vou tirar as impressões digitais de todos os presentes, isto é, das

peessoas desta casa, para compará-las com as que estão

nos estojos. Depois, vou falar com Mrs. Devarest. Vocês

dois aí, venham comigo.

Enquanto os polícias nos tiraram as impressões das

polpas dos dedos, notei que o rosto moreno desaparecera

da entrada da porta interior. Em seguida, Nadine

Croy e eu seguimos o polícia e o *coroner*, *para* dentro

de casa.

Mrs. Devarest estava no seu quarto de cama.

A criada disse que ela aguardava a chegada do Dr. Gelderfield.

amigo do Dr. Devarest, que viria ajudá-la no que pudesse. Era chamado sempre que Mrs. Devarest se sentia mal. Os médicos nunca tratam as pessoas das suas próprias famílias, por uma questão de ética, explicou a criada, num tom de superioridade, e o pai do Dr. Gelderfield era, por sua vez, tratado pelo Dr. Devarest. O Dr. Gelderfield acabou por chegar e apresentou-se ao *coroner*. Era um homem magro, alto, de queixo quadrado, que falava secamente, por entre os dentes, para impressionar os auditores. Depois de escutar o representante da autoridade, durante alguns minutos, foi decisivo: Mrs. Devarest não estava em estado de falar com

ninguém. Sofrera um choque terrível.
Recebera uma
injecção soporífera e tudo quanto lhe seria
permitido,
era a identificação do anel; *nada mais*.

O polícia e o *coroner* entraram no quarto de
cama.

O médico disse para Nadine Croy e para
mim:

- Vocês dois ficam aí.

E entrou, atrás dos outros dois.

Nadine olhou para mim e inquiriu:

- Que pensa disso?

- Disso, o quê?

294

- De... bem sabe ao que me refiro. Dos estojos das jóias estarem no porta-luvas.

- Pode ter uma de inúmeras causas - respondi, evasivamente.

- Quais?

- Há montes delas. Pode ser, por exemplo, que o ladrão já tenha recebido o dinheiro de resgate das jóias.

O Dr. Devarest voltou para casa com elas e...

- Que lhes aconteceu?

- Pode alguém ter aberto o compartimento das luvas, antes de nós lá chegarmos. Alguém que sabia que a chave da ignição abria o porta-luvas.

Nadine pensou um pouco e replicou:

- Não se pode tirar a chave da ignição, com o motor a trabalhar.

- Não, mas pode pôr-se o motor a trabalhar, depois de ter-se utilizado a chave, para abrir o porta-luvas. Note, Mrs. Croy, que isto é um exemplo. Não pretendo vender-lhe esta teoria.

A porta do quarto de Mrs. Devarest abriu-se e o

Dr. Gelderfield apareceu.

- Você é o detective? - inquiriu.

- Sim.

- O que Hilton contratou?

- Sim.

- Mrs. Devarest quer vê-lo. Está fraca e muito nervosa.

Sofreu um grande choque. Dei-lhe uma injeção

que já começou a fazer-lhe efeito. Procure ser breve. Não

discuta com ela. Limite-se a dizer-lhe qualquer coisa que

a acalme. Seja o que for, não faz diferença.

- Minto-lhe?

- Diga-lhe qualquer coisa, só para que se acalme,

antes de dormir.

- Quando entro?

- Logo que os outros saíam. Olhe, aí vêm eles.

O *coroner* e o polícia saíram, falando em voz baixa

295

e passaram por nós, como se não nos vissem. Então o médico fez-me um sinal e entrei. Nadine ia também entrar, atrás de mim, mas o Dr. Gelderfield deteve-a.

Seguiu-me e fechou a porta, silenciosamente.

Mrs. Devarest estava sentada na cama, com três grandes almofadas aconchegando-lhe a cabeça e os ombros. Tinha vestido um *negligee* azul. A criada não se esmerara a penteá-la. Um espartilho cor-de-rosa, exibindo fiadas de cordões da mesma cor, jazia sobre uma cadeira.

Decerto não seria a maneira como Mrs. Devarest desejaria receber visitas masculinas.

Os seus olhos papudos pareciam ainda mais inchados e a sua voz era rouca.

- Diga-me lá, outra vez, como se chama? -
pediu.

- Lam. Donald Lam.

- É verdade! Desculpe ter-me esquecido.
Foi um
choque... Quero que siga para diante.

- Para onde?

- Com a sua investigação. Sabe o
que esses
homens insinuaram?

- Que foi?

- Que Hilton roubou as jóias... É falso!
Torna-se

imperativo que o seu nome fique limpo...

Nunca teve

problemas financeiros... Teve sempre
dinheiro, ganhava

o que queria... Deixou-me um seguro de
vida de quarenta

mil dólares... o dobro em caso de
acidente... Está a ver.

Trate disso, agora, *para mim*. Quer? Como
é que disse
chamar-se?

- Lam.

Quer, Mr. Lam?

- Certamente.

- Vem falar comigo, amanhã, de manhã?

- A que horas?

- Depois do pequeno-almoço.

- Não antes das dez e meia - interveio o Dr. Delgerfield,

com áspera intonação profissional.

296

Ela virou para ele os olhos piegas e perguntou-lhe

numa voz fraca e mimada:

- Queres que eu durma agora, não é, Warren?

- Sim.

- Durma descansada, Mrs. Devarest - aconselhei.

- A nossa agência encarrega-se dessa missão. Trabalharemos noite e dia. Não terá que apoquentar-se.

Repouse e não se preocupe.

- Está bem - murmurou ela.

O Dr. Gelderfield fez-me um sinal e eu desandei, em

bicos dos pés, do quarto para fora. Dei com Nadine Croy

à minha espera.

- Que é que ela queria? - inquiriu nervosamente.

- Que eu viesse, amanhã, às dez e meia.

Por um instante, notei-lhe uma expressão de raiva

no olhar.

- Está a mangar comigo? - perguntou, acusadoramente.

E virou-me as costas.

CAPÍTULO 4

O despertador desatou aos berros, faltava um

quarto para as seis. Sentia-me drogado de sono. Tomei

um duche frio para ajudar-me a acordar.

Lavei-me, barbeei-me,

vesti-me e corri à garagem que fica por baixo

da agência, de onde tirei o carro da firma.

Momentos

depois, comecei a rondar os parques municipais.

O vento do deserto soprara, durante toda a noite,

mas serenara um pouco, nessa manhã. O sol já despontara,

mas ainda não aquecia. Contudo, o ar fresco ainda

não estava impregnado do venenoso gás dos escapes.

Nos parques municipais já se viam alguns jogadores,

actuando nos *courts* de ténis. Alguns deles eram

mulheres, em atraentes calções, ou no que estes deixa-

- 297

vam apreciar e ver. Olhavam-me curiosamente, ao ver-me deslizar, devagar, ao longo dos *courts*. Só no Griffith Park vi um jogo de quatro, de duplos mistos, em que uma das moças me interessou. Era cheia de vida, como uma mola de aço. Pela maneira como jogavam e falavam uns com os outros, deduzi que essa jovem não conhecia os seus adversários, parecendo ser a primeira vez que jogava com eles, excepto com o homem que lhe servia de parceiro. Parei o carro, acendi um cigarro e esperei. Eram sete horas e quarenta e cinco quando os vi apertarem as mãos e tagarelarem por cima da rede, aquele género de frases costumeiras: “Foi um belo jogo.

Tive prazer em bater umas bolas consigo. Espero tornarmos a jogar juntos, uma outra vez. Gostava que nos desse uma oportunidade de desforra, mas vocês são realmente muito fortes para nós.» E coisa e tal. Momentos depois, a garota saiu do *court*, tirou uma camisola de cima de uma barra divisória, e vestiu-a; abotoou uma saia por cima dos calções e saiu, caminhando na minha direcção. Encaminhei-me também para ela e tirei o chapéu. Fitou-me friamente, com olhos desinteressados.

- Jogou muito bem - disse-lhe.
- Obrigada - replicou numa voz que, já não sendo fria, continuou a ser distante.
- Não se vá já embora - pedi.

Desta vez, olhou-me com desconfiança, enquanto se aproximava de uma bicicleta.

- Gostava de falar consigo, Miss Starr. Estava já com o pé num pedal, para cavalgar a máquina, quando se imobilizou, observando-me com intensa curiosidade.

- Perdoe-me usar de este método inconveniente para uma apresentação - preambulei, mas precisava de vê-la, antes que lesse os jornais da manhã.

298

Estudava-me agora com extrema precaução.

- Quem é você? - inquiriu.

Dei-lhe um dos meus cartões da agência. Ela leu-o

e perguntou:

- Que dizem os jornais da manhã?

- Que o Dr. Devarest foi encontrado morto, no chão

da sua garagem... Vítima de monóxido de carbono.

Miss Starr escondeu os seus sentimentos, por detrás de uma máscara de gelo.

- Está a tentar tirar-me nabos da púcara?

- Apenas a contar-lhe a verdade.

- Como me descobriu?

- Não há muitas raparigas bonitas que gostem de

jogar ténis e que tenham de fazê-lo às seis da manhã,

deslocando-se numa bicicleta.

- Como descobriu que era eu?

- Pelas suas luvas. Estavam sujas de massa lubrificante de grafite, do tipo usado nas correntes de bicicleta e a sua foi lubrificada muito recentemente, pois ainda tem massa amarela. De resto, você não tem automóvel.

Além disso, uma entusiasta de ténis tem sempre mais do que uma raqueta. Supondo que possui duas, desde já lhe digo que a outra que devia estar no seu quarto foi encontrada pela polícia no porta-bagagens do Dr. Devarest.

- Pobre homem - comentou ela. - Sofria da doença de Bright e tinha montes de coragem. Havia já alguns anos que notava esses sintomas, mas não fazia fosse o que fosse para curar-se, preferindo anotar cuidadosamente

todos os sinais do progresso da sua
doença. Pensei
que, se conseguisse desafiá-lo a sair todas
as manhãs
para fazer um pouco de exercício, fá-lo-ia
melhorar um
pouco. Mas raras vezes podia vir, pois tinha
sempre chamadas
urgentes, para operar... embora a maioria
dos
seus doentes só o chamasse de noite,
quando ele já
estava preparado para dormir.
Encolheu os ombros e acrescentou:

299

- Para que Mrs. Devarest não se mostrasse demasiado ciumenta, ele disse-lhe que tinha chamadas urgentes, mesmo quando não as havia. Mas só jogámos raras vezes. Veio no jornal o que lhe aconteceu?

- Sim.

- Que foi?

- Aparentemente, meteu o carro na garagem, verificou que qualquer coisa do motor funcionava mal e abriu o *capot*, para arranjar-la.

- Ele gostava de mexer nessas coisas. Nem deixava que o motorista o levasse a qualquer lado. Ele próprio queria conduzir o carro.

- Nesse caso, para que tinha motorista?

- Para levar Mrs. Devarest, nas suas compras e constantes visitas. Esse motorista é uma espécie de

lacaio da mulher.

- Por que razão você fugiu, logo que soube do roubo do cofre?

- Não tem nada com isso - retorquiu ela, começando a pedalar.

- Por acaso tenho e, dentro em breve, terá a polícia à perna. O seu desaparecimento lançou todas as suspeitas para cima de si. Acabarão por descobri-la, tão facilmente como dei consigo.

Nollie Starr parou bruscamente, apeou-se e encostou a bicicleta ao gradeamento do *court* de ténis.

- Muito bem - acedeu. - Vamos lá falar. Posso entrar para o seu carro?

Aquiesci. Mantive a porta aberta, até que se instalou.

Dei a volta e sentei-me a seu lado.

- Quer fazer-me perguntas, ou falo eu? - perguntou.

- Fala você - programei.

- Tem um cigarro?

Dei-lhe um. Acendeu-o e encostou os ombros às

300

costas do assento. Deu algumas fumaças e não a pressionei.

Deixei-a pensar à vontade.

- A coisa vem detrás - começou ela.

- Que coisa?

- O motivo por que me vim embora. „

- Qualquer coisa de trabalho?

- Não. Uma coisa que me aconteceu, há muito

tempo, e me levou a usar o nome de Starr.

- Que foi?

- Não quero referir-me a isso.

- Se o souber, posso ajudá-la.

- Não preciso de ajuda - declarou.

- Isso é o que pensa. Está metida numa alhada afirmei.

- Até onde?

- Até ao pescoço. As jóias desapareceram.

A polícia

não tem um dedo de imaginação. Somam dois e dois e

costumam chegar a quatro, embora às vezes seja muito

mais do que isso.

- Não podem descobrir-me.
 - Eu dei consigo, facilmente.
 - Pertence à polícia?
 - Não.
 - Que faz aqui, nesse caso?
 - Apenas uma investigação particular.
 - Contratado por quem?
 - Pelo Dr. Devarest.
 - Para que fim?
 - Para encontrá-la.
 - Muito bem. Já me encontrou. Que se segue?
 - Tenho de relatar o facto ao meu cliente. -
Morreu. ;
 - Agora, é a mulher.
- Nollie sacudiu a cabeça e disse:
- Vou sair deste carro, e pôr-me andar daqui para longe. Desapareço.

- Suponha que não vejo os factos dessa maneira?

- Como pode impedir-mo?

- Levando-a a reboque até à primeira esquadra de polícia.

- Ver-se-ia às aranhas para apanhar-me - motejou ela.

- Ver-se-á às aranhas para escapar-me - retorqui.

- Mas não tenciona entregar-me à polícia, pois não?

- Não eram essas as minhas intenções. De resto,

estou convencido de que o doutor estava mais interessado

em descobri-la a *si*, do que às jóias.

Nollie Starr fitou-me com mais atenção e sondou:

- Que quer dizer com isso?

- Que havia qualquer coisa no cofre que ele queria

manter guardada, em seu poder. Que a pessoa que abriu o cofre também a queria. O tirar de lá as jóias foi uma máscara que o Dr. Devarest usou, para ter um pretexto para chamar a polícia. Mas ninguém as roubou.

- E ele pensou que eu levei o que estava no cofre?

- Aparentemente.

- Não levei nada comigo - respondeu ela, convincentemente.

- Muito bem. Fui contratado para descobri-la e descobri-a.

Tenho de levá-la, agora, comigo, para falar à minha cliente.

- Mrs. Devarest não é sua cliente.

Sorri, numa careta fatalista e repliquei:

- Herdou-me

- Sabe o que estava dentro do cofre? - inquiriu

Nollie.

- Não.

Por momentos, Nollie fumou em silêncio.

Depois

elucidou:

- O Dr. Devarest adorava o chão que

Nadine pisava,

não só por ela. mas especialmente pela

miúda, Selma.

302

Faria fosse o que fosse, para proteger-lhe a felicidade.

Não lhe contou nada a esse respeito?

- A representação é sua. Eu faço apenas de espectador.

Continue o seu acto.

- Não quer dizer-me se ele lho contou?

- Não.

- Nem que não lho contou?

- Não. Perdi a língua e só tenho ouvidos.

Quero

certificar-me de que quanto sei encaixa no que me diz.

- Bem... não sei exactamente do que se trata.

Parece que Walter Croy, marido de Nadine, é uma boa

peste. Tem andado a aborrecê-la. Quer a custódia da

filha, na maior parte do tempo. Tem vários advogados,

fez uma data de requerimentos ao tribunal e tem vários

depoimentos de testemunhas, acerca de um célebre *cocktail a* que Nadine compareceu. Não sei que se terá por lá passado, mas deve ter sido bastante anormal. De repente, todos os ataques legais de Walter Croy cessaram. Nunca mais ouvimos falar dele e esse silêncio pacificante coincidiu com a instalação do cofre do Dr. Devarest.

- Tem mais alguns indícios, além desse?
- Sim.
- Quais?
- Pequenas coisas, comentários.
- Pensa portanto que o Dr. Devarest guardava qualquer coisa que forçava Walter Croy a manter-se quieto?
- Sim.
- O quê?

- Não sei. Por qualquer motivo, o Dr. Devarest tinha mão nele. Não direi que fosse chantagem, mas era algo muito parecido.

- Interessante! - apreciei.

- É. não é?

- E agora, o cofre foi roubado e você pôs-se a andar.

- Tal e qual.

303

- E jogou uma partida de ténis com o doutor, depois

disso. .

-Depois disso, o quê?

- Depois de ter-se «pirado» dali para fora.

- Não. Jogámos antes.

- Na quarta-feira, de manhã?

- Não, foi na terça. Na quarta, ele ia pescar.

Eu

parti na terça-feira à tarde.

- Onde está a viver? ;?

- Isso é comigo.

- Quer que vá ter com Mrs. Devarest, com uma história dessas?

- Não. Se for inteligente, mantém o bico calado.

Vai ter com ela e diz-lhe simplesmente: «O infeliz falecimento de seu marido pôs termo ao meu contrato com

ele. Não creio que queira gastar o seu rico dinheirinho, à

procura das suas jóias.» Ou então ponha-lhe o problema

desta maneira: «O Dr. Devarest fez consigo um contrato

por X; a senhora paga-me uma parte desse X, em dinheiro

contado, pelo compromisso anteriormente assumido, e

eu largo o caso.»

- Por que diabo iria eu fazer uma coisa dessas? protestei.

- Porque, dessa maneira, todos ficariam mais

felizes.

- O doutor deu-me a entender que você tinha, ou

sabia quem tinha o que tiraram do cofre.

- Não. Você interpretou mal. Ele apenas pensou que

eu pudesse saber quem o fez.

- Sabe quem foi?

Após uma longa hesitação, Nollie respondeu:

- Não.

- Pode dizer-me quem calcula que tenha sido?

-Também não.

- Se o Dr. Devarest ainda estivesse vivo, não me

304

diria “não», tão firmemente, a ambas as perguntas, não é verdade?

Olhou-me nos olhos e inquiriu:

- Porque não?

- Gostava de saber, eu próprio, a resposta.

- Pode dar-me outro cigarro? - pediu ela.

Dei-lho, e, pela maneira como o acendeu, pude notar

que pensava intensamente. Abruptamente, disse:

- Olhe. Tenho de tomar um duche e comer o meu

pequeno-almoço. Você não vai denunciarme à polícia,

entretanto; mas também não quer que me escape. Suponha

que faço um contrato consigo: digo-lhe onde moro

e ficamos por aí. Está de acordo?

- Onde?

- No *Bei Aire*. Fica apenas a alguns blocos daqui,

junto a Vermont

- Vive sozinha?
 - Não. Aluguei o apartamento com uma amiga.
 - Tem também um quarto, em casa do Dr. Devarest?
 - Sim, durante os dias de trabalho, mas as folgas eram de dois dias.
 - Quando?
 - Folgava às quartas, de maneira que saía de lá, nas terças, à tarde, e regressava nas quintas, de manhã.
 - As suas folgas coincidiam com as do Dr. Devarest?
- Nollie fitou-me de frente e perguntou:
- Está a tentar insultar-me?
 - De maneira nenhuma - assegurei.
- Ela saiu do carro, bateu com a porta e foi buscar a bicicleta. Em breve pedalava energicamente, à minha

frente. Parou em frente dos *Bel Aire Apartments*, arrumou

a máquina e entrou no edifício.

Arrumei também o carro e fui telefonar a Elsie

Brand, secretária tão eficiente, como taciturna, de Bertha

Cool.

20 - VAMP. G. 7

305

; - Já tomou o seu pequeno-almoço, Elsie?

- Acabei ainda há pouco.

- Tem tempo para fazer-me um trabalhinho?

- De que se trata?

- Esborrachar uma bicicleta.

- Com quê?

- Com o seu carro. É trabalho da agência.

- Bertha sabe disso?

- Não.

- Então é melhor dizer-lho.

- Levaria muito tempo a explicar.

- Onde é que está?

- Numa curva a alguns metros da entrada dos Bel

Aire Apartments, de Vermont,

- Posso fazer-lhe isso e chegar, ainda a tempo, ao escritório, para abri-lo, antes que Bertha entre aos berros por ali dentro?

- Creio que sim. Não vai demorar.

- Que devo fazer, precisamente?

Falei o mais devagar e claro que pude:

- Venha pela rua da esquina noroeste do *Bel Aire*.

Toque o *claxon*, duas vezes, quando dobrar essa esquina,

na direcção de Vermont. Abrande quanto puder, quase a

parar, e dê-me tempo para agir. Nessa altura, eu arranco

e vou-me embora. Está uma bicicleta arrumada, em frente

desse edifício de apartamentos. Se já lá não estiver,

quando você chegar, ou se não me vir arrancar com o

carro e partir, então é porque a coisa não correu como eu esperava. Nesse caso vá-se embora, para abrir o escritório.

- Muito bem. Toco o *claxon*; você está lá. Vai-se

embora. A bicicleta está lá. Mas que faço?

- Arruma o seu carro em frente do edifício de apartamentos, mas é um bocado aselha na marcha-atrás e esmaga a bicicleta, de maneira bastante eficiente, para que não possa circular, nas horas mais próximas.

306

- E depois?
- A rapariga, dona dessa máquina, há-de saltar cá para fora, muito indignada.
- E eu, que faço?
- Está segura no *Auto Club*, não é assim?
- Sim.
- Nesse caso, fale-lhe altivamente, diga-lhe que ali não é sítio para arrumar bicicletas, o que é verdade, e ponha-lhe o seu cartão de seguro em frente do nariz. Dê o seu nome e morada e ponha-se a andar.
- Só isso?
- Quer mais?
- Não tenho de segui-la?
- De maneira nenhuma. Em circunstância alguma deverá fazê-lo.
- Mais quê?
- Comunica o acidente ao *Auto Club* e declara que,

se a dona da bicicleta quiser apresentar queixa, você quer ver todos os pormenores dos estragos, na papelada.

- *Okay* - disse Elsie. - Vou a caminho.

Desliguei e voltei para o carro. Elsie Brand não deveria

demorar mais de dez minutos. Era uma moça encantadora,

bonita, elegante, mas sempre metida consigo,

como se o resto do mundo não lhe interessasse. E, no

seu trabalho, extremamente perfeita e eficiente.

Tinham passado exactamente oito minutos e meio,

quando ouvi os dois toques de *claxon*. Pelo espelho retrovisor

do meu carro, vi o dela contornar a esquina. Ostensivamente,

olhei para o relógio de pulso, arranquei devagar

e segui, rua fora, em direcção a Vermont. Vi ainda

Elsie Brand começar a recuar o carro, para arrumá-lo

junto ao passeio, e a sua roda traseira dobrar em duas

a bicicleta de Nollie Starr.

Cheguei ao cruzamento e virei à direita.

307

CAPÍTULO 5

Tomei um ligeiro pequeno-almoço e fui para o escritório.

Elsie Brand estava a escrever à máquina e os seus

dedos pararam, um instante, de martelar o teclado, quando

me olhou, de relance.

- Tudo *okay*? - inquiri.

-Hum, hum! - fez ela.

- A rapariga saiu cá para fora?

Sim.

- Onde está a patroa?

- Lá dentro, a ler o jornal.

Entrei no gabinete de Bertha. Estava sentada na enorme cadeira e notava-se o excelente efeito das suas sessões de pesca. Estava morena como trigo torrado.

O cabelo branco dava-lhe uma aparência maternal.

- Está lendo a notícia sobre o Dr. Devarest? perguntei.

- Sim. Como foi que isso aconteceu, Donald?

- Pedi-me que esperasse por ele no estúdio, pois tinha de fazer umas visitas médicas, mas disse-me que estaria de volta às nove e meia. Pus-me a ler um livro que me interessou, realmente, e não dei conta do tempo passar.

- Os jornais dizem que foi você quem descobriu o cadáver.

- Pois fui.

Bertha fez uma careta e resmungou:

- Aposto em como isso nos faz perder o caso.

Agora que a Berthazinha contava ficar com um bom naco

de “massa» nas mãos!

- Penso que Mrs. Devarest vai querer contratar-nos

- animei. - Descobri essa moça, Miss Nollie Starr.

- Conseguiu? - espantou-se Bertha Cool. -
Tão

depressa? ;

- Hum, hum!

308

- Como fez isso?

- Oh, um simples trabalhinho de pernas, sem importância.

Descobri que ela andava de bicicleta e jogava

tênis de manhã, muito cedo. Tinham-me feito uma boa

descrição da sua pessoa. Ora como não há muitas raparigas

a jogar tênis, àquela hora da manhã, e muito menos

deslocando-se em bicicleta, dei uma volta pelos parques

e topei com a moça.

- Onde está ela *agora*?

- Não sei.

Bertha sobressaltou-se.

- Que diabo quer dizer com isso de que não sabe?

- Como Nollie sabia que eu estava a investigar o

caso, não pude segui-la. Deu-me uma morada errada; os

Bel Aire Apartments. Foi até lá de bicicleta e entrou no edifício. Esperou que eu desistisse de esperar por ela e desertasse. Não quis importuná-la e vim-me embora.

- Cos diabos, Donald! - barafustou Bertha. - Não podia, ao menos, tê-la seguido, disfarçadamente?

- Já alguma vez viu um automobilista, no meio do trânsito concentrado e na hora de ponta, da entrada nos empregos, seguir um ciclista?

Bertha pensou no caso. Prossegui:

- Podia passar-se entre os carros, como uma cobra entre a relva. Desapareceria pelas aberturas, deixando-me parado, com o motor a trabalhar e com cara de parvo.

- Portanto, deixou-a raspar-se, sem tentar mais

nada?

- Pedi a Elsie que lhe esborrachasse a bicicleta.

- O quê? - espantou-se Bertha. - E quem vai pagar...

- Elsie está segura no *Auto Club*.

- Ah! Você é tão anjinho que pense que essa tipa vai apresentar queixa, em seu próprio nome, não?

- Penso. Elsie representou a sua comediuzinha per-

309

feitamente. Aconselhei-a a mostrar-se indiferente, a mencionar o *Auto Club* e a pôr-se a andar.

Bertha não mastigou coisa nenhuma e mudou de

assunto:

- Que se passou com o Dr. Devarest?

- Morreu.

- Bem sei - impacientou-se. - Mas, com a esposa?

- Mrs. Devarest está à minha espera, hoje, às dez

e meia.

- Que é que ela quer?

- A polícia pensa que o ladrão das jóias foi o próprio

Devarest. Ela quer que o nome do marido fique

limpo dessa suspeita degradante.

- Consegue isso, Donald?

- Não.

- Porquê? ,

- Porque foi ele quem as roubou. ,

Bertha estudou-me, atentamente, com uma expressão dura. Depois, incrustou um cigarro na sua boquilha de marfim e começou a pensar qualquer coisa para dizer.

Finalmente, perguntou:

- Que lhe respondeu, Donald?

- Disse-lhe que aceitava o trabalho.

- Por que diabo lhe disse uma coisa dessas, se

acaba de afirmar que o marido roubou as próprias jóias?

- Porque o médico assistente de Mrs. Devarest me

pediu para eu não a perturbar.

- E vai lá, agora, às dez e meia?

- Sim.

- Não estou a percebê-lo, Donald.

- Mrs. Devarest fez uma interessante declaração expliquei.

- Que raio de declaração?

- Disse que o marido fizera um seguro de vida no

valor de quarenta mil dólares e que a companhia de seguros pagaria o dobro, no caso de *morte accidental*.

310

- E isso que tem de especial?

- As companhias de seguros não interpretam dessa maneira o que está escrito nas apólices.

- Disparate! - classificou Bertha Cool. - Eu própria tenho uma, no valor de dez mil dólares, para os meus herdeiros. Sempre me serve para pagar menos impostos. E a apólice diz claramente que a companhia pagará vinte mil, em caso de morte accidental. :

- Não diz.

Bertha exaltou-se e protestou:

- Você atreve-se a dizer-me que não sei ler?

Que

sou incapaz de perceber o que diz uma apólice de seguros?

- Sim.

Cuidadosamente, Bertha pousou a boquilha sobre a

borda do cinzeiro. Abriu uma gaveta e tirou uma chave;
com esta abriu outra gaveta; então, retirando da sua bolsa de mão uma terceira chavinha, abriu a caixa de metal que se encontrava na segunda gaveta. Dela extraiu uma apólice de seguro, folheou-a, e meteu-a em frente do nariz.

- Leia - comandou.

Li.

- Então? - desafiou Bertha triunfante.

- Está enganada - respondi.

- O quê - espantou-se.

:-Está enganada - repeti.

- Um raio é que estou enganada Você está

doido,

Donald Está aqui escrito, o preto no branco.

- Não está nada - contrariei. - Essa apólice diz

que a companhia paga o dobro, em caso de morte por

meios acidentais.

- E que foi que eu lhe disse?
- Você disse, “morte acidental».
- Qual é a diferença?

Tranquilamente, respondi:

311

- Tente cobrar o prêmio de *uma* companhia de seguros nessas circunstâncias e eles lhe mostrarão a diferença.

Bertha fitou-me com olhos coruscantes e soprou:

- Às vezes, gosto de si, Donald. Outras vezes detesto-o.

Você e os seus atalhos mentais.

Dobrou a apólice, enfiou-a na caixa, fechou-a e guardou

a chavinha; meteu esta na segunda gaveta e, depois

de fechá-la igualmente, meteu esta chave na primeira

gaveta. Momentos depois, disse:

- Muito bem. Você estudou leis e sabe as respostas

a todas as perguntas. Sou uma parva, mas, da maneira

como interpreto a apólice, em caso da minha morte

acidental, terão de pagar vinte mil.

- Há uma diferença entre *morte accidental* e morte por *meios accidentais* - expliquei. - No primeiro caso, a morte resulta de um acidente. Você faz qualquer coisa e, em virtude dessa coisa que você faz com falta de cuidado, morre: trata-se de morte accidental. Quanto a morte por meios accidentais, isso é muito diferente. A sua morte, neste caso, tem de ser causada por meios estranhos à sua acção.

- Não estou a ver a coisa - confessou Bertha.

- Por exemplo: se você entra numa garagem começa a reparar o motor de um carro, com este a trabalhar e morre por intoxicação de monóxido de carbono, trata-se

de *morte accidental*. Você fez uma coisa, que foi tentar reparar a avaria, mas não teve o cuidado de parar o motor. Foi portanto negligente e manteve-se a respirar, tempo demasiado, uma atmosfera letal.

- E nesse caso, não pagam o dobro do prémio?

- Está visto que não, tal como em caso de suicídio, pois não se trata de *meios accidentais*. A causa da sua morte foi, voluntária ou involuntariamente, provocada por si.

- E a apólice do Dr. Devarest diz o mesmo?

312

- Todas o dizem. É uma fórmula-padrão.
- E as companhias de seguros conhecem a diferença entre uma e outra coisa?
- Ai não, que não conhecem! Praticamente só elas a conhecem. A maioria dos advogados não faz a menor ideia dessa *nuance* do formulário das apólices.
- Que vai fazer, agora, Donald?
- Esperar que a companhia de seguros dê a má notícia a Mrs. Devarest.
- E depois?
- Esperar que ela consulte o seu advogado.
- E depois?
- Quando todos forem unânimes em afirmar que não há nada a fazer, vou sugerir-lhe que conseguirei cobrar-lhe os outros quarenta mil dólares, ou seja o dobro prometido naquela cláusula especial.

- Como?
 - Ainda não sei.
 - Se conseguirmos arrancar outros quarenta mil, *para ela*, vamos ficar com metade *para nós* e...
 - Seja razoável, Bertha - aconselhei.
 - Qual razoável? Temos de caçar-lhe qualquer coisa substancial, não?
 - Teremos direito a uma compensação. Subitamente, Bertha emendou:
 - Quero dizer, tenho direito a um belo bónus.
 - *Temos. »?»*
 - Que quer dizer com esse plural? " ; ;
 - Meio por meio.
- As molas estalaram na cadeira de Bertha, quando ela se atirou para trás, presa da maior indignação.
- Que raio está para aí a propor-me? - explodiu.
 - Metade do bolo.

- Quando?

- Já?

Metade de quê?

313

- Da sociedade.
- Qual sociedade? Bertha pareceu achar-se na iminência de uma apoplexia.
- Você precisa de dedicar-se mais à pesca - sugeri.

Recompondo-se, Bertha Cool declarou:

- Você, Donald, é um rapazinho esperto, com montes de imaginação, e tem ajudado a Bertha a resolver

alguns casos. Mas convenha que não possui a menor habilidade para o negócio. Você atira o dinheiro aos pardais.

Consigo na sociedade, esta agência falia em seis

meses. Portanto, a Bertha continua a dirigir o negócio e

vai dar-lhe um *bónus*, sobre...

- Sociedade, ou nada-- condicionei.
- Muito bem - decidiu ela irritada. - Nesse caso, é nada. Não vou ser levada...

- Calma, Bertha. Não se exalte. Diga a Elsie que me passe um cheque de quanto tenho a haver do meu trabalho.

- E quanto ao seu encontro com Mrs. Devarest?

- Vá você e trate disso. Já sabe como resolver-lhe o problema.

O rosto de Bertha estava congestionado de raiva.

- Cos diabos! E é que vou tratar disso mesmo, sozinha.

Não pense que...

- Tenha cuidado, não a excite - lembrei. - O médico

não quer que a perturbem. A excitação é má para

as artérias. E a raiva é ainda pior.

Disse à minha senhoria que ia para São Francisco, à

procura de trabalho e lembrei-lhe que a renda do apartamento

estava paga até ao fim do mês. Se não
pudesse
estar de volta, antes do dia um, para
mudar as coisas,
arranjaria alguém que viria fazer a
mudança, por mim,
na minha ausência.
Ela nunca aprovara grandemente o meu
modo de

314

vida, mas lamentava perder-me, como hóspede. Pagava a renda regularmente e tinha emprego fixo. Perguntou se eu teria sido despedido. Disse que não, mas não adiantei a conversa e deixei-a na dúvida. Fui para São Francisco, estive lá três dias, num hotel barato, e escrevi à minha senhoria, informando-a ter decidido fixar-me nesta cidade, permanentemente. Na manhã seguinte, saí para tomar o pequeno-almoço, fui até à praia e depois apeteceu-me patinar no recinto de gelo artificial. Almocei na praia e deixei-me ficar por lá, até que rolos de nevoeiro começaram a invadir o litoral. Então, meti-me num cinema e só voltei ao hotel, às cinco horas.

Bertha Cool estava sentada no átrio, à minha espera.

Estava tão furiosa que os olhos até lhe saíram das órbitas.

- Onde diabo tem estado metido? - interrogou.

- Por aí - esclareci. - Que tal vão os *seus* negócios?

- Queimados!

- Isso é mau! Esteve muito tempo à minha espera?

- Está farto de saber que sim. Soube da sua direcção,

pela senhoria do seu apartamento e vim logo no

primeiro avião. Cheguei aqui ao meio-dia e um quarto...

E tenho estado sempre sentada, nesta horrível cadeira!

- Isso é mau! Por que motivo não foi para o seu

hotel e não deixou uma mensagem, para quando eu chegasse?

- Porque você não ligaria nenhuma à mensagem retorqui, irada. - E também porque queria falar consigo, antes que você arranjasse...

- Outra Bertha? - admiti, sorrindo.

Pareceu descontraír-se um pouco, quando inquiriu:

- Há por aqui um bar, onde se trinque qualquer coisa?

- Dois blocos mais abaixo, nesta mesma rua.

315

- Vamos lá - propôs.

O nevoeiro invadira São Francisco. Bertha Cool lançara-se

para a frente, com o queixo apontado adiante,

numa arrancada hostil, e caminhava a passos largos, com

uma enérgica ondulação das ancas e dos ombros. Só lhe

faltava uma marcha militar e ia tão danada que nem via

para onde ia. Meteu-se no carro alugado, mal me deu

tempo a sentar-me a seu lado, ao arrancar bruscamente,

e tive de segurar-lhe o braço, não fosse atravessar os dois

cruzamentos com o sinal vermelho. Parou em frente do

bar que lhe indiquei, sem ter amachucado nada, nem

ter sido presa e, momentos depois, achámo-nos sentados,

ela em frente de um bar e eu a bebericar um *whisky* com soda.

- Bem - começou, falando por cima da bebida.

Você deu no vinte.

- Em quê?

- Em tudo. Os tipos dos seguros foram muito, muito simpáticos. Não podiam pagar o dobro da indemnização, porque a morte não se verificara por *meios acidentais*.

Muito amáveis e compreensivos. Não queriam, de maneira nenhuma, prejudicar a pobre viúva, mas lá pagar, não pagavam. Seria ilegal. Seria contra o que estava disposto no contrato. Meteram-lhe um cheque de quarenta mil debaixo do nariz e disseram-lhe que poderia aceitá-lo,

sem reservas, visto que, se por acaso viesse a provar-se de que a morte fora realmente devida a meios acidentais, então, pagar-lhe-iam outros quarenta mil. Sugeriram-lhe até, generosamente, que consultasse um advogado.

- E ela?

- Chamou dois. Disseram-lhe que estava tramada.

- E quanto ao Dr. Devarest?

- Corre o rumor de que teria roubado as jóias do seu próprio cofre e que ter-se-ia suicidado, em seguida, quando pensou que iriam caçá-lo com as pedrarias. De resto, era um homem muito doente.

316

- Conte-me mais coisas, dessa teoria de suicídio pedi.

- Bem. Descobriram que o motor estava *okay* e que não tinha nada que precisasse de ser reparado, ou sequer afinado. Trabalhava como um relógio. Depois, não havia impressões digitais dele no motor. Só no *capot*. Concluíram, portanto, que procurou, com aquele cenário, dar a ideia de que sofrera um acidente, de maneira a não deixar mal a viúva.

- Encontrou Nollie Starr? - interessei-me.

- Não apresentou queixa no *Auto Club* e... bem, não cheguei a tratar disso.

- Porque não?

- Penso que ela e o médico... bem... devia haver qualquer coisa entre eles.

- Quem lhe disse isso?

- Mrs. Devarest... entre linhas. Disse que era melhor não se mexer nesse assunto. O funeral foi ontem.

- Isso é muito interessante, não acha?

- Diabos o levem! - exclamou.

Ergui o sobrolho, admirado.

- Porque me diz isso? - inquiri, muito sério.

- Fui ao melhor advogado da cidade.

Paguei-lhe vinte

e cinco dólares. Consultei outro, que me disseram não lhe

ficar atrás e, realmente, levou-me também vinte e cinco

dólares. Cinquenta paguei eu ao todo, em duas boladas,

para nada.

- Sim? Mas para quê? Não estou a ver...

- Qualquer deles analisou a questão e concluiu que

Mrs. Devarest não tinha pé em que se apoiar. Mesmo

que a morte não fosse devida a suicídio, os meios não

tinham sido acidentais. Os advogados de Mrs. Devarest tinham-lhe dito o mesmo e ela afirmou estar disposta a dar metade dos outros quarenta mil, que não lhe pagam, se alguém lhe arranjar maneira de recebê-los.

- Ah, é isso? :

317

Bertha agitou-se, movida por intensa indignação.

- Estou certa de que dentro desses miolos, você

sabe de um esquema qualquer capaz de arrancar aquela

massa à companhia de seguros. O Dr. Devarest estava

convencido de que pagariam o dobro, por uma morte acidental.

Ela também. Os tipos dos seguros foram imensamente

gentis. Estavam tão incomodados com a má interpretação

dos seus clientes! Tinham tanta pena! De forma

que *não pagam!* Seria contra a Lei.

Acabei de ingerir o meu *whisky* e declarei:

- Sabe, Bertha? São Francisco é uma grande cidade!

Creio que vou gostar disto.

- Vai gostar, “o tanas»! Vai mas é tirar as castanhas

do lume, para a Bertha.

- Não vou tal. Tenho um magnífico projecto, para aqui, e...

- Você, Donald, vai voltar já para trás, com a Bertha

- afirmou firmemente. - Devia estar parva, quando o deixei partir. Habituei-me tanto a trabalhar consigo que,

sem si, já não posso dirigir aquela agência.

- Não, Bertha. Não creio que você se sinta feliz, com

uma sociedade a cinquenta por cento. Você não se daria

bem com um sócio. É demasiado individualista. Está

acostumada a fazer tudo à sua maneira e quer ter sempre

nas mãos o poder das decisões.

Azedamente, replicou:

- É aí que chego para si. A proposta foi sua, não foi

minha. Vou pegar nela e, se você for homem de uma

só palavra, terá de mantê-la. Mas com uma condição.

- Qual?

- Vou ficar livre, para ir e vir, como me apetecer.

Você arranje-se como puder e contrate quem quiser para

fazer o trabalho. Vou dedicar-me à pesca.

- Que súbito amor pela pesca foi esse que lhe deu?

- estranhei.

318

- Tenho estado a pensar no Dr. Devarest. Fui ao seu funeral. Todos disseram que, se tivesse repousado mais, teria vivido mais tempo... isto é, se não fosse aquele estúpido acidente... ou por isso mesmo, não teria havido “acidente». O homem estava doente, não só do corpo, mas do espírito. Não quero que me aconteça o mesmo.

-Hum, hum! - ajudei.

- Primeiro - prosseguiu ela -, engordei de mais, para poder fazer qualquer exercício. Depois, meti-me a dietas e andava raivosa de fome. A seguir adoeci, por causa da fraqueza a que cheguei, e agora que perdi uma data de quilos e que me sinto novamente rija, vou dedicar-me

a exercícios de exterior. Você, Donald, é novo e naturalmente magro; não tem que preocupar-se com as gorduras. Vai desunhar-se a trabalhar e a Bertha vai à pesca. Valeu? Que tal essa *sua* proposta de sociedade?

Ou rói a corda?

Bertha ficou a examinar-me, com os seus olhos coruscantes.

- Nesse caso - respondi-lhe, sorrindo -, comece por pagar as bebidas, porque, como sócio, ponho-as, desde já, na conta de despesas da agência.

- Você, seu diabo! Não era de esperar outra coisa de si!

- Ainda bem que já esperava. Vai passar a ser assim, daqui em diante.

Bertha esteve quase a dar-me com a bolsa na cara.

Concordava em conceder-me sociedade, mas aquilo de ter de pagar as despesas era, para ela, uma última afronta.

- Bem sabe - acrescentei -, que não tenho a menor ideia do valor do dinheiro. Passo o dia a deitá-lo aos pardais.

Bertha fitou-me durante alguns segundos, depois respirou fundo e, lentamente, relutantemente, abriu a bolsa e decidiu:

319

- Bem, vou pagar *as* duas despesas, em conjunto.

Sempre poupo uma gorjeta.

- *Poupamos* - rectifiquei.

Os seus olhos tornaram a cintilar zangadamente,

mas não retorquiu. :

CAPÍTULO 6

- Apraz-me que tenha voltado ao trabalho - declarou

Mrs. Devarest Gostei da sua sócia, mas, não sei

porquê, creio que tenho mais confiança em si, Mr. Lam.

Estava vestida de preto e o seu rosto, sem maquilhagem,

ainda mais evidenciava os olhos papudos.

- Precisamente, que quer que eu faça? - sondei.

- Mrs. Cool disse que você era capaz de encontrar

um meio para levar a companhia de seguros a pagar-me

o dobro da indemnização.

- As companhias de seguros - expliquei -,
são
regradas por normas legais. Não podem
pagar o dobro da
indenização, a menos que o motivo para
tal seja absolutamente
clarificado.

- Já me disseram isso.

- Eu não gostaria de tentar clarificá-lo,
antes de
terem falhado todas as demais diligências
legais.

- Bem. Posso assegurar-lhe que já
falharam, Mr.

Lam. Olhe.:, ofereço-lhe metade do
montante que conseguir
obter da companhia de seguros.

- Mas pode ser necessária uma acção no
tribunal

- adverti.

- Não interessa...: isto é... nesse caso,
dou-lhe
metade do que restar, depois de pagas as
despesas do

tribunal e do advogado.

Mrs. Devarest era tão cautelosa, como eu fora

honesto.

- Pode ainda ser uma grande soma - admiti.

- Se me conseguir ,metade a outra é sua,

Mr. Lam.

320

- Farei o possível - prometi.
- E vou pagar-lhe os honorários habituais, para que prove que meu marido não roubou as nossas próprias jóias, nem se suicidou. Roubar as jóias! É absurdo!
- Ninguém mais conhecia a combinação do segredo do cofre? - inquiri.
- Não, que eu saiba. Mas alguém devia conhecê-la. Contudo... veja lá, não quero que escândalo algum envolva a memória de meu marido.
- Se começo a desenterrar provas, não posso adivinhar o que vou descobrir. Para ir para diante, terei de cavar... - avisei.
- Mas não precisa de espalhar aos quatro ventos o que tiver descoberto, pois não?
- Não.

- Então, para diante e cave,
- Há alguma coisa que a senhora mesmo, Mrs. Devarest, não esteja particularmente interessada em que eu lhe conte?

- Bem... Hilton era um bom marido, gentil, terno e muito considerado, mas suponho que não era melhor do que a maioria dos homens. Se mo perguntar, dir-lhe-ei que não se pode confiar em nenhum deles. Favoreceu-me com um largo sorriso.

- Vou começar a dar uma vista de olhos por aí, anunciei.

- Ah, é verdade! Nadine quer falar consigo - lembrou Colette Devarest.

- Onde está?

- Dará com ela no quarto-infantário, na companhia de Selma.

- *Okay*, vou já procurá-la.

- Vai deslindar este caso e tratar do prémio do seguro?

- Tentarei. Farei o melhor que puder,

- Muito bem.

321

-A propósito... - indaguei ainda, ...do cofre.
Foi aberto, depois da morte de seu marido?

- Sim. Descobrimos umas letras sem nexo
no livro

de apontamentos onde o pobre Hilton ia
anotando o curso

da sua doença... coitado... para ajudar
outros doentes...

e, bem, era a combinação do cofre.

- Estou a ver.

- E não se esqueça de ir falar com Nadine.

- Já vou a caminho.

Sorriu e declarou:

- Não sei o que se passa consigo, Mr. Lam,
mas a

verdade é que tem qualquer coisa que nos
inspira confiança...

- Obrigado.

Fui encontrar Nadine, com Selma, no
infantário do

andar de cima. Era a primeira vez que via a
miúda. Tinha

os olhos da mãe e um sorriso encantador
que lhe abria

covinhas de ambos os lados das faces.

- Este é Mr. Lam, Selma - apresentou Nadine.

- Como está, Mr. Lam? - saudou a pequena, falando

lenta, mas correctamente.

- Vou bem, obrigado, e tu, como tens passado? Retribuí.

- Fina, A mamã disse que, se eu for boa menina, vai

passar um filme, esta noite, na máquina de projectar.

Mrs. Nadine Croy riu e elucidou:

- Receio estar a torná-la demasiado fútil, mas trouxe

comigo umas bobinas com filmes tirados em família e ela

adora vê-los, constantemente.

Selma olhou-me muito séria e disse:

- Filmes com o Tio Doutor. O Tio Doutor foi dormir

e não torna a acordar.

- Ah, sim? - admirei-me.

Selma acenou com a cabeça, afirmativamente, com grande solenidade.

322

Nadine interveio:

- Vou deixar Selma, por momentos, aos cuidados

de Jeanette, para que possamos conversar.

Premiu um botão de campainha e, instantes depois,

a criada surgiu à entrada.

- Quer tomar conta de Selma, por favor, Jeanette?

A moça dirigiu-me um sorriso ao reconhecer-me e

respondeu:

- Sim, Mrs. Croy - após o que estendeu ambas as

mãos a Selma.

Quando Nadine e eu começámos a sair do quarto,

notei, por um espelho que reflectia a figura de Jeanette,

que esta me examinava, pelas costas, dos pés à cabeça.

Tinha colocado um braço em frente da miúda e não descolava

os olhos de mim. De súbito, viu que eu olhava para

o espelho, os nossos olhos encontraram-se e ela desviou

os dela, disfarçando. Depois, os lábios entreabriram-se-lhe

e prendeu-me com um sorriso.

- Por aqui - indicou Nadine.

Levou-me para um canto de um pátio, entre um grande

a loendro e uma parreira de latada.

Apontou para um par

de cadeiras que pareciam estar ali postas, propositadamente,

para nos receberem.

Mal me sentei, inquiriu abruptamente:

- O Dr. Devarest contou-lhe alguma coisa a meu

respeito?

- Não.

- Acerca do meu problema doméstico... familiar?

-Não.

- Está certo disso?

- Sim.

Nadine fez uma pausa, como se procurasse o melhor

ângulo de abordagem. Em seguida, pareceu decidir-se a atirar-se de cabeça:

- O meu casamento foi muito infeliz.

Divorciei-me

dezoito meses depois, há ano e meio, exactamente. Tinha

323

imensas provas que teria podido usar contra meu marido, mas não quis servir-me delas. Só utilizei as necessárias para obter a custódia de Selma.

- Pensão de alimentos?

- Não, não quis nada dele. Sabe?, foi esse o problema.

Eu herdei de meu pai uma grande quantidade de dinheiro. Walter... Walter Crow, meu marido, conheceu-me pouco depois de meu pai morrer. Mostrou-se muito amável, cheio de consideração, atenciosíssimo e... bem, senti-me atraída por ele e casámos. Pouco tempo depois do casamento, compreendi que ele não fora insensível às vantagens do dinheiro que eu herdara. Começou a tentar pôr em prática vários esquemas, para tomar o controlo

do dinheiro. Felizmente, porque a herança era realmente vasta, não teve tempo para assenhorear-se de tudo e tive um advogado muito arguto e leal. Avisou-me, especificamente, das intenções de meu marido e indicou-me a maneira de proteger parte da minha propriedade.

- Quem é esse advogado?

- Forrest Timkan.

- Que aconteceu, em seguida?

- Penso que Walter descobriu que Timkan me advertira

do perigo que eu corria... Não estou certa disso,

mas, pouco a pouco, Walter começou a tornar-se cada vez

mais insistente e não tardou em desmascarar-se. Queria

apoderar-se de todo o meu dinheiro.

- Quer dizer que não a amava?

Deu um estalido com os dedos e respondeu:

- Tinha tanto interesse em mim, como isto!
É um explorador. É um homem extremamente atraente, com um encanto magnético e manipula as mulheres, como marionetas, entre os dedos. Na verdade, as mulheres nada significam para ele. Foi o que me calhou, imagine. Nem Selma significava qualquer coisa para ele, a não ser uma hipotética possibilidade de conseguir os seus objectivos. Acabou por falsificar a minha assinatura em cheques e

cometeu mais meia dúzia de manigâncias desse género.

Bem, como lhe disse, pedi o divórcio, há ano e meio, e, como é óbvio, a custódia de Selma.

- E depois?

- Há coisa de seis meses, Walter começou a atacar

o problema, sob um novo ângulo. Queria parte do tempo

da custódia de Selma, invocando o poder paternal.

- Julgava que ele não se interessava muito pela

filha - observei, como incitamento.

- Não se interessa *mesmo nada* pela filha, mas

sabe que, qualquer dia, Selma terá também muito dinheiro.

Isso é algo que Walter não deixaria de tomar em consideração...

e expôs-me a questão, cruelmente.

- Como?

- Sugeriu-me que o comprasse.

- Foi nisso?

- Não. Mr. Timkan advertiu-me de que, se eu começasse a pagar-lhe, nunca mais *pararia* de extorquir-me dinheiro. Walter foi então muito, *muito* desagradável, tentando comprometer-me com calúnias e... bem, subitamente parou, com todos os ataques.

- Sem mais nem menos?

Nadine fez uma curta pausa, durante a qual sondou atentamente a minha expressão e inquiriu:

- O Dr. Devarest não lhe falou nisso?

- Não.

- Pois, como lhe digo, tudo parou, de um dia para o outro. Mr. Timkan, não conseguiu discernir o motivo dessa desistência. Na altura, pensou que Walter não teria dinheiro disponível para custear as despesas com advo-

gados e tribunal; contudo, agora, o seu advogado está pronto para voltar à carga.

- Porque me conta tudo isso? - sondei.

- Porque penso que a morte do Dr. Devarest tem

algo a ver com todo este assunto. Falei com Mr. Timkan

a seu respeito e ele disse-me que gostaria de conhecê-lo.

325

- Muito bem. Onde poderei encontrá-lo?
Nadine tirou de uma algibeirinha da blusa,
um cartão-de-visita,
com o nome e direcção de Timkan, e
estendeu-mo.

Peguei-lhe, guardei-o na carteira e prometi:
-*Okay*, irei vê-lo.

: -Espero, *Mr. Lam*, que tenha
oportunidade...

? Calou-se, de repente, ao ver um homem
que emergira
da sala de estar, pela porta que dava para
o pátio onde
nos achávamos. Não havia dúvida que
viera ali, intencionalmente,
mas esperava que terminássemos a
conversa.

Notei que Nadine se mostrava preocupada.

- Quem é? - perguntei.

- Corbin Harmley-respondeu-, um dos
amigos

do Dr. Devarest. Tem estado na América do
Sul, num negócio

de petróleo. Chegou de avião, na véspera de o

Dr. Devarest morrer. Tencionava vir cá, imediatamente, para pagar-lhe um empréstimo.

- De quanto era... esse empréstimo? - interessei-me.

- Duzentos e cinquenta dólares. Parece que era

grande amigo do meu tio. Conhecera-o num clube onde

almoçavam e passaram a conversar amiúde. Harmley é um

promotor de vendas, ligado a negócios de petróleos, e

andava sempre cá e lá. Foi por essa razão que a tia Colette

nunca o vira, antes. A certa altura, teve um desaire nos

negócios, exactamente no momento em que devia regressar

à América do Sul. Foi então que o meu tio lhe

emprestou o dinheiro de que carecia para as despesas da viagem.

- E depois?

- Depois, segundo depreendi, Harmley teve sorte e

voou para cá, novamente, para contar as boas novas ao

tio Hilton e pagar-lhe a dívida. Vinha procurá-lo aqui,

pessoalmente, quando pegou num jornal e leu as notícias,

326

sobre a sua morte. Teve um terrível choque e... bem, escreveu à tia Colette uma carta gentilíssima... uma das mais belas cartas que jamais li, na minha vida! Disse que queria vir apresentar-lhe pessoalmente as suas condolências e pagar-lhe a dívida que contraíra com o tio Devarest, a quem elogiou muitíssimo, referindo quanto ele era bom para as pessoas que se achavam em apuros, não só ajudando-as monetariamente, mas também levantando-lhes o moral e encorajando-as a enfrentar os problemas da vida.

- E, em consequência, veio visitar sua tia?
- Sim. Conheceu-a no funeral. Abordou-a com imenso tacto e gentileza. Parece que, em dada altura da sua vida,

começara a beber demasiado e foi o tio quem o reconduziu ao bom caminho.

- Tem medo dele? - perguntei de chofre.

Nadine olhou-me admirada e respondeu:

- Não... mas creio que já o tinha visto antes, noutra ocasião.

- Se você fosse mais *franca* comigo, Mrs. Croy,

talvez pudesse compreendê-la mais inteligentemente repliquei.

Ela riu.

- Não quero estar a andar às voltas do assunto, mas,

na verdade, não sei bem o que se passa comigo, em

relação a esse homem. Iria jurar que já o vi, e inclino-me

para que isso tivesse ocorrido, em minha casa, certa

noite, em que ele teria vindo visitar o meu marido, mas

não estou certa. Apenas o teria visto de relance... pouco

tempo depois de casados.

- Perguntou, nessa altura, a Walter Croy. quem

ele era?

- Não. Não liguei importância.

- E perguntou a esse Harmley. se já se teriam...

visto?

- Não quis abordar assuntos familiares com... um

327

estranho, tanto mais que pode tratar-se, simplesmente

de um caso de erro de identidade.

Fitei-a bem nos olhos e inquiri;

- Porque me conta tudo isso?

- Porque, para além do que vai fazer para a tia

Colette, queria também que me ajudasse.

Desejava que

falasse com Mr. Timkan. Queria que descobrisse, se for

possível, se Mr. Harmley conheceu Walter...

Não posso

afastar da ideia que Walter se lembrasse de tentar exercer

qualquer pressão sobre mim, através de terceira

pessoa... de Harmley, por exemplo.

Pressinto que há

qualquer coisa, por detrás de tudo isto... e *tenho* de descobrir

o que é.

-Tem algum receio de que a questão da custódia

vá para tribunal?

Os seus olhos passaram pelos meus, de raspão,

e respondeu evasivamente:

-Selma já está suficientemente crescida para começar

a compreender certas coisas. Um processo nessas

bases, não lhe seria, de modo algum, salutar, no caso de

ficar, temporariamente, ora com o pai, ora comigo. Seria

terrível *para* ela, quero eu dizer.

Pensei um bocado e repeti:

- Irei falar com Timkan.

- Por favor - pediu Nadine -, *não* se poupe a despesas.

Isto é para mim muito importante.

Certamente que

não quero deitar dinheiro pela janela fora, mas o que for

preciso...

- Compreendo - cortei.

- Quer que lhe apresente, agora Mr. Harmley?-

sugeri.

- Porque não?

Nadine levantou-se levemente e atravessámos o

pátio, em direcção ao homem. Harmley tinha uma figura

agradável, devia andar pelos trinta e picos e possuía

uma abundante cabeleira escura que começava a fugir-lhe

328

da testa para a nuca. Mantinha o queixo levantado e parecia

orgulhar-se da sua pessoa e, provavelmente, do seu

trabalho. Tinha um olhar agudo e penetrante, com um

certo ar de humor.

Em surdina, Nadine avisou-me:

- Vou apresentá-lo, como sendo um amigo da família.

A partir de agora, passaremos a tratar-nos pelos nossos primeiros nomes. A tia Colette acha que essa é a melhor maneira de...

Já estávamos muito perto, de forma que interrompi:

- Fino. *Okay.*

Nadine fez as apresentações. A mão em que Harmley cerrou a minha, era quente e firme. Quando falou, a sua voz soou num tom baixo e grave, bem modulado, dando uma impressão de uma dinâmica reserva de poder.

- Se teve o privilégio de conhecer intimamente o Dr. Devarest - proferiu -, pode crer que privou com um homem notável.

- Tive esse mesmo sentimento - concordei, bem-falante.

- Esse homem modificou inteiramente a minha vida

- declarou, calando-se subitamente, como se esse pensamento o tivesse, de certa maneira, comovido.

Mrs. Nadine Croy sorriu gratamente e anunciou:

- Vou deixar-vos e ver como vai a minha filha. Não

se esqueça, Donald, de falar àquela pessoa, ouviu?

- Esteja descansada, Nadine - retorqui.

Ela tornou a sorrir, agora com alguma alegria, e afastou-se.

Olhando-a especulativamente, Harmley disse:

- Sabe uma coisa, Lam? Isto parece idiota, mas

tenho a estranha impressão de que já encontrei essa

mulher, em qualquer outro lado! Contudo, por mais que

me esforce, não consigo lembrar-me onde. Lembro-me

de já a ter visto, sem atinar onde e quando
localizá-la.

Mas sei que a vi.

329

- Isso acontece frequentemente -
contribuí.

Tem-me acontecido o mesmo, em
bastantes ocasiões,

- Acha que se trata de pessoas que nunca
vimos e

que julgamos ter encontrado, ou que,
muito simplesmente,

nos esquecemos delas, no tempo e lugar?

- Geralmente, acontece tê-las encontrado
num lugar

público, como num autocarro, sem
realmente as termos

conhecido. Com Mrs. Croy pode até ter
acontecido tê-la

visto num restaurante, com o Dr. Devarest,
ou em qualquer

outro lado, e os seus belos olhos negros
não são dos

que passam facilmente despercebidos.

- Deve então ser isso. Posso tê-la visto
com o

Dr. Devarest. talvez no seu carro, em
qualquer altura.

- É uma jovem muito atraente - comentei, para dizer qualquer coisa.

- Na verdade! Está separada do marido, não?

; -Presumo que, divorciada.

- É pena.

- Julgo ter depreendido que se avistava, com frequência, com o Dr. Devarest - estimulei, à laia de isca.

- De quando em quando. Via-o, de seguida, durante uma semana ou duas e depois surgiam intervalos de um mês ou mais... por vezes, vários meses, em que eu estava ausente do país.

- Tinham amigos comuns?

- Oh, sim, vários, do mesmo clube, em que almoçávamos.

Deixei de ser sócio, há já algum tempo, mas continuei

a ir lá. como convidado do Dr. Devarest,
sempre
que vinha à cidade. Estive ausente de cá,
durante um dado
período. A última viagem que fiz manteve-
me afastado
dos Estados Unidos seis ou oito meses.
- Deveras interessante - observei. - Há
exactamente
seis ou oito meses, uma pessoa prestou ao
Dr. Devarest
uma informação muito valiosa sobre uma
outra
terceira pessoa, de relações mútuas...
que o deixou
muito impressionado.

330

Olhou-me perscrutadoramente e comentou:

- Diria, meu velho, que essa tirada é um **bocado**

vaga, não acha?

- Sim. Riu-se e disse: 'P

- Não tenho a menor intenção de criticá-lo, mas...

- Compreendo, mas isso é qualquer coisa que a mulher dele tem andado a tentar descobrir.

- Não sabe quem seria esse tipo? - perguntou.

- Não.

- E não faz ideia de quem possa ser essa terceira pessoa? ;

- Também não faço a menor ideia.

Sacudiu a cabeça e confessou:

- Então não percebo.

- Bem, estou apenas a fazer perguntas aqui e além,

acerca das relações do Dr. Devarest - justifiquei. Gostava

de ajudar a viúva, nessa dúvida. Disse tê-lo visto

há coisa de seis ou oito meses, Harmley?

Franziu o sobrolho pensativamente e respondeu:

- Há coisa de sete meses, para ser exacto.

- Viu-o com frequência, nesse período?

- Não. Nessa altura, apenas lhe fiz uma breve visita.

Almoçámos juntos, talvez dois dias seguidos, quando

muito, mas lembro-me de que me levou ao seu estúdio,

certa noite...

Neste ponto Harmley mostrou-se confidencial, interrompendo-se

para intercalar:

- Ele falou-lhe'alguma vez do seu estúdio?

- Com o equipamento médico obsoleto? - colaborei.

- Onde escondia as bebidas e os livros policiais completou

Harmley, rindo.

- Hum, hum! - confirmei.

- Hilton mantinha-o em completo segredo e apenas meia dúzia, se tanto, de amigos, tinham conhecimento daquele esconderijo espiritual.

331

- Como sabe? - admirou-se.
- Lembra-se de ele ter falado num cofre, nessa data em que estiveram juntos?
- Tenho realmente uma vaga ideia de que se referiu a um cofre que seria a última palavra, no mercado. Parece que foi no segundo dia em que almoçámos juntos, que essa conversa veio à baila...
- Oiça, Harmley, vou ser franco consigo - declarei.
- É muito importante saber-se de que assunto falou o Dr. Devarest consigo, imediatamente antes dessa decisão de comprar o cofre.
- Meu Deus! Pensa que *eu* possa ter-lhe fornecido qualquer informação que lhe fosse muito valiosa?
- Sim.

Harmley franziu as sobrancelhas e meditou, por instantes:

- Que diabo posso eu ter contado a Hilton que fosse

assim tão importante para ele?

- Tente lembrar-se das pessoas a quem se referiu e

do que disse a respeito delas. Leve o tempo que quiser.

- Vai dar uma data de trabalho, mas vou tentar ser-lhe

agradável.

- Ficar-lhe-ei muito agradecido.

- Mas não vai ser nada fácil. Procurarei lembrar-me...

- Pode até ter acontecido mostrar-lhe uma fotografia

de um grupo de pessoas, como às vezes fazemos sugerir.

- Como sabe? – admirou-se.

- Não sei - rectifiquei. - Limitei-me a admitir a

hipótese.

Aparentemente admirado, disse:

- Sim, recordo-me de ter-lhe mostrado uma fotografia, em que eu estava com alguns parceiros da América do Sul e com um ou dois vendedores de propriedades. Trouxera esse postal comigo, quando viera para São Francisco e, certa vez, mostrei-lho. Rimo-nos, porque essa

332

fotografia fora tirada num parque de diversões. Agora que me fala nisso, lembro-me de que o Dr. Devarest me pediu que lhe desse uma cópia desse postal, não sei a que pretexto, e dei-lha.

Após uma pausa, em que me olhou com certa desconfiança, inquiriu:

- Porque pensou numa fotografia, Lam?
- Por ser uma possibilidade a considerar.
- É boa! Creio que Hilton se mostrou, nessa altura, muito interessado na América do Sul e no meu entusiasmo em trabalhar aí, dizendo querer ter essa recordação da minha aventura, ou qualquer coisa no género.

Casualmente, perguntei:

- O Dr. Devarest aplicou algum dinheiro nesse seu empreendimento sul-americano?

Harmley olhou-me de relance e respondeu, apressadamente:

-Não... e bem teria gostado que ele se tivesse decidido

a fazê-lo... Você cobre uma data de terreno, com as

suas perguntas, hem?

- Tonto - confessei.

Harmley tornou-se subitamente rígido. Com fria dignidade,

redarguiu:

-Bem, tive muito gosto em conhecê-lo, -Mr. Lam.

É possível que nos tornemos a encontrar.

Retribuí, no mesmo tom de indiferente cordialidade:

- Certamente. Ando sempre por aí.

O homem afastou-se e, pouco depois, Nadine Croy

veio ter comigo. Tinha estado a observar-nos, discretamente.

- Tirou-lhe algo da púcara? - inquiriu.

- Pouco. Soube que ele mostrou ao Dr. Devarest

uma... ou mais, fotografias. Uma, pelo menos em que ele estava com um grupo de parceiros da América do Sul.

- Não vejo em que isso possa relacionar-se com o caso.

333

- Nem ele. A propósito, pensa que já a viu, a si, em qualquer altura e lugar.

- Nesse caso, ele é o homem que veio avistar-se com Walter. Você disse-lho, Donald?... Falou-lhe no assunto?

- Não.

- Porque não?

- Pensei que seria melhor deixá-lo descobrir por si próprio. A minha missão é obter informações e não fornecê-las - justifiquei.

- Talvez eu pudesse dar-lhe a entender que o seu

rosto me é familiar...

- Não. Acho melhor deixar andar, tal como está aconselhei.

- Não o ofendeu, pois não, Donald?

- Hum, hum! - admiti.

- Como?

- Ao perguntar-lhe, por insinuação, se o Dr. Devarest

não teria investido algum dinheiro no empreendimento de petróleo.

- E isso poderia ofendê-lo?

- Sim, se ele veio cá ludibriar Mrs. Colette Devarest.

- Ludibriá-la, como?

- Pretendendo pagar-lhe uma dívida de duzentos e

cinquenta dólares. Suponha que esse dinheiro não lhe

fora emprestado pelo Dr. Devarest, mas sim entregue,

para investimento, numa operação que deu grandes lucros, por exemplo, na ordem dos quatrocentos por cento, como já tem acontecido, e até mais, em exploração de petróleo. Se assim fosse, os duzentos e cinquenta dólares valeriam agora mil, pelo menos, e Harmley meteria na algibeira setecentos e cinquenta. Percebeu, Nadine? Ela ficou pensativa, durante alguns momentos, e depois perguntou:

334

- Você não tem grande confiança nas pessoas, pois não, Donald?

- Não - confirmei e mudei logo de assunto: Conseguir atrair o seu marido ao escritório do seu advogado, Nadine?

- Só se ele antever ganhar alguma coisa com isso.

- Invente uma isca e procure que Harmley se encontre com ele, no mesmo local e ocasião. Torna-se necessário que alguém treinado a apreciar as reacções humanas, possa observar como se comportam, um em frente do outro, sem saberem de antemão que vão encontrar-se.

- Refere-se a Timkan?

- Se for um bom advogado, estará apto a aperceber-se

de qualquer indício de que já se conheceram, ou se estão ainda relacionados.

- Vou tentar consegui-lo. Penso que seria realmente conveniente dar a entender às pessoas que nos rodeiam, que você é... bem. um amigo meu, muito íntimo... pelo que devemos agir como tal.

- *Okay.* Mostrar-me-ei terno e devotado, quando Harmley aparecer por cá.

- Mas só quando estiver alguém a ver-nos - precisou Nadine, com um sorriso.

- De acordo. Quem é esse homem que vai agora a entrar em casa?

- É o motorista, Rufus Bayley.

- É o mesmo homem que eu vi a espreitar-nos, da porta interior da garagem, quando a polícia me interrogava

sobre a morte do Dr. Devarest. Gostava de falar com ele.

Numa voz musical e em tom grave. Nadine chamou:

- Rufus!

Ele ia a abrir a porta, estacou e virou-se atenciosamente,

mas, mal me viu, o seu rosto ganhou uma máscara

inexpressiva. Tinha o rosto vincado por algumas

rugos, não de velhice, mas de sol, emanando uma impres-

335

são de poder concentrado, e algo que lembrava um são-bernardo, ou um *Grand-Danois*.

- Sim, Mrs. Croy - respondeu.

- Lubrificou o meu carro, ontem?

- Sim, Mrs. Croy.

- É só isso, Rufus - despediu-o ela, perguntando-me

em voz baixa: -Quer falar com ele.

Nesse momento, vi Jim Timley, o sobrinho do Dr.

Devarest, sair de casa.

- Não, para já - respondi.

Timley atravessava o pátio, na nossa direcção. Caminhava

com certo dinamismo, como alguém que pode

entrar rapidamente em acção. Com o sol batendo-lhe na

vista, pestanejou ao dirigir-se-me:

- Estive agora a falar com a Tia Colette e ela referiu-se,

a si, como sendo o “amigo-da-família».

Confirmei, com um aceno de cabeça.

- Deixei-a, contudo, um pouco perplexa -
prosseguiu

Timley.

- Porquê?

- Porque os demais amigos do Dr. Devarest,
nunca

o viram nem o ouviram falar de si.

- Já cá jantei uma vez - lembrei.

- Pois sim, mas não pareceu muito
amigável criticou.

Não retorqui e ele continuou:

- Por isso, a tia Colette acha melhor que
passe

por... como direi... amigo particular de
Nadine.

- Passaremos por namorados,
extremamente discretos

- propôs Nadine.

-Acha que devo fazer-lhe festas?

- Apenas superficiais - disse ela sorrindo.

-Crê que sejam suficientes?

- Dir-lhe-ei, com o tempo - replicou ela,
divertida.

- Fico à espera.

?! CAPÍTULO 7

- Não Donald - disse Elsie Brand. - Não apareceu

em todo o dia, nem sequer telefonou.

Sentei-me e ofereci-lhe um cigarro.

Elsie, recusou sacudindo a cabeça.

- Ela não quer que eu fume, durante **as** horas de

serviço - justificou.

- Fume lá - instiguei. - Agora sou sócio da firma.

- Assim me informaram.

Hesitou, um segundo, acabou por aceitar o cigarro

e acendeu-o. Durante alguns momentos, fumámos em

silêncio. Depois, declarei:

- Chegou a altura de falarmos de salário.

- Porquê?

- Porque você está sempre amarrada à máquina de escrever. .

- Se mexer nisso, a pressão arterial de Bertha

subirá a duzentos e noventa e cinco. Pedi-lhe um aumentozinho, no mês passado, e ela soprou com tanta força

que ia-me virando de pernas para o ar.

- Quanto é que se atreveu a pedir-lhe?

- Mais dez dólares.

- Já os tem.

- Pode fazer isso?

- Creio que sim. Que há acerca da bicicleta feita

em papas? Já houve algum sinal de reacção?

- Ainda não. Telefonei esta manhã, para o *Auto*

Club. Receio que ela nos tenha levado à certa.

- Torne a telefonar-lhes. Nunca se sabe.

Elsie pousou o cigarro no cinzeiro e discou um

número no telefone.

- Daqui, Miss Brand. Há alguma novidade acerca da

bicicleta que esborrachei? - sondou.

Notei que a expressão do seu rosto se alterava.

Pegou num lápis e disse:

22 - VAMP. G. 7

337

- Um momento... Nollie Starr, 681, East Bendon Street... Quanto é que ela quer?... Sim, a culpa foi minha, devo confessá-lo. Lamento imenso... Muito obrigado.

Pôs o auscultador no descanso e arrancou a página

do bloco-notas. Sorriu triunfante e disse:

- Aqui tem a direcção de Miss Nollie Starr. Ela

esperou que a bicicleta estivesse reparada, para apresentar queixa ao *Auto Club*.

Dobrei a folha de papel e enfiei-a na minha algibeira.

- Vou tratar de verificar se o *Auto Clube* já lhe

enviou o cheque. Não quero que ela vá lá protestar pela

demora e inquirir o seu número de matrícula. Pode dar-lhe

na veneta averiguar quem é a dona do carro e onde

trabalha. Além disso, pode mudar de casa.

- Eu trato disso - ofereceu-se Elsie. -

Telefone-lhes

amanhã, de manhã, para que se apressem a regular-lhe

a conta. Creio...

A porta abriu-se e Bertha Cool entrou, como um tanque

de guerra, por um campo lavrado.

Elsie enfiou o cigarro no cinzeiro e desatou a martelar

o teclado da máquina de escrever. Bertha fitou-nos,

de sobrolho franzido. Decidi atacar primeiro:

- Onde esteve metida, toda a manhã?

O rosto de Bertha modificou-se, como que por

encanto, e abriu-se num largo sorriso.

- A pescar. Foi um dia maravilhoso para a pesca.

E não se ponha a armar em moralizador. Eu avisei-o.

Agora, lamento muito interferir com o vosso namoro mas... sei muito bem que você é sócio da firma» mas sei também que Elsie tem muito que fazer e não quero que interfira no seu trabalho. A menos que também ela exija entrar para a sociedade.

- Estávamos a falar de assunto de serviço - justifiquei.

338

- Não me diga! - duvidou Bertha. -
Acerca da
bicicleta?

- Isso foi o principal, mas houve um
secundário.

- Que secundário foi esse?

- Elsie disse-me que a vida está muito cara,
e...

- Também me disse a mim, no mês passado
e já
lhe respondi...

- Pois, no mês passado, mas este mês
aumentei-lhe
o salário: dez dólares.

A euforia da pesca desvaneceu-se-lhe do
rosto.

Ficou de boca aberta, como se lhe faltasse
o ar, e depois
desencadeou uma torrente violenta de
palavras:

- Você, seu pirata das dúzias! Quem dirige
esta

firma sou eu. Você é meu sócio, mas não
pode aumentar

os salários, sem meu consentimento. No que lhe diz respeito...

- Não acha melhor discutirmos estes assuntos administrativos no seu escritório? -
intervim.

Ficou-se a olhar para mim, pestanejando, e, abruptamente, enfiou pela porta do seu gabinete. Segui-a e fechei a porta.

Bertha fazia um esforço desesperado para manter o

domínio dos nervos. Por fim, desabafou:

- Eu já devia esperar que você fizesse uma coisa

dessas! Elsie tem tanto direito a um aumento de dez

dólares, como a ter motorista privativo da agência. Faz

o seu trabalho e recebe um salário idêntico ao de qualquer

outra dactilógrafa deste país. Ela...

-... faz duas vezes mais trabalho do que
outra dactilógrafa
qualquer - cortei. - Trabalha por dois
salários,
recebendo apenas um.

Bertha rodou em torno da secretária,
sentou-se na
imensa cadeira e encaixou um cigarro na
sua boquilha
de marfim. Finalmente, ameaçou:

-Você talvez não se tenha apercebido, mas
posso

339

dissolver a nossa recente sociedade de um momento para o outro.

- Também eu - redargui.

- Você! - exclamou Bertha. - Esquece-se de que

entrou nesta casa sem um níquel, e tinha tanta fome

que, se não lhe acudisse, comia as próprias solas. Você,

a dissolver a sociedade! Deixe-me rir! Ela dá-lhe mais

dinheiro do que nunca sonhou ter, em toda a sua vida!

- Pois! - repliquei. - Ou Elsie recebe os seus dez

dólares, ou vou-me embora.

Bertha acendeu o cigarro, levantou-se e dirigiu-se

para a janela, de costas viradas para mim. Quando se

tornou a virar, a sua fisionomia mudara consideravelmente.

Com inesperada suavidade, articulou:

- Muito bem, queridinho. Fique com a Bertha.

Depois, esbaforida, acrescentou:

- Mas não se atreva, nunca mais, ouviu, aumentar

salários seja a quem for. O seu erro é pensar que esses

dez dólares saíram da *minha* algibeira, mas não se

esqueça de que cinco vão sair da *sua*. Que há, quanto ao

caso Devarest?

- Vou visitar um homem chamado Timkan, advogado

de Nadine Croy.

- Para quê?

- Analisar a situação geral.

-Quando?

- Amanhã, de manhã. Ela vai arranjar as coisas de

maneira a levar lá um parceiro que, provavelmente,

esteve ou está relacionado com o marido, Walter Croy.

- Que história é essa?
- Nadine pensa que esse tal sujeito, Harmley, deu ao Dr. Devarest uma informação qualquer acerca de Walter Croy, que pôs este em sentido. Essa informação deveria ter estado dentro do cofre roubado.
- Quando levaram as jóias?
- Antes disso. O Dr. Devarest deve ter surripiado

340

as jóias para ter um pretexto para pôr a polícia em campo, e descobrir o ladrão do documento que continha a informação.

- Onde se acham as jóias, nesta altura?
- Não sei. Só apareceu um anel.
- Sei disso. Mas se levou o resto, onde diabo pára?
- irritou-se Bertha.
- Ainda não descobri.
- Ela paga-nos “algum» por isso?
- Quem?
- Mrs. Devarest.
- Porquê?
- Por descobrir-lhe as jóias.
- Ainda as não descobri.
- Mas vai fazê-lo, não vai, Donald?
- Não estou ainda certo de que Mrs. Devarest esteja Interessado em que lhas descubra.
- Nesse caso, para que diabo o contratou?
- Para fazer de negaça.
- A quem?

- A Walter Croy. Terei de evitar que ele descubra o nome da pessoa por quem sua ex-mulher estava apaixonada.

- Porque pensa isso?

- Porque começaram por dizer-me que não devia

mostrar-me como detective, mas fazer-me passar por

amigo íntimo da família. Depois, mudaram a coisa

para amigo íntimo e específico de Nadine Croy. Fui transformado

em sua propriedade privada, para fins, por

enquanto, confessáveis.

- Bem, que mal tem isso?

- No que me diz respeito, não tenho reclamações

a apresentar. Parece-me, contudo, que ela está demasiado

interessada em fazer-me passar por namorado. Na realidade,

Walter Croy tentou obter a custódia da filha, pretextando que a mulher não é moralmente digna de man-

341

tê-la na sua companhia e à sua guarda. Aparentemente, a miúda não lhe interessa para nada e o que ele quer é dinheiro. Porém aconteceu qualquer coisa que reduziu a pretensão de Walter a puré de pevides. O que estava no cofre seria para ele uma verdadeira cobra-capelo.

Dessa maneira, Nadine podia fazer o que muito bem lhe apetecesse e, naturalmente, tomou pouco cuidado com os sítios por onde andou e com quem. Parece que isso aconteceu, há sete meses.

- De que lhes serve mostrarem-no, a si, como o seu “mais-que-tudo»?

- Nada podem provar de comprometedor, a nosso respeito, e sempre despista as atenções do mundo.

- E isso ajuda-o a descobrir qualquer coisa?

- É o que vamos ver.

-Como?

- Se ela começar a mostrar-me em público, verificarei

se estou no bom caminho.

- Estou mesmo a ver que dá com ele! Ela é divorciada

e não vai gritar pela mãe.

- Refiro-me a descobrir aquilo que ela *realmente*

receia.

- Acha que ela tem medo de qualquer coisa?

- Sim, e não é de mim.

Neste momento, o telefone tocou. Bertha pegou no

auscultador e inquiriu:

- O que é Elsie?

Virou-se para mim e anunciou:

- Essa Croy quer falar-lhe. Elsie disse-lhe que você

estava numa conferência e que não podia ser incomodado.

Transmitiu, então, um recado da tia Colette: Mrs.

Devarest pensa que seria conveniente que vocês dois

passassem a ser vistos, juntos, em público.

- Não lhe dizia? Elsie que a informe de que entrarei

em contacto com ela, dentro de meia hora.

,; Depois de atirar com o telefone, Bertha concluiu:

342

- O que essa tipa está é babada por si!
- Quem me dera - suspirei. - Com as centenas de milhares de dólares que tem em seu nome, casava já e reformava-me amanhã.

- E você acha que as intenções dela são honestas?

- motejou Bertha.

Levantei-me e encaminhei-me para a porta.

- Certamente. É uma moça pura. Toda ela é pureza

- afirmei gravemente.

O 681 da East Brendon Street era uma casa de apartamentos, com a fachada de tijolo e um átrio interior, mobilado com uns trastes tão estafados, como bafientos.

Via-se uma porta lateral com um dístico:

Gerente; em

frente dela, dois degraus de acesso a um patamar; daí

para cima mais três andares; em cada patamar, dois

apartamentos; de elevador, nem cheiro. Como não podia deixar de ser, o 304 ficava no terceiro andar, do lado da frente do prédio, e tive de subir a pé. O nome inscrito na caixa do correio era Dorothy Grail. Toquei à campainha.

Ouviu-se um ruído de passos ligeiros e a porta abriu-se, até que souou um estalido metálico: tinha corrente de segurança. Um par de olhos negros examinaram-me curiosamente.

- Miss Starr vive aqui? - perguntei.

- Não... Miss Grail.

- Mas Miss Starr não vive aqui, com Miss Grail?

- Não.

- Nem conhece Miss Starr?

- Não.

A porta começou a fechar-se. Como se falasse com

os meus botões, em voz baixa e aborrecida, queixei-me:

- Não percebo isto! O *Auto Club* indicou-me esta

direcção, para tratar de uma conta de arranjo de uma bicicleta...

343

Ouvi mais passos, agora apressados, e uma voz

interveio:

- Isso é diferente, Dot. Deixa-o entrar.

A jovem dos olhos pretos retirou a corrente de segurança

e entrei no apartamento. Tinha dois quartos, uma

pequena cozinha e uma sala-de-quarto-de-cama, com um

leito incrustado na parede.

Quando Nollie Starr olhou para mim, tentou primeiro

recordar-se de quem eu era; ao reconhecer-me, os seus

olhos manifestaram desespero e medo.

A um canto do quarto, sentado a uma pequena mesa,

estava um homem, com a luz batendo-lhe em cheio no

rosto. Mal ouviu o corte de respiração de Nollie e viu-a

imobilizar-se, levantou-se, de salto. Era Jim Timley.

Quando percebeu que já era tarde de mais para esconder-se, ficou espedado e tão flácido, como um espargo cozido. Só a moça dos olhos negros não pareceu ansiosa por desaparecer. Fitou-me, perplexa, como se não entendesse o enredo da peça.

Decidi proferir a primeira deixa:

- Sou Donald Lam. Aposto como ninguém nos apresenta, mas sei que você é Dorothy Grail. Deste modo, já nos conhecemos um ao outro.

Virei-me para Nollie e Timley e consultei:

- Falamos aqui mesmo, ou preferem deixar Dorothy fora disto?

Dorothy fechou a porta e correu o fecho de segurança.

Nitidamente interessada num segundo acto, sugeri:

- Não há razão para que não falem aqui dentro. Ninguém vos ouve lá fora - disse Dorothy, com certa intonação divertida. Tinha os olhos postos em Jim Timley e este interveio:

- Oiça, Lam, Posso explicar-lhe a situação, mas não sei se me compete a mim fazê-lo.

344

Olhou para Nollie Starr, como a pedir-lhe auxílio e

acrescentou:

- De resto, você não tem nada com a nossa vida.

Gostando da sua própria abordagem, e animado por

um olhar encorajante de Nollie, Timley deu dois passos

na minha direcção, fechou os punhos e, pela maneira

como postou os ombros, percebi que os treinos de boxe

tinham feito parte integral da sua esmerada educação.

- Oiça lá seu intrometido. Nunca gostei de bisbilhoteiros

e não gosto de si. Entrou por aquela porta e vai

tornar a sair, antes que eu conte até três. Não temos

contas a dar-lhe. Um... Dois...

- Eu é que tenho de dá-las a Mrs. Devarest. Para

isso me contratou e só por isso aqui vim. Não quero que me explique nada. Também detesto mexeriquices. Limito-me a apresentar-lhe o meu relatório e quem terá de dar-lhe, a *ela*, as explicações necessárias, será *você*. Diga lá agora: Três. Não disse. A sua voz pareceu estrangularem-se com algo que dir-se-ia pânico. Virei-me calmamente para a porta, enquanto ele conseguiu articular:

- Espere aí, Lam. Não saia ainda.
- Já mudou de ideias? - interessei-me.

Timley olhou para Nollie, mas, desta vez, não obteve qualquer encorajamento. Estava assustado como um gato, no topo de um poste de telégrafo. Contudo, foi ela quem retomou a palavra:

- Já que tem interferido, tão frequentemente, na minha vida privada, vou satisfazer-lhe a curiosidade:

- Já poupa tempo e maçadas - exortei.

Nollie procurou dar à voz certa segurança e disse,

escolhendo os termos:

- Creio, Mr. Lam, que chegou a conclusões *erradas*.

quanto à presente situação.

- Vá lá. Pense depressa - desafiei, vendo que procurava uma saída airosa.

345

Quase que a achou. Com os olhos exprimindo

indignação, protestou:

- Não preciso de pensar depressa. Vou explicar-lhe

tudo isto. Estou farta de vê-lo andar a cavar à minha

volta. Verá como se enganou redondamente. Já vivo aqui,

vai para seis meses. Dorothy Grail é minha companheira

de quarto. Como não sabia se o meu emprego em casa

do Dr. Devarest seria permanente, não quis ficar sem

ter para onde ir, caso o perdesse. Há um par de meses

atrás, estava a chover e Jim Timley teve a amabilidade

de trazer-me a casa. Convidei-o a subir e apresentei-lhe

Dot. Desde então, passou a vir visitá-la com crescente

assiduidade e tem saído com ela. Hoje não o fez, porque eu estava preocupada com tudo o que aconteceu e estivemos a discutir o assunto.

Pelo canto do olho notei que Dorothy se mostrava tão divertida como admirada, mas não levantei a lebre.

Nollie prosseguiu:

- Admito ter cometido um enorme erro quando fugi de casa do Dr. Devarest, sem ter chamado a polícia.

Tenho motivos que justificam o meu procedimento e não vou contar à polícia, nem a ninguém, quais são. Decidi pois desaparecer da circulação, até que as autoridades descubram quem roubou as jóias. Até lá, não abro a boca. Contei a Jim o que se passava e ele compreendeu

perfeitamente a situação.

- É isso mesmo - apoiou Timley. - Ela está a

Dizer-lhe a verdade, Lam.

Nollie Starr continuou com a mesma veemência:

- Tudo quanto pretendo é que me deixem tratar dos

meus assuntos e que os outros tratem dos deles. E se,

realmente, quer fazer-me um favor, trate de descobrir

quem roubou as jóias e deixe-me em paz.

- Faz uma ideia de quem as roubou?

Nollie consultou Jim Timley com o olhar, hesitou e

acabou por responder:

346

- Não quero misturar-me nisso.

Timley olhou, então, para o relógio de pulso, pegou

no chapéu e declarou:

- Quero falar consigo, Lam. Tenho o meu carro

mesmo à esquina deste bloco.

Neste momento, Nollie olhou para ele significativamente

e afastou-se em direcção à cozinha.

Dorothy

Grail avançou para Timley, estendeu-lhe a mão e disse:

- Boa noite, Jim. Lamento imenso...

- Imagino como se sente - cortou ele -, e como

deve ter ficado embaraçada. Lamento também que isto

tenha acontecido, mas não pude evitá-lo.

Compreende

que não tive culpa, não é verdade?

- Certamente - respondeu ela.

Então, inesperadamente, colou-se a ele.
Abraçou-o

e quase se lhe meteu pelo corpo dentro.

- Querido Jim - sussurrou - espero que isto
não

te cause problemas...

- Não.

Passando-lhe o braço em volta do pescoço,
Dorothy

encostou a sua face à do rapaz e
murmurou:

- Não Vais fazer tolices, pois não,
queridinho? Promete.

Timley parecia impaciente, por libertar-se
do abraço

e disse:

- Sim prometo. Não vai haver sarilho
algum.

- És um *amor* - insistiu Dorothy,
aproximando os

lábios entreabertos dos de Jim, ao mesmo
tempo que,

com o outro braço, lhe comprimia as
costas, empurrando-lhe

o busto mais para ela, se tal fosse possível. Timley olhou furtivamente, por cima do ombro, para a cozinha onde Nollie se encafuara. Parecia evidentemente ansioso por escapar-se daquele amplexo. Nesse momento, Dorothy beijou-o, enquanto que a mão que lhe cingia o pescoço lhe pousou na cabeça, metendo-lhe os dedos pelo cabelo. Só então Jim correspondeu ao beijo.

347

Saindo da cozinha, Nollie Starr disse-lhes:
" -Tempo! Acabou o primeiro *round*. É melhor respirarem.

Foi Dorothy Grail quem se afastou. Jim parecia hipnotizado, bebendo-lhe os lábios, com os olhos. Tinha a boca

toda marcada de *baton* e estava corado como um colegial, apanhado a espreitar as pernas da professora.

- Não precisa de vir comigo, Timley - declarei.

Saia antes com Dot.

Virou-se para mim e apressou-se a dizer:

- Não, não, Lam, Preciso realmente de falar consigo.

E consultando Nollie, perguntou:

- Não se importa que eu saia já, pois não?

Com riso nos olhos, foi Dorothy quem respondeu:

- Não, querido. Porta-te como um menino crescido

e vai dar uma volta com esse simpático detective. Conta-lhe tudo quanto ele quiser saber.

- Limpa a boca - aconselhou Nollie, ríspidamente,

Dorothy deixou-te esborratado. E não te esqueças destes livros. Gostámos imenso de lê-los.

Postou-se-lhe em frente, entregou-lhe um embrulho,

fortemente atado com um cordel grosso e, com um lenço,

limpou-lhe os lábios, com notória irritação.

- Boa noite, Nollie - despediu-se Timley e, voltando-se

para Dorothy, fez menção de tornar a beijá-la.

- Bem - intervim -, tenho mais que fazer.

E abri a porta.

- Um momento, um momento - gritou Timley,

correndo atrás de mim.

Descemos, juntos, as escadas. Quando nos achámos

no passeio, declarou:

- Oiça, Lam. Você parece-me um tipo fixe.

- Obrigado.

- É o género de pessoa que dá ouvidos à razão.

- A que espécie de *razão*?

348

- Nunca lhe passou pela cabeça adivinhar qual a minha verdadeira posição, entre a família Devarest?

- Se não passou ainda, vou passar a pensar nisso

- observei.

- Sim, acredito, mas, antes que faça um mau juízo,

quero dizer-lhe umas coisas. A tia Colette é uma mulher

egoísta e frívola. Acontece que é ela quem controla todos

os centavos que consigo obter. Os meus pais deixaram-me

completamente teso. Foi a tia Colette quem me

pôs no colégio e na universidade. Depois, quis que eu

viajasse. A ideia encantou-me, mas ela decidiu acompanhar-me.

Bem, estava no seu direito. Gostava de apresentar-se,

por todo o lado, na companhia de um homem novo, e não só deixou de apresentar-me como seu sobrinho, como pretendeu dar a impressão de que era uma mulher livre. Fora isso, a viagem foi magnífica. Visitámos a América do Sul, a Europa e o Oriente. Paguei bem caro por isso. A tia Colette nunca me deixava, um só momento, à vontade. Não me largou durante todo o trajecto. E sempre que ia para a cama, bem, não me deixava sair e ver várias coisas que eu sempre desejara. Era um verdadeiro prisioneiro... Fez uma pausa e olhou-me, para certificar-se de que eu estava a percebê-lo. Depois, prosseguiu: "Acabámos por regressar e obrigou-me a ficar lá em

casa, durante alguns meses. Como eu apanhara, na viagem, uma desinteria tropical, teimou em tratar-me. Já estava farto dela até aos olhos e foi o Dr. Devarest quem me salvou, afirmando que eu só poderia curar-me, se apanhasse muito sol e ar fresco. Comecei a sair mais frequentemente, até que passava todo o dia fora, mas não consegui sair daquela casa. Não tinha para onde ir. Entrevendo o sorriso crítico que lhe dirigi, explicou:

- Compreenda-me, Lam. Eu estava ainda muito doente. Sentia-me fraco, mas, mesmo assim, tentei arranjar um emprego. Arranjei cópias dos meus diplomas e

349

procurei obter uma ocupação compatível com as minhas habilitações. Era muito difícil, visto que não tinha nenhuma experiência nem cartas de recomendação de qualquer outra firma, visto que nunca trabalhara na vida.

Finalmente, consegui registrar-me numa empresa de construção aeronáutica. Ficaram de dar-me uma resposta.

Simplesmente, resolveram informar-se a meu respeito e foram falar ao Dr. Devarest. Foi um sarilho dos diabos, quando a tia Colette soube que eu tentara empregar-me.

Era como se pretendesse libertar-me da sua tutela, para não dizer jugo. E a verdade é que, nessa altura, piorei.

Depois a tia Colette deu-me a entender que me deixaria

uma boa dose de dinheiro, por herança e...

- Sabe se a sua tia viverá ainda muito tempo? interrompi.

Ele ia responder qualquer coisa, mas arrependeu-se.

Então, pressionei:

- Daqui a vinte ou trinta anos, você fica transformado

num Beau Brummel, quando já era um chaveco.

O meu comentário fez-lhe soltar as palavras que lhe

havam tremido, na ponta da língua.

Desfechou-as de

rompão:

- A tia Colette não viverá mais do que um ou dois

anos, quando muito.

Perante a minha interrogação muda, elucidou:

- Sofre do coração... de uma doença que piora progressivamente

e nada há que a cure. O Dr. Devarest

sabia isso, há muito tempo, mas nunca lhe disse nada.

Decidiu que seria melhor deixá-la viver como lhe agradasse, para não lhe agravar o estado de espírito, com a

angústia de ter de tratar-se, em vão.

- Foi ele que lhe contou isso?

- Não. Disse-o a Nadine e foi ela que mo contou.

Nadine não sabia nada do que se passara, mas percebeu

como eu me sentia naquela casa. Bem, a verdade é que

a tia Colette se mostrava terrivelmente ciumenta, Impe-

350

dindo-me de manifestar o menor interesse por qualquer rapariga. Fazia cenas, sempre que eu chegava um pouco tarde a casa, e arranjava intrigas com todas as moças que se aproximavam de mim. Queria ser, como ainda hoje, o centro de interesse de todos quantos a rodeavam e queria ter cada vez mais gente à sua volta. Tudo quanto lhe digo poderá ser verificado. Pelo menos... parte. Pergunte a Nadine. Também ela, coitada, sofre com o egocentrismo da tia.

- Se Nadine não gosta de lá estar, porque não se vai embora? - inquiri. - Ela não está financeiramente dependente da tia.

- Se você encontrar a resposta para isso - observou

Timley, é bem melhor detective do que eu sou.

- Quer dizer que sua tia exerce certo poder ignorado, sobre Nadine?

Timley encolheu os ombros e murmurou:

- Creio que já falei de mais.

- Não o bastante - contrariei.

- Oiça, Lam, não poderíamos chegar a um acordo?

- propôs.

- Não.

- Mas você não vai contar à tia Colette, esta minha

história com... Dorothy Grail, pois não?

- Estou a trabalhar para sua tia - lembrei.

- Mas está a tentar descobrir as jóias e provar que

o Dr. Devarest não se suicidou deliberadamente... Está

procurando conseguir que a companhia de seguros pague

o prémio a dobrar, não é verdade? O meu caso com

Dorothy não tem nada a ver isso.

- Vou pensar no caso - prometi. - Boa noite.

Ficou espedaçado, na esquina, vendo-me
seguir rua

fora.

351

CAPÍTULO 8

Entrei no meu carro, parei pouco depois em frente

de uma mercearia e telefonei para o quartel-general da polícia. Pedi para falar com o tenente Lisman, da Secção de Roubo de Jóias. Estava de serviço, nessa noite, e foi ele quem atendeu.

- Daqui, Lam. Donald Lam, da *Cool e Lam, Detectives Privados*.

A sua voz não manifestou o menor agrado à minha apresentação.

- Sim, que quer?

- Dar-lhe um lamiré no caso das jóias Devarest, mas não quero que se saiba quem vos ajudou. Agora a sua voz já manifestava interesse, mas não afabilidade.

- Que lamiré?

- Estou a trabalhar para Mrs. Devarest, tentando

aclarar certos ângulos do caso. Se ela vier a saber que

lhes dei esta informação, despede-me; mas não quero

deixar de cumprir o meu dever para com a polícia. Vocês

têm de proteger-me.

- Você diz isso, como se fosse algo importante

- arriscou. ,

- E é.

- *Okay*, de que se trata?

- Aceita o acordo?

- Sim.

- Nollie Starr era secretária particular de Mrs. Devarest

e desapareceu, ao mesmo tempo que as jóias, como

já sabem. Encontrá-la-ão no apartamento 681 da East

Bendon Street. Este apartamento está em nome de

Dorothy Grail, sua companheira de quarto.
Têm de despachar-se
depressa, antes que a pássara levante voo.

- Você é o próprio Lam? - interrogou o
tenente
Lisman?

352

- Exactamente, Donald Lam.

- E a direcção é East Bendon Street, 681?

- Sim, quarto 304.

- Em nome dessa Gail?

- Não - corriji. - Gail, G-R-A-I-L

Não haveria montes de simpatia e amizade
na sua

voz, mas foi menos brusco:

- *Okay*, ficamos-lhe gratos... se a coisa
correr de
maré...

- Cheia - prometi.

Retomei o meu lugar atrás do volante e
rodei até à

casa Devarest. Vi luz no quarto do
motorista, por cima

da garagem. Arrumei o carro ao lado da entrada e caminhei, sem ruído, ao longo da passagem exterior para as traseiras; subi os degraus da escada, silenciosamente, e bati. Pretendia evitar que pensasse tratar-se de uma visita vinda de fora.

Rufus Bayley abriu a porta.

A primeira impressão que captara do motorista de

Mrs. Devarest parecia confirmar-se: grande poder concentrado,

sob uma máscara de boa pessoa. As vezes, os

são-bernardos são muito capazes de morder. Os seus

grandes ossos de um metro e noventa moviam-se com

ligeireza. Tinha o cabelo negro despenteado e, ao sorrir,

a luz evidenciou-lhe uma cicatriz no rosto, destacando-se

das rugas naturais.

- Sou Donald Lam - lembrei.

- Bem sei. Que quer? ,

- Entrar. ;

Afastou-se e consentiu:

„ . ,

- Entre.

O quarto tinha três paredes com janelas para o exterior,

todas elas com persianas novas. A mobília era

barata e os estofos de duas cadeiras, bastante gastos.

Ao fundo, via-se uma estante cheia de livros. Olhei de

relance para os títulos e surpreendi-me ao verificar tra-

- 23 - VAMP. G. 7

353

tarem-se dos *best-sellers* dos últimos seis meses. Tudo

parecia muito limpo e bem cuidado.

- Queira sentar-se - convidou Bayley.

Sentei-me, no que me pareceu a cadeira mais confortável,

e ele fez o mesmo, em minha frente.

Mostrou-me

os dentes, num sorriso hospitaleiro de boa pessoa

e avisou:

- Escusa de dar-se ao trabalho de fingir ser um

amigo da família, porque Mrs. Devarest contou-me o que

o traz por cá. Estou pronto a cooperar consigo.

- Catita.

- Quer saber alguma coisa?

- Sim.

- Dir-lhe-ei o que souber.

- Há quanto tempo está cá?

- Há seis meses.

- Veio trabalhar ao mesmo tempo que Nollie Starr?

O sorriso manteve-se-lhe nos lábios, embora os olhos sorrissem menos.

- Creio que não. Entrou pouco antes de mim.

- Mas não havia muito tempo, pois não?

- Creio que não. Entrou pouco antes de mim.

- Quem trata destes seus aposentos?

- Eu.

- Tem Isto arranjado, com muito esmero - elogiei.

- Gosto assim.

- Não tem nenhuma cama de parede, neste quarto

- observei.

- Não.

- Onde dorme?

- Tenho o quarto ali ao lado.

Apontou uma porta fechada, na única parede que não tinha janelas.

- Quero vê-lo - indiquei.

Não gostou. Levantámo-nos e notei-lhe certa hesitação

em franquear-me a entrada, mas abriu a porta. Pela

354

primeira vez, o ar de boa pessoa desapareceu-lhe do rosto

e a sua voz tornou-se áspera.

- De que anda à procura? - perguntou.

- A recolher indícios - respondi.

Era igualmente um quarto espaçoso, com janelas

protegidas por persianas. Tinha uma cama de ferro pintada

a branco, uma mesa encostada à parede, sob um

grande espelho, e uma outra cama, dessas articuladas,

mas fechada. De cada lado do espelho, havia duas lâmpadas.

A um dos lados, uma secretária de pinho pintado;

junto às paredes, várias cadeiras e dois pequenos tapetes

índios Navajos, de cada lado da cama.

Entre os dois

quartos, havia um pequeno quarto de duche e sentina.

Também este tinha uma pequena janela, com persiana.

- Belo apartamento - apreciei.

- Hum, hum! - confirmou.

- Gosta muito de persianas, não? - interessei-me.

- Sim. Permitem uma grande ventilação e, se o

desejarmos, deixam entrar uma cabazada de sol.

- Você é um homem muito cuidadoso.

- Gosto de tudo em ordem. Mantenho os carros em

condições e tenho a garagem sempre limpa. Tenho um

aspirador de pó para os estofos dos carros e uso-o também,

aqui dentro, facilitando a limpeza das
minhas
coisas.

- Gosta de ler, hem?

- Hum, hum!

- Mas não está sempre muito ocupado?

- Se estou!--confirmou.

- Só serve de motorista a Mrs. Devarest?

- Ocasionalmente, também conduzo Mrs.
Cray.

- Mas ela tem carro próprio, não tem?

- Sim.

- E também trata dele?

- Sim.

- E Timley? Também tem automóvel?

355

: **-Sim.**

- E é você que **o limpa e afina?**

- Hum, hum! -

E tratava igualmente do carro do Dr.
Devarest?

- Nunca. Só ele lhe mexia. Mandava-o
lubrificar na

garagem do hospital e não creio que alguma vez o tenha lavado. Dizia que só lhe servia para ir ver doentes, quando o chamavam, à noite, de urgência. Dirigi-me para a mesa da parede e vi uma escova de cabelo, de cabo de cristal, como usam as senhoras, com um pente enfiado nela. Ao lado desta, uma outra escova de cabelo, para homem, com novo pente, mais pequeno. Via-se ainda uma caixa de pó de talco, um frasco de loção para o cabelo e outro de loção para a barba.

- Posso ver melhor o seu quarto de banho?
- pedi.

Do lado direito deste havia uma porta estreita.

.,; -Que é isto? - inquiri.

- Um armário.

Já o percebera, mas quis ter um preâmbulo oral para abri-lo. Tinha vários fatos pendurados, quatro pares de sapatos e, nas costas da porta, havia uma fita estendida de que estavam suspensas várias gravatas. Entre elas, um lenço de pescoço, em seda, de senhora. Voltei para o quarto de cama e perguntei:

- Esta mobília veio lá de cima, não?
- Sim. Quando Mrs. Devarest mudou de mobiliário, deu-me alguns móveis, para aqui.
- Vejo que tem duas camas. Costuma dormir aqui mais alguém?

Apertou os lábios com desagrado e respondeu secamente:

- Já aconteceu.

Passei novamente ao quarto de entrada, feito sala-de-estar e tornei a sentar-me. Puxei da cigarreira e ofereci:

- Fuma?
356

Não respondeu, mas tirou um cigarro.
imit**ei-o e** acendemo-los.

- Quer saber mais alguma coisa? -
perguntou.

por **fim.**

- Sim. -

O quê?

- Vi-o, pela primeira vez, quando
espreitava pela
porta da garagem, na noite da morte do Dr.
Devarest.

quando a polícia investigava o... acidente:

- Sim.

- Mas não ficou lá muito tempo?

- tá visto! Aquilo estava cheio de “chuis».

Era a

minha noite de folga e tinha vindo deitar-
me. A criada

disse-me que o Dr. Devarest tinha morrido
e quis espreitar,

mas vi os “chuis» e o *coroner* e decidi
que não

precisavam de mim para nada. Não estava
nas paragens,

quando aquilo acontecera, e pirei-me da garagem.

- Mas sempre estive à porta, cerca de dois minutos,

não?

- Simples curiosidade.

- Para onde foi depois disso?

- Subi para aqui.

- Mas não imediatamente - afirmei.

Hesitou e respondeu:

- Não. Não imediatamente. Um pouco depois.

- Quanto tempo depois?

- Um pouco mais tarde.

- Quanto mais tarde? »

- Não sei, não olhei para o relógio.

- Meia hora?

- Sim, meia hora.

- Lembre-se bem, Bayley. Não seria muito mais do

que uma hora?

- Não sei o que é que isso interessa para o caso.

- Várias horas, mesmo?

- Repito que não vejo que interesse tem isso.

357

- Já lho explico. A polícia estava a recolher impressões digitais e verificou que os estojos das jóias estavam vazios...

Rufus Bayley ganhou um ar agressivo e interrompeu:

- Oiça, camarada... Você julga-se esperto. Tem o seu ofício e eu tenho o meu. Não me meto consigo e você não vai chatear-me. Eu não estive aqui, durante toda a noite e, se for necessário, posso prová-lo com várias testemunhas. Estou farto de aturar-lhe a tagarelice e agora, ponha-se a andar.
--Tem um lindo lenço de seda, no seu armário, com

as gravatas - lembrei.

Notei que o embaraço o fizera pestanejar.

- Lenço?

- Sim, desses de senhora, para o pescoço.

Ainda

por cima cor-de-rosa.

- Oh!

- Não me diga que é seu! - admirei-me.

Após uma perturbada hesitação, respondeu:

- Não.

- De quem é?

Pensou durante uns instantes e rouquejou:

- Não sei se isso é da sua conta.

- Olhe que é - avisei.

Soltou uma súbita gargalhadinha e disse:

- Deixe lá isso. Não esteja a tirar-me nabos da púcara.

- Como disse, cá tenho o meu ofício. Só quero

saber de quem é aquele lenço.

- Não sei de quem é - decidiu-se. - Pode ser de Mrs.

Devarest, ou de Mrs. Croy. Achei-o no carro,
quando
estava a limpá-lo. Tencionava perguntar-
lhes, mas depois,
com toda aquela confusão da morte do
patrão, esqueci-me.
Eu próprio vou saber de quem é. Bem,
agora que já
sabe tudo a meu respeito, vai pôr-se a
andar e...

358

- Aqueles tapetes de cama, navajos, não estavam

cá, quando se mudou para aqui, pois não?

- Não.

- Puseram-nos cá, muito mais tarde, não **foi?**

- Foi.

Virei-me para as janelas e observei:

- Estas persianas também foram colocadas, muito

mais tarde. Ainda se vê a marca dos extensores das cortinas

que tinham lá estado antes. De resto, as persianas

são novas, em folha.

Não retorqui coisa alguma.

- Quando é que as puseram? Há três meses?

- Mais ou menos - concedeu.

- Pode dizer-me, exactamente, quando vieram colocá-las?

Pensou um bocado e respondeu:

- Há quatro meses.

- Bem. Agora vejamos - considere. - Você encontrou esse lenço de senhora quando limpava o carro;

tencionava informar-se de quem era, mas isso passou-lhe

da ideia, por causa da excitação que a morte do Dr. Devarest lhe causou.

Não respondeu, mas baixou a cabeça concordantemente.

- Portanto - concluí -, deve ter encontrado esse

lenço, no dia em que roubaram as jóias, ou mesmo no

dia do acidente mortal do seu patrão, não será assim?

- Sim.

- No dia da morte do Dr. Devarest?

- Sim.

- E folgou todo o dia, nessa data?

- Não. Só da parte da tarde, depois de sair de serviço.

- Nesse caso, encontrou o lenço de manhã ou depois do almoço?

- Onde é que quer chegar?

359

- Se você o tivesse encontrado, de manhã -
expliquei

- decerto que teria perguntado, nessa
altura, a quem
pertenceria, pois não viria guardá-lo, cá em
cima, no seu
armário, escondendo-o entre as gravatas.
Não faz sentido.

A não ser que viesse com ele na mão e
estivesse cheio
de pressa, por ter um encontro qualquer,
marcado para
a noite. Não?

Pensou um bocado e concordou:

- Sim.

- Nesse caso, veio com ele na mão, cá para
cima,

de tarde e não de manhã. Que acha?

- Deve ser isso.

- Digamos, por volta das cinco
horas?, -;

- Mais ou menos.

- Jantou cá em casa, nessa noite?

- Sim.

- Costuma jantar com as criadas, na cozinha?

- Sim.

- Vamos lá dar uma vista de olhos a esse lenço.

Pode ser importante.

Demonstrou impaciência e protestou:

- Não vejo que importância é que isso possa ter.

- É simples. Uma das senhoras utilizou o carro,

nessa tarde, isto é, no dia seguinte àquele em que as

jóias foram roubadas. Você não "lhe serviu de motorista,

quando não lembrar-se-ia de quem conduzira. Saberá,

logo, de quem era o lenço. Mas diz ignorá-lo. É evidente

que essa senhora fez uma viagem, sem que você o soubesse.

Por outro lado, se não sabia quem saíra com o

carro e subiu com o lenço até cá acima, teria perguntado a uma das criadas qual das senhoras levaria o automóvel.

Ora, se não o fez, foi porque você teve a impressão de quem levaria o carro, não queria que a outra senhora soubesse que tinha saído com ele. Quem foi? Teria um encontro com alguém?

360

- Você faz um diabo de sarilho, por causa de um lenço, sem razão nenhuma - criticou Bayley.

- A razão que me interessa reside no facto de uma das senhoras ter saído a um encontro, sem que à outra o soubesse.

- Tudo isso é estúpido. Encontrei o lenço no carro e trouxe-o cá para cima, para perguntar a quem pertenceria e, depois, esqueci-me.

- Por causa da morte do seu patrão, não foi o que disse?

- Exactamente.

- Mas você não esteve a limpar o carro depois de ter jantado, na quarta-feira à noite. Se o fez, foi antes, pois declarou estar cheio de pressa, para ir a um encontro,

nesse dia de folga. Ora, o Dr. Devarest morreu na noite de quarta-feira, já depois do jantar. Portanto, você não podia estar excitado com a morte do seu patrão, antes de ele ter morrido.

- Oiça, camarada... - respondeu, novamente irado.

- E se me deixasse em paz? Eu estava com pressa de ir ao meu encontro e esqueci-me do lenço, só por causa disso. Pronto. Que mais quer?

- Quero ver de quem é o lenço. Há três mulheres

cá em casa, ou pelo menos, havia nessa altura. Eram elas

Mrs. Devarest, Mrs. Croy e Nollie Starr.

Seria o lenço

de Nollie?

- Não.

- Está certo disso?

- Bem, não posso estar inteiramente certo...

- Vejamos bem o lenço.

Primeiro parecia ir recusar-se a buscá-lo.

Depois

decidiu-se e lá foi, de mau grado. Segui logo atrás dele.

Enquanto abriu o armário, estendi o braço até onde estava

a escova de cabelo de senhora, e enrolei, num dedo,

uma porção de cabelos que lhe tinham ficado agarrados.

361

Meti-o logo na algibeira e, com a outra mão, peguei no

lenço que me estendia. ;

Momentos depois, devolvi-lho.

- Não há nada nesse lenço - comentou

-, **que**

possa indicar a quem pertence.

Com ar triunfante, enfiou-o na algibeira do casaco.

- É de Jeanette, a criada - afirmei.

Não pôde disfarçar o espanto que lhe inundou o

olhar.

- É dela - repeti, pacientemente.

- Que é que o leva a dizer isso?

- A cor não condiz com o tom de pele e com a

compleição de Mrs. Devarest. Nunca cometeria o disparate

de usá-lo. Além disso, é material demasiado barato

para ter sido comprado por Mrs. Croy, que apenas se

veste nos melhores costureiros e se fornece das melhores lojas de modas que jamais venderiam um artigo desta natureza. Ora, você mesmo disse que Nollie estava ausente. Portanto, isso só deixa Jeanette. Para mais, tem o mesmo perfume que ela usa, como já deve ter também notado.

- Está a tentar levar-me a dar-lhe uma opinião?

- Não. Estou apenas a expor-lhe os factos. Voltei para o quarto de estar e tornei a sentar-me.

Rufus Bayley encaminhou-se para a sua cadeira, ia sentar-se, mas mudou de intenção e ficou de pé, num convite mudo a que me fosse embora.

Atirei para o chão a ponta do meu cigarro e perguntei casualmente.

- Foram injustos, quando o condenaram?

- Pois foram. Eu...

Deteve-se e fitou-me com raiva.

- Maldito seja! - proferiu. - Você e as suas perguntas

estuporadas.

- Não tem importância - acalmei-o. -

Percebi que

você já estivera preso, no momento em que o vi olhar

362

para os polícias, quando estavam a recolher as impressões digitais. Sente-se e fale-me disso.

Deu uma volta por detrás da cadeira, antes de sentar-se.

- Que aconteceu? - insisti.

- *Okay*. Fui condenado. Estive lá pouco tempo.

- Porquê?

Cheques sem cobertura. Sempre que estava teso,

ficava como doido e metia-me nos copos.

Depois, pagava

com cheques. Nunca eram grandes importâncias: dez,

quinze dólares, às vezes cinquenta. Só uma vez passei

um de cem. Quando me passava a bebedeira, corria a

procurar as pessoas a quem os passara, tentando recuperá-los.

- Pagando-os?

- Não tinha dinheiro para isso.

- Então, como?
- De várias maneiras. Pedia-lhes que os guardassem, até poder pagá-los. De outras vezes, trabalhava para **as** pessoas lesadas, até saldar a dívida.
- E entretanto, deixava de beber?
- Apenas me embriago uma vez, de quatro, ou de cinco em cinco meses. Isto é, agora deixei-me disso.
- Como foi que o caçaram?
- O patrão para quem trabalhava despediu-me, certa vez que me apanhou grosso. Eu tinha passado o tal cheque de cem dólares, a um tipo que não me gramava. Denunciou-me. Como estava desempregado, fui «dentro».
- Qual era, então, a sua profissão?
- Já era motorista.
- Quanto tempo esteve preso?
- Um ano.

- E depois disso tornou a passar cheques sem cobertura?

- Não. Fiquei curado.

Após uma pausa, inquiriu, apreensivamente:

363

- E agora, que vai fazer com isso? Se vai contar a

Mrs. Devarest, ela põe-me na rua e não consigo outro

emprego, sem uma boa carta de recomendação. Ela não

ma dá, de certeza.

- Deram-lhe alguma, para arranjar este emprego?

- Não. Mas disseram-me que o Dr. Devarest era boa

pessoa e compreensivo. Aceitou-me. Ele tratara de minha

mãe. É uma santa velhinha que nunca chegou a saber

que eu estivera preso. A coisa não veio nos jornais lá

da terra e eu disse-lhe que ia embarcar para a China,

quando me prenderam. Mal me soltaram, comprei-lhe,

com o dinheiro que ganhara na prisão, vários objectos

chineses, um leque, uma cabaia... coisas desse género.

Nunca soube de nada.

Levantei-me e Bayley seguiu-me até à porta. Parei

à entrada e disse:

- Só mais uma pergunta.

- O quê?

- Quando entrou cá em casa, na noite da morte do

Dr. Devarest, ouviu o motor de um carro a trabalhar, na garagem?

- Não. Não poderia ouvi-lo, se estivesse ao *ralenti*.

Afino os carburadores dessa maneira e o patrão tinha

o seu, do mesmo jeito. Só oiço o motor a trabalhar, cá

em baixo, quando põem o carro em marcha. Então, sim,

oiço-o arrancar. É tudo?

- Sim.

Rufus Bayley atirou com a porta.

CAPÍTULO 9

Entrei na casa-mãe, deixando as instalações dos criados; sorrateiramente. O Dr. Gelderfield acabara de sair.

Mrs. Devarest tinha-se portado «muito bem». Estava muito compenetrada da sua doença e explicou:

364

- Tenho de ter paciência e esperar que isto passe.

Tenho que aceitar a situação, com calma e muita lógica.

- Tem toda a razão - aprovei.

- Sabe, Donald? A morte é inevitável!... Vou passar a tratá-lo por Donald, porque toda a gente o faz.

- De acordo.

- E pode tratar-me por Colette.

- Obrigado.

- Mesmo que não esteja ninguém presente, para que não falhe, quando houver outras pessoas em redor.

Convém que passe por amigo... bem, por namorado de Nadine.

- Compreendo.

- Não se importa, pois não?

- Não.

- Bem, o Dr. Gelderfield disse-me que a única coisa

que eu tinha a fazer era arranjar novas coisas que me interessassem. A morte é inevitável, sabe, e enquanto se vive, devemos sempre gozar novas experiências de maneira a apagarem as tristes memórias.

- Parece lógico - admiti.

- Uma mulher entra, por vezes, numa vida de rotina e perde o interesse pela vida. Isso apressa a morte.

O Dr. Gelderfield diz que a melhor maneira de conseguirmos afastá-la, é mantermos o espírito constantemente interessado em novas coisas. Devo, portanto, evitar preocupar-me demasiado comigo própria e viver uma vida normal, como se nada tivesse de grave.

- Concorda com ele?

- Certamente. Disse-me que o meu mal são «nervos».

É o meu estado emocional que me faz sentir mais doente do que estou... mas isto não deve interessar-lhe.

Você, Donald, é uma máquina pensante, a que só interessam problemas criminais. Mrs. Cool disse-me isso.

Mas acrescentou que todas as mulheres ficam sempre

365

doidinhas por si. Confesse lá, Donald. **Isso é verdade,**

ou ela disse-mo, *só para* que eu me interessasse **por Si?**

- É verdade - ajudei.

- Creio também que você não é indiferente **aos**

encantos femininos. Estou certa disso.

- É capaz de ter *razão*.

- Mas parece estar sempre a pensar no seu trabalho.

- Nesta profissão, não se pode dormir, enquanto se

trabalha. A propósito, sabe o que aconteceu ao livro de

apontamentos de seu marido?

- Tenho eu. Porque o pergunta?

- Estou tentando confirmar as chamadas para visita

aos doentes, nessa tarde e noite.

- Hilton era muito metódico em tudo quanto fazia.

Anotava todas as chamadas que a enfermeira lhe transmitia

e até as que lhe faziam, directamente, por telefone,
de maneira a nunca se esquecer de nenhuma, nem antes,
nem depois.

- Hum, hum.

- E isso tem alguma coisa que ver com a companhia de seguros?

- Pode ser que tenha. Quero saber com quem ele se encontrou, naquela noite. Pode ter conseguido resgatar as jóias e tê-las trazido no porta-luvas, mas tendo sofrido aquele acidente, não chegou a devolver-lhas, Mrs. Devarest.

- Colette - lembrou ela.

- Sim. Colette - satisfiz. - Entretanto, pode ter alguém descoberto onde estavam e tê-las roubado, por seu turno.

- Porque pensa que já as teria resgatado, antes de morrer?

- Por causa daquele anel, encontrado, descuidadamente, fora do estojo e no fundo do porta-luvas.

Isso

366

significa que quem as colocou naquele local, fê-lo despreocupadamente.

Ora um ladrão não procede dessa maneira, nem sequer leva as jóias, deixando os estojos, no

seu próprio carro, para o incriminarem. Não há dúvida

de que o Dr. Devarest não roubou as jóias; estava, nessa

altura, trazendo-as de volta. E, se as roubou, fê-lo apenas

como máscara, para obrigar a chamar a atenção para

uma outra coisa que lhe roubaram do cofre, coisa essa

que ele queria, *realmente*, recuperar.

- Oh Donald! Você é maravilhoso!

Arranjou logo

duas teorias esplêndidas, qualquer delas mais lógica do

que a parvoíce que a polícia supôs. Prova que Hilton não

roubou coisa alguma... Mas isso que tem a ver com a

companhia de seguros?

- Suponhamos que seu marido recuperou as jóias,

das mãos do ladrão. Entrou na garagem, com a intenção

de devolver-lhe as jóias, a si, más, antes disso, decidiu

reparar uma ligeira avaria do motor. Ficou intoxicado

com o monóxido de carbono e perdeu os sentidos. Nesta

altura entrou alguém na garagem e aproveitou a oportunidade

para roubar as jóias, uma segunda vez. Para

consegui-lo, tinha de abrir o porta-luvas. Ora, a chave

era a da ignição. Teve, pois, de parar o motor. Abriu o

porta-luvas, tornou-o a fechar, tal como o achámos, e

voltou a pôr o motor em marcha, depois de recolocar a

chave de ignição no seu lugar.

- Oh, Donald! Você é estupendo. Isso é uma teoria formidável!
- Podemos trabalhar baseando-nos nela - admiti.
- Faça-o, sim, Donald?
- *Okay.* Fica-nos só por saber quem teria roubado as jóias.
- Conseguirá recuperá-las?
- Isso é o menos importante deste caso.
- Que é o mais importante?
- O assassino. Porque quem roubou as jóias utili-

zando como foi forçado, a chave de ignição, desde o momento que tornou a ligar o carro, cometeu um homicídio.

E sendo assim, a companhia de seguros estará

perante um caso ainda mais positivo do que uma simples morte por *meios acidentais*; será *causa provocada*.

- Meu Deus! - disse Colette, juntando as mãos

sobre o peito. - Você é *mesmo* extraordinário! Isso é uma verdadeira inspiração!

- Que lhe trará mais quarenta mil dólares a juntar

aos que já recebeu.

Mrs. Devarest pensou, uns momentos, nesta nova

teoria e estranhou:

- Mas porque pensa que o livro de apontamentos

de meu marido tem alguma coisa a ver com as jóias?

- Porque quem as levou do porta-luvas tinha de

saber que elas haviam sido aí colocadas.

De outra maneira,

não se teria dado ao trabalho de tirar e tornar a

pôr a chave da ignição no seu lugar, arriscando-se a ir

parar à cela da morte. Portanto, quero saber com quem

teria seu marido contactado no dia em que morreu.

Colette Devarest entregou-me o livrinho e elucidou:

- Hilton teve duas chamadas, nessa noite. São duas

mulheres de certa idade, que sofrem ambas da mesma

enfermidade, segundo ele me disse: hipertensão.

Peguei no livro e folheei-o. Para além de nomes,

moradas e números de telefones, havia a inscrição de um número, isolado.

- Que é isto? - interessei-me,

- É o segredo da combinação do cofre - esclareceu

Colette.

- Levaram muito tempo a decifrá-la?

- Algum. Os polícias e o meu advogado andaram, mais de uma hora, de volta dela.

- Não me parece difícil - observei.

- Ora essa, Donald! - admirou-se Colette. -

Porque diz isso?

368

- Porque todos sabemos que seu marido era um homem sistemático, metódico, mas que não tinha memória alguma, além de que preferia coisas simples.

Olhando para este número, acho que a melhor maneira de tentar decifrá-lo, conhecendo o seu autor, seria utilizar o método mais simples: invertê-lo de trás para diante.

Assim, como termina em 84, o número chave deveria começar por 48. Certo!

- Espantoso, Donald! Você é verdadeiramente genial.

Afiveleri ao rosto um sorriso humilde. Nos olhos de

Colette Devarest havia, indiscutivelmente, admiração, mas também outra expressão profunda: medo.

CAPÍTULO 10

A placa da porta indicava: *Forrest Timkan, Advogado e Consultor Jurídico - Entrada.*

Empurrei a porta e entrei. Mrs. Croy já lá estava, na sala de espera. A secretária-recepcionista, com os lábios muito vermelhos e profusamente maquilhada, perguntou-me, por cima da máquina de escrever, o que eu queria.

- É Mr. Lam - interveio Nadine rapidamente. Mr.

Timkan está à nossa espera.

A secretária alastrou a mancha rubra, formando um sorriso, e disse:

- Sim, Mrs. Croy.

Levantou-se e dirigiu-se a uma porta onde se lia

Particular. Entrou e, ao passar por Mrs. Croy, lançou-lhe

um olhar de galinha que se afronta por ver
outra bordejar-lhe
a porta da capoeira. Mal fechou a porta,
atrás de si,
notei que Nadine franzira, indignada, o
sobrolho, acabando
por dizer-me:

- Não sei onde Timkan foi arranjar esta
horível
secretária!

24 - VAMP. G. 7
369

- Que tem ela de errado? - inquiri. - Não
sabe dactilografar?

- Não me refiro a isso - corrigiu Nadine. -
Ela é...

uma... É notório, o que ela é!

- Qual é o programa? - informei-me.

- Telefonei a Mr. Harmley, para que viesse
aqui

buscar-me, por volta das dez horas, pois,
nessa altura,

já tudo estaria arrumado e, então, poderíamos sair
Quando ele chegar, dir-lhe-ei que Mr. Timkan está ainda ocupado com um outro assunto, e fá-lo-ei esperar, até que entre Walter.

- Virá com um advogado?

- De certo, e alguns quilos a mais. Teve sempre

tendência para engordar e desde que nos separámos,

deixou de ter quem o obrigasse a fazer dieta, É desse

género de pessoas que gosta de comer bem, mais em

quantidade do que em qualidade.

Neste momento a porta do gabinete particular

abriu-se e Mrs. Croy apresentou o homem que entraria

em cena:

- Bom dia, Forrest. Mr. Timkan; Mr. Lam.

Apertou-lhe a mão a ela, e, depois, a mim. Era um tipo baixote, nervoso, de gestos sacudidos. Tinha uns olhos azuis-pálidos e um cabelo muito fino e ralo, cor de trigo maduro que lembrava uma imitação de seda barata, depois de ter ido muitas vezes à lavanderia. Devia ter cerca de trinta e cinco anos, uma testa que lhe subia até meio da cabeça e usava óculos. Não me surpreendi ao vê-lo esboçar uma careta, quando se me dirigiu:

- Sei que foi combinado, Mr. Lam, fazer de amigo íntimo de Nadine, quando Mr. Croy entrar neste escritório.

Espero que esta farsa o não incomode. Será por muito breve tempo... Apenas o tempo de irritá-lo.

- Espera consegui-lo? - indaguei.

--Sim, se você nos ajudar, desempenhando o papel

de caçador de fortunas. Estará tão ansioso por apossar-se

370

de Nadine, e do *que* ela representa monetariamente» que

até a acompanha ao advogado, para ter a certeza de que

nada lhe escapa. Entendeu?

- Serei tão falta de atractivos, que só um caçador

de fortunas possa interessar-se por mim? - perguntou

Nadine, na babugem de cumprimentos.

- Não Nadine! - apressou-se Mr. Timkan a protestar

Você é um amor, mas, na guerra, a estratégia

exige.

Um largo sorriso substituiu-lhe o termo da frase. Era

um homem muito afectuoso, não havia dúvida.

Virou-se para mim e lembrou:

- Você, Lam, simulará ter Mrs. Croy completamente

hipnotizada; vai casar com ela, mal este assunto se

arrume. Não se esqueça de que o seu grande objectivo é

o dinheiro... Bem. Quando Walter chegar, Rose tocará a

campainha de besouro. Até já.

E tornou a enfiar-se no gabinete. Nadine e eu ficámos

sós.

- Desculpe ter-lhe imposto esta maçada, Donald disse

ela, mas este encontro pode ser muito importante

para todos. Harmley deve estar a chegar.

- Ele não desconfia que eu seja detective?

- Creio que sim e isso até ajuda. Compreenderá o

seu interesse em sondar como teria conhecido Walter, se realmente já o vira alguma vez.

A porta abriu-se e o homem de quem falávamos penetrou na sala, com os olhos um pouco desfocados, tentando discernir-nos, no contraluz da janela.

- Bom dia - disse, avançando ao reconhecer-nos.

-Espero não ter chegado muito tarde. Com este trânsito...

- Mr. Timkan é que está atrasado, com um processo urgente. Mas não demorarei muito tempo com ele. Dá-me boleia, não é verdade? - perguntou Nadine, pestanejando com um ar mimalho.

371

- Pois... certamente... mas tenho um encontro, dentro de meia hora... e pensei que já estivesse despachada.

Novamente a porta foi aberta, ao mesmo tempo que

soava o «besouro». Entraram dois homens, apressadamente.

Olhei para Harmley e para Nadine. Esta abriu

muito os olhos e esticou o queixo para diante. Ele não

lhe ligou a mínima importância.

- Bom dia, Walter - saudou Nadine, quando os dois

recém-chegados se aproximaram.

Estavam agora em nossa frente. Harmley semicerrou

os olhos ao fitar Croy, mas não deu o menor sinal de

reconhecimento. Nadine apresentou:

- Donald, este é Walter Croy.

Levantei-me e enfrentei um par de olhos cinzentos,

hostis. De relance, lancei uma miradela a Harmley e verifiquei, desoladamente, que ele estava a olhar para mim e não para Walter.

Este apresentava um estômago bastante desenvolvido.

- Bom dia, Mr. Lam. Como tens passado, Nadine?

Este é o meu advogado, Mr. Pinchley.

Nadine ia apresentar Harmley, quando a porta do

gabinete de Timkan se escancarou e este convidou os

recém-vindos a entrar, precedidos de Nadine. Esta dizia

para o ex-marido:

- Oh, Walter, estás magnífico! Maravilhoso!

Ele fitou-a como se a considerasse uma garota palradora,

mas perigosa e titubeou:

- Bem... isto é... creio que estou um pouquinho mais pesado!

Esqueceu-se de elogiá-la e Nadine não lho perdoou.

- Mas ficas bem assim! Mais vinte quilos, não? Que
queres, Walter, a idade não perdoa!

Entraram e Timkan fechou a porta. Fiquei só com

Harmley. Este comentou:

- É estranho. Tive, com Mr. Croy, a mesma
sensação

372

que já tivera com a esposa. A sua cara não me é estranha, mas não consigo lembrar-me onde o tenha visto antes.

- E não se recorda, também, de qualquer conversa que tenha mantido com o Dr. Devarest, acerca dos seus parceiros da América do Sul, ou de Walter Croy, como marido de Nadine?

- Não tenho a menor ideia e é isso que me perturba.

Tenho uma boa memória para números, mas esqueço facilmente nomes e rostos.

Ouvimos um crescente ruído de vozes e calámo-nos.

Pouco depois, Nadine saía do gabinete particular de Timkan e avançava para mim, numa auréola de satisfação

triunfante. Inclinou-se ao meu ouvido, ao mesmo tempo

que dizia para Harmley:

- Desculpe-me por estar a segredar, mas não quero

que me oiçam lá de dentro e é um assunto particular...

- Decerto - disse Harmley recuando.

- Não, não vale a pena - corrigiu ela. - Deixe-se

estar que não incomoda.

Eu estava de orelha à espera que o diálogo terminasse.

Finalmente, Nadine sussurrou:

- Oh, Donald! Está tudo a correr tão bem! Ele está

furioso consigo! Desta vez, creio que o enganámos, e

olhe que ele não é dos fáceis de enganar!

- Ainda bem - disse eu, notando que o segredo de

Nadine teria sido perfeitamente audível, por parte de

Harmley.

Este tossiu, para chamar a atenção da
minha improvisada

namorada, e observou:

- A minha experiência dita-me que
encontros entre

casais litigiantes e os seus respectivos
advogados levam

sempre imenso tempo e... Mrs. Croy,
permita-me que

lhe recorde, mas tenho um encontro,
para o qual já

vou atrasado e...

- oh, *Mr.* Harmley - desculpou-se

Nadine, lamento imenso tê-lo incomodado,
mas a culpa

373

da demora não foi *realmente* minha. Não se prenda por mim, não? Creia que lhe estou muito grata, pela maneira como se prontificou a ajudar-me. Não tenho coragem para pedir-lhe que espere mais.

Estendeu-lhe a mão. Harmley pegou-lhe e acrescentou:

- Fiquei de estar com um amigo do Dr. Devarest...

perdoa-me, não é verdade?

- Foi encantador, Mr. Harmley - disse Nadine,

e desculpe-me, sim? Até breve.

Depois de tantas súplicas e mútuos perdões, devolveram-se

as respectivas mãos. Então, Nadine perguntou-me:

- Harmley deu sinais de reconhecer Walter?

- Julga que já o viu, mas não sabe onde.

- E Walter?

- Não sei. Pode ser melhor actor do que pensa,

Nadine. Se o reconheceu, não deu mostras disso.

Timkan saiu do gabinete e reuniu-se-nos.

- As coisas correram satisfatoriamente?
- interessei-me.

- Não se atingiu uma solução definitiva -
respondeu

Timkan.

Nadine acrescentou:

- Quanto ao dinheiro...

Travou a respiração, arrependida de ter falado.

- Bem - disse eu. - Tenho também umas voltas a

dar e não creio que precisem agora da minha presença.

Vou andando.

- Oh, Donald! - exclamou Nadine. - Você foi maravilhoso!

Quando, à saída, pedi a Rose o meu chapéu, ela entregou-mo,

sem tirar os olhos da porta do gabinete de Timkan,

que acabava de fechar-se, deixando-o a sós
com

Mrs. Nadine Croy.

374

Faraday Foster, perito criminologista de investigação científica, tinha os seus laboratórios, do lado oposto da rua. Não atravessei esta, directamente. Subi um bloco, para norte, esperei por um sinal verde para peões, descí meio bloco do outro lado e parei a ver uma montra. Depois de certificar-me de que ninguém me via, nem seguira, dei mais meia dúzia de passos, achei-me em frente dá porta e subi.

Foster era um bom exemplo do detective científico moderno. Parecia um professor universitário.

Apresentei lhe o meu cartão profissional e expliquei:

- Queria que analisasse estes cabelos e me fizesse

um relatório acerca de quanto puder descobrir, através deles.

Pegou nos cabelos que tirei de um sobrescrito e convidou:

- Quer passar por cá, noutra altura, ou quer acompanhar a pesquisa?

- Gostaria de assistir - confessei.

Estávamos num laboratório equipado com uma profusão

de aparelhos complicados. Vários microscópios,

amplificadores, máquinas fotográficas especiais, com fortíssimas

lentes, *écran* e máquina de projecção, sistema

de impregnação de películas, por meio de vapores, para

deteccção de tinta invisível, aparelhagem de raios ultra - de

impregnação de películas, por meio de vapores para

microfotografia e tubos de ensaio, frascos e retortas para preparações e análises.

- Onde descobriu isto? - inquiriu.

- Numa escova de cabelo. Apanhei o que pude.

Pegou neles e estendeu-os sobre uma lamela de

vidro, cobrindo-os com outra. Assim entalados, observou-os num microscópio normal.

- São de várias pessoas - anunciou.

Depois, com uma pinça, começou a separar alguns

deles, pegando-lhes pelas pontas que saíam por fora das

375

lamelas, e acabou por retirar alguns. Escolheu um e levou-o para outro microscópio, biocular, que já dava uma ampliação muito superior.

- Quer ver? - convidou.

Espreitei e vi uma espécie de corda de navio, como

se ma tivessem metido em frente do nariz.

- É raro encontrarem-se duas pessoas, em cem, com

cabelos idênticos. Há mais de trinta mil variedades,

quanto a cor, espessura, contextura, etc.

Este, por exemplo,

é negro, do tipo 21, seco, espessura média, filamentoso,

com ligeira atrofia na ponta e, à primeira vista,

dir-se-ia de mulher, talvez entre os trinta e trinta e cinco

anos.

- Disse-me serem de diversas pessoas - lembrei,

momentos depois. - De duas ou três?

Olhou para mim, por cima dos óculos e declarou:

- Pelo menos de cinco.

Fiquei perplexo. Dir-se-ia que a escova de Rufus

Bayley servira a um cabeleireiro muito frequentado.

- Este - apontou ele, de coloração avermelhada, foi pintado.

- Quando poderá apresentar-me um relatório? inquiri, impaciente.

- Não antes de quarenta e oito horas.

- É muito tempo. Tenho grande urgência. Não pode

dizer-me mais nada?

- Bem, por esta análise preliminar, poderei arriscar

estarem aqui cabelos de um homem e de quatro mulheres

diferentes.

Não fazia a menor ideia de que a minha colheita

tivesse sido tão completa.

- Como ficaram todos juntos? - estranhei.

-Não só se prendem às cerdas da escova, mas

prendem-se Uns aos outros. Note que só havia alguns

cabelos em fragmentos longos. os demais são peque-

376

ninas fracções de cabelo que se agarraram aos mais compridos. Ao retirar estes, aqueles saíram igualmente das cerdas da escova.

Anotei as diferentes cores, fiz os meus cálculos e agradei. Prometeu devolver-mos, devidamente classificados, dentro de vinte e quatro horas. Saí.

No quartel-general da polícia, o tenente Lisman pareceu satisfeito por ver-me. Balanceou a minha mão para baixo e para cima, atirou-me uma baforada do seu charuto para a cara e disse:

- É um prazer trabalhar com um detective inteligente.

A maioria dos seus parceiros «privados» são uma cambada que não sabe de que lado está a manteiga no

pão. São avessos a colaborar com a polícia e, quando nos dão uma ajuda, era melhor que a não tivessem dado.

Sai sempre asneira.

- O meu lamiré resultou? - indaguei.

- Caçámos a gata.

- Arrancou-lhe algumas informações importantes?

- Bem, não muito importantes, porque não acreditamos nelas, completamente.

- Que disse ela?

- Primeiro, não disse nada. Depois, cansou-se de estar calada e desatou a falar.

- E então!

- Disse que saiu da casa Devarest, não por causa das jóias, mas porque o médico passava a vida a meter-se com ela, com intenções pouco edificantes.

- Soa a falso, que se farta - comentei -, mas é

capaz de resultar, perante um júri. Além disso, a viúva é capaz de não gostar dessa publicidade ao erotismo do defunto. Vai mantê-la sob detenção?
- *Só* até o Procurador do Distrito acabar de estudar o processo de averiguações. Por enquanto, não temos nada de absolutamente positivo, contra ela.

377

-Nollie Starr nunca se queixou a Mrs. Devarest,

das perseguições donjuanescas do marido?

- Não. Apenas disse que deixou a casa, por não

poder aguentar mais tempo na defensiva.

- E nem sequer teve coragem para levar a sua

escova de dentes?

- Soa a falso, como Judas, hem, Lam? - disse Lisman,

coçando a cabeça.

- Hum, hum! - concordei.

- Essa história de que o velho, depois das jóias

roubadas, tivesse decidido meter-se na cama com ela,

não lembra o diabo.

- A não ser que o roubo das jóias não o afectasse,

mesmo nada - admiti -, mas nem assim a história

encaixa.

- Pois não, Lam. Mais alguma coisa?

- Já que o pergunta, vocês têm, por cá, um arquivo

de identificação, por *cicatrices*?

- Que parte do corpo lhe interessa?

Queixo.

- *Okay!* Venha daí.

Conduziu-me a uma sala comprida, que mais parecia

um largo corredor, com as paredes cobertas pôr estantes,

com inúmeras prateleiras. De uma destas, Lisman tirou

uma pasta-classificadora e elucidou:

- Nesta prateleira, estão os casos de cicatrices na

cabeça. Crânio não interessa. Rosto está dividido em

testa, face direita e face esquerda, orelhas, arcadas orbitais

e queixo. É esta. Aqui a tem.

Após uma pausa para espreitar a ponta do charuto

apagado, declarou:

- Tenho imenso que fazer, no meu gabinete, e, depois, vou sair. Veja isso à sua vontade, mas não tire os processos da sua ordem de classificação e não leve, daí, nenhuma fotografia.

378

- Esteja descansado - prometi. - Cá me arranjo, obrigado.

Mal saiu, atirei-me ao trabalho. Três segundos depois entrou um polícia que começou a consultar uma outra pasta, perto de mim. De quando em quando, olhava-me de soslaio. Mostrei-me completamente indiferente àquela vigilância mal dissimulada e folheei o classificador que Lisman me entregara. Logo no sexto processo, achei o que procurava. Logicamente, o arquivo não estava pôr ordem alfabética individual, mas por localização antropológica da cicatriz. Dei de caras com um Rufus Bayley, fotografado de frente, muitíssimo mal-humorado, mas

pouquíssimo fotogénico. Do relatório apenso, constava:

Paul Rufus, aliás Rufus Cutting. Dedicase exclusiva-

mente a cofres e jóias. Trabalha, habitualmente, sozinho.

Usa cúmplices, mas apenas como informadores. Têm

muitas mulheres que se prendem por ele.

Frequentemente,

serve-se de criadas para obter as informações de

que carece. Vinte e nove anos de idade.

Cadastro criminal:

uma prisão em Sing Sing, por arrombamento de

cofre-forte. Teve uma criada por cúmplice.

Detido dezasseis

vezes, por suspeita de roubo de jóias.

Conserva

mutismo absoluto nos interrogatórios da polícia. Nunca

confessou caso algum, pelo que não pôde ser, até agora,

novamente condenado. Classificação das impressões

digitais: Bertillon; fotografia de pormenor, no verso.

Tirei um papel da algibeira e tomei uma série de

notas. Enquanto o fazia, decidi que a próxima paragem

seria a casa Devarest. ?

CAPÍTULO 11

Rufus Bayley chegou, depois de ter esperado por ele

meia hora. Recebeu-me com um sorriso só de dentes.

Fomos para o seu quarto, por cima da garagem.

379

- Suponho que pode conseguir deitar a mão aos

«vidros»... *para mim.*

-«Vidros?»

- Sim. Ou esqueceu a terminologia da sua especialidade?

Os lábios sensuais adelgaçaram-se, tapando-lhe o sorriso.

- Que espera que eu faça para lhe caçar os «vidros».

- Fácil. É *só* visitar um amigo, na sua ausência.

- Camarada! Está *a* falar uma gíria que não entendo.

Olhei em volta, apreciativamente, e comentei:

- Essas persianas são realmente giras. Deixam

entrar o ar e o sol, além de que podem ocultar momentos

de saboroso aconchego... E quando lhe apetece, pode vir

vê-las cá fora, que ninguém o impede.

- Hum, hum!

- Deram-lhe camas novas, tapetes, conforto e satisfaçãozinha

do corpo. Deve ser muito diferente de um quarto em Sing Sing.

O sorriso voltou-lhe ao rosto.

-Também já descobriu isso?

- **Sim.**

-Esteve a ler a minha «crónica»?

-com grande interesse.

-Que quer de mim?

- Os «vidros».

- Camarada, vou dizer-lhe uma coisa. Deixei a especialidade.

Não rende. Caçava-se dez mil «dele» e os receptadores

chupavam logo cinquenta por cento.

Depois,

andava-se dez meses, encafudado numa espelunca qualquer,

com a cabeça debaixo do travesseiro, ou a olhar

para trás nas ruas, com medo de gastar a massa, não

fosse um «sabujo» desconfiar e levar-me dentro, para

perguntas. As tipas e os amigos não me largavam enquanto

não derretia o resto. Quando só se achava cotão

nos bolsos, tinha-se de arriscar novamente
a pele. Os
380

cofres têm modas, como as mulheres e
são, dia a dia,
mais complicados. Inventaram alarmes e
um tipo tem
de armar-se em electricista. Para um
solitário, perde-se
a noite inteira nos preliminares e, à saída,
dá-se de cara
com o leiteiro. A coisa, hoje, é trabalho de
equipa, mas
não se pode ter confiança em ninguém.
Quando caçam
um parceiro, nunca se sabe se dá com a
língua nos dentes.
Geralmente dão. Os informadores são tão
tagarelas como
um orador em campanha eleitoral. Uma
sopeira mostrou
um casaco de peles a uma amiga e chupei
um ano no
«xadrez». Não gostei. Gosto de outras
coisas, de uma data

de coisas. E detesto o rancho das prisões.
Aqui, come-se
bem, o quarto parece um arco-íris, o ar é
lavado e o horizonte
é vasto. Não gosto de paredes fechadas.
Gosto,
sim, de guiar automóveis e de muitas
outras coisas com
que até se deixa de sonhar na jaula.
Ninguém me força a
dormir só, quando me dá na gana rebolar-
me acompanhado...
- Bem sei - interrompi. - Tenho prova disso.
Tirei
uma amostra de cabelos da sua escova de
senhora. Nem
calcula o que se consegue saber, por meio
de pesquisa
do laboratório científico. Provou-se
que você não é
maricas.
Fitou-me, calado, durante alguns segundos,
até que
observou:

- Você parece dar-se bem com muita gente, mas não me cheira que venhamos a ser camaradas. De que anda à caça, afinal?

- Dos «vidros».

- Já lhe disse que não os tenho e não sei que vento os levou.

- Sei eu. Que tal deitar-lhes a garra? Tornou a olhar-me, cuidadosamente.

- Está a cantar-me uma linda cantiga! Quem **escreveu** o poema?

- Fui eu.

381

- Gosto da música e do texto, mas não vou com o estribilho. É sempre o mesmo. Não estou para ficar a cantar, só para mim, entre quatro paredes.

- Desta vez, terá público. E será um serão ao ar

livre. Se alguém tiver de ser engavetado, descanse, que há muitos favoritos. Não corre qualquer risco.

- Vamos lá ouvir melhor esses versos - anuiu.

- Dei com Jim Timley no apartamento de Nollie

Starr. Jim tentou convencer-me de que uma tal Dorothy

Grail, companheira de quarto de Nollie, era a sua mais

que tudo, mas falhou.

- Adiante, camarada. Por enquanto, não rima--

criticou.

- O rapaz beijou essa Grail e Nollie não gostou

mesmo nada da peça. Mas, em vez de pateá-los, aguentou

firme e entregou a Jim um belo embrulho, esmeradamente

amarrado.

- Que espécie de embrulho.

- Papel pardo, por fora, e livros por dentro, segundo disse.

- Onde desencovou Nollie Starr?

- Na East Bendon Street, 681. O apartamento está em nome da Grail.

- Essa é loira ou morena?

- Morena.

- Boa?

- Uma estampa. E deve ter carradas de fogo, por dentro.

Rufus sorriu, mais animado, e inquiriu:

- Quando é que quer esses «vidros»?

-- Logo que possa.

- Há quem venha, depois, fazer perguntas?

- Eu.

- E onde tem os livros?

- Deve tê-los levado, para ler, no quarto de cama.

- Quer que vá lá pedir-lhos emprestados, esta noite,

quando ele estiver a dormir? Julga que estou doido?

Com uma «leitura» daquelas, nem prega olho!

- Depois da meia-noite. Não estará a dormir, nem a lê-los.

- Como o sabe? - desconfiou Rufus Bayley.

- Por causa do «santana». Vai fazer um vento dos diabos.

- Que tem o vento a ver com «os vidros»?

- Tem que ver com a morte do Dr. Devarest.

Se ninguém fechou a porta da garagem, por ter sido a

tempestade que a pôs para baixo,

- Que diferença faz que o vento tenha ou não

fechado a porta?

- Quarenta mil dólares! - precisei.

- Como?

- Se foi o «santana» que fechou o Dr. Devarest, lá dentro, impedindo a renovação do ar e causando-lhe a intoxicação, pelo monóxido de carbono, temos um caso de morte por meios acidentais, o que obriga a companhia de seguros a pagar o dobro do prémio normal.

- E onde está o leitor dos «livros», quando isso acontecer?

- Farei que assista a uma investigaçãozinha que tenho preparada, na manga.

- A que horas faço de rato de biblioteca?-- perguntou Bayley.

- Se os serviços meteorológicos são de confiar, pouco depois da meia-noite. Espera-se o «santana» para

essa hora. E eu preciso dele para o meu teste.

- Já sinto a electricidade no ar.

- Não tarda a calmaria - animei.

- Meia-noite?

- *Okay* - confirmei. - A postos.

383

De novo no pátio, dirigi-me a uma porta que ostentava

uma placa de cobre, indicando:

Fornecedores. Por

baixo dela, uma campainha. Toquei.

Instantes depois, apareceu Jeanette. Abriu a porta

com aquele ar que as criadas de casa rica dedicam aos

vendedores importunos.

Notei a sua mudança de expressão, quando me reconheceu:

surpresa apenas, ou talvez um certo sorriso receoso?

- Ah! É o senhor!

Pela voz, até parecia que ficara contente por ver-me.

-Mrs. Devarest está em casa? - inquiri.

- Quer vê-la... a ela?

- Sim.

- Porque veio por esta porta? Ou desejava ver mais alguém?

Abriu muito os olhos e inclinou ligeiramente a cabeça

sobre um dos ombros, num gesto de coqueteria, enquanto

a ponta da sua língua espreitava a um canto da boca.

- Desejava.

- Mrs. Croy?

- Não. Para começar, quer mostrar-me novamente o

quarto de Miss Starr?

Conduziu-me até lá. entrou colada a mim e fechou a

porta, encostando-se a ela e observando-me os movimentos.

Não demorei. Quando me virei para sair, depois de ter dado uma vista de olhos apreciativa, dei com Jeanette a fitar-me nos olhos, sem arredar pé.

- Encontrou o que procurava? - interessouse.

- Creio que sim.

- As suas buscas levam-no a algum lado?

- A vários lados.

-Tem descoberto coisas?

- Muitas.

384

- Esteve lá **em baixo,; no apartamento de Rufus**

Bayley?

- Hum, hum!

- E rebuscou o quarto dele?

Corou ligeiramente e baixou os olhos.

- Tudo. Quem limpa e arruma o quarto?

- É ele.

- Não me refiro ao quarto lá de baixo. Falo deste.

- Ah! É a criada de limpeza.

- Escute lá, Jeanette. Nollie Starr partiu na terça-feira.

Na quarta, o Dr. Devarest chamou-me e, nesse

mesmo dia, à noite, vim aqui dar uma vista de olhos. Vi

que o despertador tinha sido posto a trabalhar. Gostaria de

saber se alguém dormiu aqui. Viu, porventura, Miss Nollie

Starr regressar a este quarto, na terça-feira, à noite?

- Não.

- Sabe quem teria ocupado, nessa noite, este quarto?

- Não - respondeu ela, com uma estranha intonação

na voz, enquanto os seus olhos me diziam: sim.

Aproximou-se e colocou-me a mão no braço. O seu

toque quase foi uma carícia. Com um sorriso tímido nos

lábios, sondou:

- Rufus contou-lhe alguma coisa a meu respeito?

- Que receia que ele tivesse contado?

Os seus cabelos eram mais belos onde estavam, do

que entre as lamelas de um microscópio.

Avançou ainda

mais para mim e senti-lhe a tepidez de um seio, contra o

meu braço. Com os lábios perigosamente perto dos meus,

sussurrou:

- Sabe, Mr. Lam. A vida aqui é terrivelmente monótona,

para nós. Estamos praticamente encarcerados e só

podemos sair de quinze em quinze dias.

Bem... quando

sabemos que ninguém vai precisar de nós, divertimo-nos

um pouco, compreende? Tomamos juntos uma bebida...

bem sabe como essas coisas são, não é
verdade?

25 - VAMP. G. 7

385

-Que coisas?

- O que se segue, depois de uma
bebidazinha... Não
vai contar nada disto a Mrs. Devarest, pois
não?

- Porque não?

- Meu Deus! Punha-me logo na rua. Ela está
absolutamente
doida por Rufus! E é terrivelmente...
doentiamente
ciumenta.

- E Nollie Starr? Também entrava nas
vossas...
brincadeiras?

- Não, nunca. Ela não era, por assim dizer,
uma
de nós.

- Quer dizer que as suas colegas...?

- Só uma, Grace, a mais nova.

- Que idade tem?

- *Já fez* dezoito. ,

Como se tivesse colado a mim, recuei dois
dedos

para perguntar-lhe:

- Mrs. Devarest está lá em cima... sozinha?
- Não. Está com o Dr. Gelderfield.
- Vou até lá - decidi.

Jeanette continuava a segurar-me o braço.
Gentilmente,

libertei-me dos seus dedos e abri a porta.

- Não vai dizer nada de mim à patroa, pois não?

- Que queria que lhe dissesse?

Mostrou-se, de certo modo, desiludida, ao ver-me sair.

O Dr. Gelderfield estava sentado na biblioteca com

Mrs. Devarest. Tinha-lhe arranjado uma cadeira de rodas

e ela parecia deliciada com o novo papel de Inválida.

Levantaram os olhos para mim, quando entrei.

- Oh, Donald! Não sabia que estava cá - disse

Mrs. Devarest.

- Estive a dar uma volta por aí - expliquei.

O Dr. Gelderfield ergueu-se e disse:

-- São horas, Colette. Tenho de ir. Não há razão para estares alarmada. Se esse remédio não te der prontas

386

melhoras, não deixes de telefonar-me, sejam que horas forem.

- És um amor, Warren. Nunca saberei como agradecer-te.

- Gostaria de poder ser-te ainda mais prestável,

Colette. Nem calculas quanto devo a teu marido, pela

maneira como sempre tratou meu pai.

Virou-se para mim e perguntou:

- Como vão as coisas, quanto a essa execranda

companhia de seguros?

- Alguns progressos - informei.

- Mrs. Devarest sofreu um grande choque emocional

- prosseguiu ele -, piscando-me um olho, de

maneira que ela não o visse -, e está a recuperar lentamente

mas é necessário que não se excite, compreende,

Mr. Lam?

Disse-lhe que sim e Colette interveio, sorrindo para o médico:

- Não faças com que Donald fique a pensar que estou já decrépita, Warren.

Dirigiu-me também um sorriso, esperando por um cumprimento.

- Nunca pensaria uma coisa dessas. Quando o Dr.

Devarest a apresentou, como sendo sua esposa, pensei

que se tratasse de um segundo casamento, tão grande

me pareceu a diferença de idades. Acho-a tão jovem que

estranhei ao saber que fora a sua única mulher.

- Oh, Donald! Está a cortejar-me?

Felizmente o Dr. Gelderfield interveio:

- Está apenas a confirmar um facto, Colette.

ÉS ainda muito nova, mas tens de cuidar dessa tua saúde... Bem, vou andando. Você vem daí, Lam?

Tornou a piscar-me o olho e respondi:

- Sim.
- Dou-lhe uma boleia - ofereceu.
- Agradeço-lhe - redargui.

(- Mas, Donald, não tem nada a dizer-me? - inquiriu

Colette.

; Fiz um aceno positivo com a cabeça.

- Então, diga lá. Não tenho segredos para o meu

médico.

, O Dr. Gelderfield riu e comentou:

- Todos os doentes o dizem, mas escondem-nos

sempre *certas* coisas.

- Creio que vamos ter vento de leste, esta noite declarei.

- E isso que tem?

- As portas da garagem têm uns balanceiros que

lhes servem de contrapeso, ao levantarem-se e ao baixar-se.

Aquela, onde o Dr. Devarest entrou, tinha também

uma corda, para poder ser manobrada, do lado interior

da garagem, mas estava atirada para cima, de maneira

que não poderiam servir-se dela, para esse fim. As fotografias tiradas pela polícia mostram-na bem nessa posição.

- Que quer dizer com isso, Donald?

- Significa que o Dr. Devarest abriu a porta da garagem, entrou com o carro e começou a mexer no motor, com este ligado. Isto sucedeu à hora do «santana».

Depois, a ventania fechou-lhe a porta. Não podia tornar a abri-la, porque a corda, enrolada lá em cima, não lhe permitia manobrá-la. Então, o gás do motor intoxicou-o.

Pelo menos, já desarma a companhia de seguros.

-Isso não faz sentido - observou Mrs. Devarest,

- As portas balançam para baixo e para cima, tanto de

dentro, como de fora.

- Experimentei-a e verifiquei que o balanceiro não o permitia. É realmente estranho, mas é um facto.

- Qual é a sua teoria? - interessou-se o Dr. Gelderfield.

- Que o vento lhe fechou a porta e ele não conseguiu voltar a abri-la.

388

- Não vejo que vantagem é que isso nos traz disse

Colette.

- A vantagem de tratar-se de morte por *meio accidental* expliquei.

- Quer dizer que, nesse caso, o vento seria...

- Um meio accidental - confirmei;

- Dessa maneira, altera a decisão da companhia de seguros?

- Exactamente.

O Dr. Gelderfield mostrou-se excitado e inquiriu:

- Que vai fazer, agora?

- Espero novo «santana». O serviço meteorológico anunciou-o para esta noite.

- E vai realizar essa experiência?

::: -Sim.

- Oh! - exclamou Colette. - Isso seria maravilhoso!

- Não sei se posso cá estar, Colette, e não
deves
excitar-te.

- Mas não posso deixar de assistir à
experiência,
Warren!

- Muito bem. Nesse caso, irás na tua linda
cadeirinha.

Não quero que andes de pé.

Virou-se para mim e perguntou:

- A que horas vai fazer o seu teste?

-O serviço meteorológico prevê o
«santana» para
as nove horas, mais ou menos.

- Não deixes de vir, Warren - disse
Colette

Vamos estar todos presentes, para
testemunharmos isso
à companhia de seguros.

- Farei o possível - prometeu ele.
Depois disse-me:

- Quer então vir daí comigo?

Segui-o até ao carro.

- Onde deixou o seu automóvel? -
perguntou.

-A meio bloco daqui - esclareci.

389

- Queria dizer-lhe umas coisas, acerca do estado de saúde de Colette - declarou. - Convenci-a de que se tratava apenas de um choque nervoso, emocional, porque não convém que saiba a verdade, mas é algo muito mais sério do que isso.

- De que se trata?

- O Dr. Devarest nunca lhe falou disso? bem, não interessa estarmos *agora*, aqui, a desenvolvermos um diagnóstico médico. Basta que lhe diga que a pobrezinha pode ficar-se de um momento para o outro. Coração, compreende? Tento protegê-la, o mais que posso. Espero que me ajude a olhar por ela, sim, Donald? Nada de grandes excitações.

- Não tem esperança de cura? - inquiri.

Desviou os olhos dos meus e abanou a cabeça, contristado.

- Espero que compreenda a situação, Donald. Boa noite.

- Vejo-o mais logo, Dr. Gelderfield?

- Farei o possível - prometeu. - Quer que o leve até ao seu carro?

- Não. Prefiro que me deixe aqui... Diga-me só mais

uma coisa, Dr. Gelderfield. Que pensa dessa hipótese de o Dr. Devarest viver uma vida dupla?

- Que quer dizer com isso? Outra mulher?

- Seria possível que Nollie Starr fosse um outro ângulo do triângulo?

Pensou de sobrolho franzido e admitiu:

- É provável, sim.

- Tem algum motivo para pensar isso? Alguma prova?

Fez uma careta e redarguiu:

- Não. Apenas suspeita.
- A hipótese parece-me infundada - declarei. Visitei Nollie Starr, no seu apartamento da East Bendon Street. Vive no 681, com uma companheira de quarto, 390

Dorothy Grail. Encontrei-a com Jim Timley e fiquei com a forte impressão de que mantêm certas relações um com o outro. Isto diz-lhe alguma coisa, doutor?

- Não sei. Espero que tenha razão nas suas conclusões

- respondeu secamente, exprimindo notória dúvida.

- Vou tentar que Nollie Starr me ajude neste ponto.

Talvez queira esclarecer convenientemente a situação.

- É possível - respondeu pensativo.

- E vou igualmente contactar com os doentes que ele visitou na noite em que morreu.

- É escusado, Lam. Verifiquei no livro de apontamentos que está em poder de Colette. Foi ver duas pacientes que nada têm a ver com o caso.

- Então, até logo?

- Até logo, se me for possível - retorquiu apertando-me a mão.

Quando se afastou, para entrar no carro, ainda eu estava a massajar os dedos, tal fora a violência com que mos esmagara.

Ao vê-lo fazer a curva, para entrar na estrada, ainda

resmunguei para a sua chapa de matrícula:

- Escusava de mostrar-se tão entusiasmado! Posso precisar de voltar a servir-me da mão. ,

CAPÍTULO 12

Formámos um grupo, na escuridão, em frente da

garagem. O Dr. Gelderfield colocara Mrs. Devarest

na cadeira de rodas e envolvera-a em cobertores. Bertha

Cool, rija e competente, vigiava o grupo, atentamente.

Mrs. Devarest convidara Corbin Harmley. ou
fora

este que, habilmente, se fizera convidar.

Talvez nem Mrs.

Devarest tivesse percebido como.

Conseguia fazer o que

391

queria, dando aos outros a impressão de que agia por vontade deles.

Mrs. Croy insistira em que Forrest Timkan estivesse

presente. Talvez a sua ideia fosse considerá-lo necessário

para evitar qualquer malabarismo, por parte da companhia

de seguros. *Talvez.*

Eu comunicara com a companhia de seguros e ela

tinha enviado um inspetor de nome Parker Halfman. Não

sei porquê, pressenti que era também advogado, embora

viesse mascarado de simples funcionário da companhia.

O serviço meteorológico confirmara a tempestade.

Previa-se vento de intensidade semelhante à que se verificara

na noite da morte do Dr. Devarest. As pessoas

mostravam-se nervosas e a nossa pele estava seca ao contacto dos dedos. O ar estava anormalmente parado e quente. As estrelas que brilhavam sobre as nossas cabeças pareciam estar tão próximas que dir-se-ia ser possível atingi-las com um tiro de carabina. Parker Halfman, grande, ossudo e arrogante, examinava cinicamente a porta da garagem.

- Não faço a menor ideia do que espera demonstrar disse-me. - Vim até cá, unicamente para ver que teoria é a sua. Não creio que possa provar, seja o que for. Mesmo que a porta se feche, com o vento, isso nada significará para mim ou para a minha companhia.

Pacientemente, expus:

- Na noite em que o Dr. Devarest morreu, a corda habitualmente utilizada para abrir-se a porta, do lado interior, estava enrolada lá em cima, A vítima não poderia alcançá-la. Portanto, para abri-la teria de sair e levantá-la, pelo puxador externo. Obviamente, não o pôde fazer.

O motor estava a trabalhar...

--Como pode afirmá-lo? - desafiou Halfman.

- Por ser a hipótese mais provável.

- Para mim, não o é.

392 ,

-Quarenta mil dólares empurram-no para essa opção, mas um júri de doze homens será mais razoável,

”! Rispidamente, Halfman retorquiu:

-Os quarenta mil dólares nada têm a ver com o

caso. A companhia de seguros paga sempre as suas perdas,

quando as tem. Mas, quando não há provas que a

forcem a pagar, não paga. Está sempre do lado da lei.

- Tenho ouvido isso tantas vezes - repliquei,

que já o sei de cor.

- Portanto, como reconstitui o que aconteceu?

- O Dr. Devarest abriu a porta, como de costume,

e viu que a corda estava em cima. Por essa razão, entrou

com o carro e deixou-a aberta.

- Nada prova que a tenha deixado aberta. Em que se baseia para afirmar que não foi ele próprio quem atirou a corda lá para cima?

- Porque o motorista já a vira nessa posição, depois do jantar, antes do regresso do Dr. Devarest. Ainda pensou recolocá-la no devido lugar, mas era o seu dia de folga, tinha marcado um encontro no exterior e já ia atrasado.

- Muito bem. A porta estava como diz. O Dr. Devarest entrou com o carro e, depois, que aconteceu?

- Pretendeu reajustar qualquer coisa no motor.

- O quê?

- Uma folga na correia da ventoinha.

- E depois?

- Ajustou-a.

- Com o motor a trabalhar, suponho -
sublinhou

Halfman, sarcástico.

- Não. Depois de ter ajustado a correia, quis
verificar

se já tinha o aperto suficiente. Para isso,
tinha de

pôr o motor a funcionar. Toda a gente faz
isso. É a única

maneira de verificá-lo.

- E como se fechou, sozinha, a porta da
garagem?

Eu já teria podido responder a esta
pergunta e tinha

393

agora a oportunidade adequada para fazê-lo, mas não foi preciso. Uma súbita e violenta rajada de vento sacudiu as janelas da casa, vergou as palmeiras, agitando furiosamente as copas das palmeiras circundantes e, com um estrondo medonho, fechou a porta entreaberta.

- Tal como agora - concluí.

A deslocação de ar fez-nos estrebuchar a todos e

Mrs. Croy teve de entalar as saias entre as pernas,

enquanto segurava o cabelo com a outra mão. As duas

lâmpadas da garagem baloiçaram perigosamente, projectando

as nossas sombras, numa dança macabra.

Tivemos

que nos inclinar para a frente e esbracejar, para contrariar

a força do vento, mantendo o equilíbrio.

A um segundo sopro do vento, a porta tornou a balancear, entreabrindo-se, de novo, ligeiramente. Significava que o primeiro embate fora tão violento que ressaltara, não se fixando na base pela mola do fecho.

- A sua teoria é muito débil, Lam - disse Halfman.

- A porta fechou-se mas tornou a abrir-se. Bastaria agora empurrá-la, para ficar como antes estava. Uma terceira lufada, acabou por abri-la. Halfman soltou uma gargalhada e tive dificuldade em dissimular a minha perplexidade.

- Bem, vamos lá ver como isto foi - propus. Atrás de mim, ouvi Bertha resmungar:

- Macacos me mordam!

O vento parara e a porta ficara entreaberta. Jim Timley avançou para ela e observou:

- Está a passar-se algo de anormal, com esta porta.

Nunca fica assim. Terá alguém mexido no contrapeso do balanceiro?

- Que diz? - inquiri, surpreso.

- Gostava de ver o que se passa lá em cima, isto

é... no topo da porta. Quer ajudar-me, Lam? Abra a porta

o mais que puder, de forma que o topo desça e eu consiga ver o contrapeso do balanceiro.

394

- Que diabo de manigância estão para aí a engen-

drar? - protestou Halfman.

- Esta peça de metal não pertence aqui - declarou

Timley. - Alguém a acrescentou ao contrapeso, de maneira

a desequilibrar a porta, depois de fechada, obrigando-a

a tornar a abrir-se.

- Não estava aí, no dia da morte do Dr. Devarest afirmei.

- A polícia verificou todo o seu funcionamento

e registou que esta porta, quando fechada, só podia ter

sido aberta do lado exterior, ou com a corda que deixaram

ficar tal como estava - lembrei.

Jim Timley confirmou.

- Exactamente. Assisti a esse teste da polícia.

- Que raio de truque fraudulento está agora a ser

forjado - gritou Parker Halfman. - Confio tanto nesse tipo, como num elefante a que se puxasse a cauda.

Como apontasse para mim cerrei os dentes, mas contive-me em silêncio. Limitei-me a verificar o que Timley nos apontara. Tinha razão.

O Dr. Gelderfield virou-se para Halfman e observou-lhe:

- Aí tem uma coisa que não pode deixar de registar.

Não há dúvida de que a porta não se encontra, actualmente, como estava no dia do sinistro.

- Para mim, não tem a menor validade - retorquiu

Halfman. - Esse detective está tentando armar a companhia de seguros em bode expiatório. Não tenho a menor dúvida em afirmar que foi ele quem alterou o contrapeso,

para estabelecer a confusão...

Rilhando os dentes, ainda disse:

- Se o tivesse feito, só estaria a invalidar a minha

teoria. Essa peça metálica, que alguém decidiu colocar

para desequilibrar o balaceiro, apenas contribuiria para

destruir a minha prova.

- O diabo que os leve, seus troca-tintas das agên-

395

cias privadas! - gritou Halfman, terrivelmente exaltado.

- São todos uma cambada de patifes!

Bertha Cool pôs-me uma mão no ombro e exortou:

- Parta-lhe a cara, Donald.

Não havia dúvida de que a electricidade que andava

no ar tinha enfurecido os ânimos.

- Não faço a menor ideia de quem pôs esse excesso

de peso no balanceiro - disse. - Eu nunca iria cometer

um erro desses, que só me faria passar por parvo. Mas

você podia tê-lo feito ou pago a alguém para que o

fizesse.

- Você é um mentiroso, Sabe muito bem que forjou

uma prova falsa.

- Mentiroso é você - repliquei.

O tipo perdera completamente a cabeça, tinha o rosto

congestionado e os olhos exorbitados. Avançou dois passos para mim e, antes que se lembrasse de bater-me, ferrei-lhe uma bofetada. Bertha soltou uma exclamação de espanto e eu não fiquei menos admirado. Agora que Halfman estava junto a mim, verifiquei o calmeirão que era. Dei um passo à retaguarda e, num relâmpago, recordei as lições que Louie Hazen me dera, para o caso de verme num assado semelhante. Contudo, creio que agi mais por instinto mecanizado, do que por raciocínio. Quando o longo braço de Halfman foi disparado na minha direcção, com um enorme punho na frente, esquivei-me para o lado e ferrei-lhe

um murro no estômago. Tive sorte. O golpe dele raspou-me pelo ombro, mas o meu acertou-lhe em cheio no *plexus solar*. Não sei porquê, aquilo não me parecia uma luta a sério. Lembrava-me mais um dos treinos que fizera com Louie, talvez por ele ser do mesmo tamanho que aquele monte de músculos. À sua recarga da esquerda, ergui o cotovelo, para proteger o flanco direito, e atirei-me para a frente com todo o peso do corpo atrás do meu punho

esquerdo. Acertei-lhe exactamente no mesmo ponto mole e, como eu avançara, o punho dele passara para trás das minhas costas, só me batendo com o braço.

Ouvi-o soprar, com o fôlego cortado, e recuei novamente, não fosse a besta querer envolver-se num corpo

a corpo. Louie dissera-me que os tipos grandes são, forçosamente, mais lentos. Quanto mais abrem o jogo, em golpes largos, para tentar esborrachar um adversário

franganote, menos perigosos se tornam. Aquilo deu-me

ânimo. Tinha agora que esperar nova avançada da torre,

para lhe caçar o queixo, com um *uppercut* seco. Aí vinha ele, de novo.

Desta vez, lançou um *swing* com a direita, que, se

me apanhasse a orelha aonde vinha dirigido, me teria arrancado a cabeça. Por isso mesmo, baixei-a, numa esquiva rápida e, ao reerguê-la, vi-lhe o queixo, mesmo em frente do meu nariz. Mas não me foi necessário comandar o punho direito até lá. Ele já partira sozinho, como um autómato, e assentara-lhe em cheio. Pensei que tinha partido a mão! Mas, com o impacte, os dentes de Halfman rangeram, vi-lhe os olhos embaciarem-se, depois de se terem escancarado de espanto, e assisti à sua queda, de joelhos, como num filme ao retardador. Tive então consciência de que as pessoas, à minha volta, davam à cena o aspecto de um *ring*. Ouvi o Dr. Gelderfield

protestar:

- Não olhes, Colette. Não olhes! Não podes excitar-te!

Deixa-me levar-te daqui para fora.

Rispidamente, Mrs. Devarest gritou-lhe:

- Tira as mãos da cadeira. Deixa-me em paz!

Bertha Coll incitou-me: ;

- Dê-lhe para baixo, querido. Acabe com ele. Arreie-lhe

enquanto está de joelhos, seu tanso. De que raio

está à espera.

Entretanto, Halfman, começara a levantar-se. Fitou-me

como se os seus olhos fossem berlindes, e

397

focou-os num ponto atrás da minha cabeça, pelo menos dois palmos. Então, lançou-me, de baixo para cima, um terrível *haymaker*, que partiu da altura da algibeira das calças e foi terminar mais alto que a sua cabeça. Fez tanto vento que até pestanejou. Recuara a cara a tempo e foi o que me valeu. Enquanto o balanço do golpe lhe atirava o corpo para a frente, fiz outro tanto, tornando a enfiar-lhe a direita, logo abaixo do externo. Pareceu um peixe a abrir a boca. Os joelhos dobraram-se-lhe, pela segunda vez, e caiu com a cara, de encontro ao cimento da garagem. Dei dois passos para trás, sentindo os joelhos tremerem, miseravelmente, por dentro das calças. Como

esfregava os nós dos dedos, doridos, ninguém podia notar que, de outro modo, nem seria capaz de segurar num cigarro, tal era o nervoso que queria agitar-me as mãos.

Notei, então, que todos os rostos estavam fixos em mim, com o maior dos espantos, se não incredulidade do que haviam presenciado. Só Bertha Cool não mostrava grande admiração. Até parecia divertida.

- Este bastardozinho conseguiu!...- exclamou ela.

- Macacos me mordam!

CAPÍTULO 13

Bertha Cool, sentada a meu lado, no carro da agência, inquiriu:

- Por que motivo você não tirou a sobrecarga do

contrapeso da porta, se sabia que lá estava?

- Não sabia e foi bom que tivesse aparecido.

- Ora essa! - exclamou ela. - Aquela porcaria

ia-lhe tramando a teoria.

- Foi bom que essa prova aparecesse - observei.

- Prova de quê?

398

-De *que* alguém alterara o balanço da porta.

O vento de leste ainda agitava as árvores, mas já não

com tanta violência.

Bertha Cool:

-Oiça, Donald. Você tinha, naquela altura, as me-

lhores condições para fazer o teste. Um «santana» daque-

les, não volta antes de um ano, por esta mesma época.

Se vira a experiência feita pela polícia, devia ter feito outro teste, sozinho, antes de chegar Parker Halfman.

Teria logo dado pela tramóia. Agora, vão passar-se meses, antes que tenha uma idêntica oportunidade para apresentar um novo teste daquela porta.

-Assim, posso formar uma nova teoria -anunciei.

: -Qual? - interessou-se Bertha.

-Uma porta daquelas, de balanceiro, se estiver aberta, não se fecha por si própria. O contrapeso dá-lhe suficiente equilíbrio. Pode portanto ficar aberta. Contudo, se a fechamos, tem uma mola que a prende em cima e em baixo. Do lado de fora, abre-se com a chave.

Do lado de dentro, com uma corda que actua na alavanca

[, do fecho corrido. Ora essa corda, por qualquer razão, fora parar lá acima e enroscar-se no eixo.

- E depois?

- Se o Dr. Devarest tivesse visto a porta fechar-se

ouvi-la-ia, de certeza, tal foi o estrondo, ao ser projectada

pelo vento), não poria o motor a trabalhar, pois

era médico e homem extraordinariamente metódico em

tudo o que fazia. Era um excelente operador e jamais se

esqueceria de um perigo daqueles.

Portanto, deixaria o

arranjo do motor, para outra altura, ou

então, se o julgasse

urgente, daria a volta por dentro de casa, pela

comunicação interior com as traseiras, e tornaria a abrir

a porta da garagem, pelo lado de fora.

-E isso, aonde o leva?

-A crime; a concluir que quem esteve na garagem e pôs o motor a trabalhar tinha a certeza de que nenhum

399
investigador acreditaria que o Dr. Devarest se suicidara, visto conhecer-se a sua formação psicológica; e não poderia acreditar que o médico tivesse roubado as jóias (a si próprio) visto conhecer-se a sua fortuna pessoal.

Desta maneira, não tendo havido negligência, nem suicídio, concluir-se-ia tratar-se de assassínio.

- Mas porquê a complicação da porta?

- Porque, sendo assassínio, o seu autor podia ser alguém da casa, ou alguém de fora. Se tivesse fácil acesso ao circuito interior das traseiras *da* casa, não

precisaria de alterar o contrapeso do balanceiro da porta.

Mesmo que esta se tivesse fechado e não pudesse ser

aberta do lado de dentro, o facto não teria importância,

pois saberia como sair de lá, facilmente.

Contudo, se

fosse um estranho a essas dependências de serviço, teria

de arranjar maneira para tornar a sair pela garagem.

Desta maneira, a sobrecarga no contrapeso manteria a

porta sempre entreaberta, permitindo-lhe safar-se após

o crime.

- Nesse caso, foi alguém de fora - deduziu Bertha.

- Não. Foi alguém com acesso àquelas dependências.

- Como assim?

- Se fosse alguém de fora, teria posto a sobrecarga,

para poder sair, mas tê-la-ia retirado, após o crime. Ora, essa sobrecarga só lá foi colocada recentemente.

- Quer dizer que o assassino quis atribuir o crime

a alguém de fora?

- Exactamente. Talvez quisesse até implicar Nollie

Starr. Ela podia ter notado que a corda interior estava

enrolada no eixo, não podendo ser puxada para abrir a

porta; não lhe convinha ser vista a andar por dentro de

casa, depois da sua fuga. Aquela sobrecarga assegurar-lhe-ia

a saída.

- Parece lógico - concordou Bertha.

-O assassino só falhou numa coisa: não contava

400

que eu tivesse verificado o movimento da porta e o balanceiro, logo a seguir do crime; deste modo, compreendi que a sobrecarga fora lá colocada posteriormente.

- O certo é que lhe estragou a experiência desta noite. A maior parte dos «santanas» não alcançam esta zona, com idêntica violência, por estar num vale. Pode levar mais de um ano a aparecer outro como o da noite da morte do Dr. Devarest. Tão cedo, você não poderá repetir o teste da porta.

- Certo!

- E isso não o incomoda?

- Também vai incomodar mais pessoas - sublinhei

- incluindo a companhia de seguros.

Bertha Cool abriu mais os olhos e deu um estalido

com a língua.

- Quer dizer, Donald, que está a tentar criar complicações

à companhia? Você é um diabinho muito

esperto. Vai comprometê-la na demora do pagamento do

prémio e fazer recair sobre ela a suspeita de algum dos

seus agentes ter colocado a sobrecarga no contrapeso,

para destruir a sua teoria... E a companhia não pode mandar

o clima fazer outro «santana», mais cedo.

Não fiz qualquer comentário.

- Agora, para onde vai? - perguntou.

- Vou telefonar, do primeiro bar que encontrarmos

aberto, para chamar um táxi.

- Porque não quer que o leve?

- Porque preciso de agir sozinho e, ao mesmo

tempo, ter a minha sócia, na firma, pronta a actuar,

quando se tornar necessário.

Bertha respirou fundo e comentou:

- Nunca esperei que você fosse capaz de uma luta

daquelas. Como diabo foi capaz de atirar por terra aquela

montanha de ossos e carne!?

-. Louie sempre me disse que quanto maior é um

26 - VAMP. G. 7

401

tipo, mais lentos são os seus movimentos.

Foi fácil deitá-lo

ao chão.

- Fácil? Foi um combate magnífico. Devia ter visto

a cara da assistência. Por que diabo uma boa luta causa

tamanho interesse a uma mulher? Não me refiro à luta,

em si, mas ao homem que está a combater.

Por exemplo,

essa Nadine Croy.

- Que houve com ela?
- Não tirava os olhos de cima de si. Parecia rezar para que vencesse o animal do Halfman e... a expressão dos seus olhos dizia tudo o que lhe ia lá por dentro.
- Um táxi acabava de surgir, na curva, na nossa direcção.
- Aí tem o transporte de que precisa - disse Bertha, fazendo-lhe sinais de luzes. - Sempre se poupa uma chamada de telefone.
- Saltei do carro e mandei parar o táxi.
- Quero saber o que vai fazer agora
- intimou Bertha.
- Quer ir pescar amanhã de manhã?
- Que tem isso a ver com o que tenciona fazer?
- Segundo o nosso contrato com Mrs. Devarest,

apanhamos um naco dos quarenta mil dólares do dobro do prémio, se conseguirmos tramar a companhia de seguros. Ora a possibilidade de eu conseguir tramá-la é agir sozinho. Se tiver de violar qualquer lei, a responsabilidade será só minha, mas se você souber o que estou a fazer, torna-se cúmplice de conspiração desse mesmo acto ilegal. Se isso lhe acontecer já não pesca amanhã, nem depois... sei lá por quanto tempo. Bertha pensou dois segundos e saiu do carro.

- *Okay*, seu diabinho Fique com o carro. Eu vou no táxi. Desta maneira o motorista não poderá testemunhar para onde o levou. Mas olhe que há limites, nisso de violar a lei.

..... -Quer resultados financeiros, não quer, Bertha?

402

- Sim, mas quero mantê-lo cá fora da prisão, até você ter-me arranjado dinheiro bastante para já não precisar de si.

O táxi deu a volta e parou à nossa frente. O motorista abriu a porta, para Bertha entrar. Não esperei que partisse com ela. Ultrapassei-o e larguei, rua fora.

Voltei a casa do Dr. Devarest e rodei, silenciosamente, até às traseiras da casa.

A luz por cima da porta da garagem estava apagada

e estava fechada. Mas via-se uma luz nas dependências

de Rufus Bayley, esgueirando-se através de Uma persiana.

Bati à porta e o ex-condenado de Sing Sing, meu

actual colaborador, abriu e convidou:

- Entre, Lam.

Tive de fazer força para fechar a porta, porque uma retardada lufada de ar quente e seco começara a empurrá-la.

- tá visto! Foi coisa para principiantes. Essa sua ideia de desatar à pancada com o matulão foi bestial.

- Trouxe o embrulho?

- Sou parvo não? Não quero voltar para trás das grades. Se dessem por falta dele, desconfiavam logo de mim, pois não assisti à sua luta.

- Então que lhe fez?

- Abri-o. Continha três livros encadernados. O do meio só tinha as capas inteiras; cortaram-lhe o miolo das páginas, onde estava a mancha do texto e só lhe deixaram as margens, coladas umas às outras, para formarem

paredes firmes. Os «vidros» estavam lá dentro.

- Que fez aos livros?

- Tornei a embrulhá-los, tal como estavam. Só lá

deixei dentro o algodão que aconchegava os «vidros».

Dobrei o papel pardo pelos mesmos vincos e dei um nó

exactamente igual. Aquilo era nó de mulher.

- Porque diz isso?

403

- Muitas voltas e pouco apertadas.
- Quem acha que tenha feito esse golpe?
- Foi coisa de Nollie Starr e de Jim Timley, já que
o pergunta. Ela deve ter guardado o embrulho no apartamento dela, até que a polícia acabasse com a busca cá em casa. Quando viram campo livre, Timley foi lá buscá-lo.
Pensei que Nollie só decidira entregar as jóias a Timley, quando viu que corria perigo, comigo a rondar-lhe a porta.
- Agora, se Timley abre o pacote e o encontra vazio, pensa que Nollie o traiu.
- A não ser que já o tenha aberto, cá em casa, para verificar o que trazia - admiti.
- Nesse caso tornou-o a fechar, com um nó de

maricas. Na! Aquilo foi amarrado por ela,
mas se isso
aconteceu, como diz, será Nollie
quem pensará que
Timley ficou com as jóias... Só que este tem
a certeza
de que lhas roubaram!

- Vai ser-lhe difícil apresentar queixa -
observei.

Rufus Bayley fez uma careta risonha.

- Onde estão? - interroguei.

Meteu a mão na algibeira direita das calças
e começou

a tirar um belo conjunto de jóias: anéis,
pulseiras e

colares. Sobressaía, do brilho metálico do
ouro e da platina,

o cintilar das esmeraldas e dos diamantes.

- Está aí tudo? - inquiri.

- Hum, hum!

- Bem, acredito - disse. - Vire-me essa
algibeira

do avesso, Bayley.

- Está a duvidar de mim? - protestou.

- De maneira nenhuma. Quero que você
fique limpo
de suspeitas.

Indignado, Rufus meteu a mão na algibeira
e puxou-a

para fora. Só que levou tempo de mais.

- Agora, mostre-me a mão - ordenei.

404

- Que é lá isso, camarada? Julguei que éramos parceiros!

Deve haver confiança entre a malta.

Virou a palma da mão para mim, com os dedos para cima.

- Abra os dedos, Bayley.

Havia raiva, nos seus olhos. Abriu os dedos, ficando

apenas com o polegar um pouco encostado ao indicador.

- Quero ver as costas da mão - intimei.

- Você, você, seu...

Ao separar estes últimos dedos, algo cintilou no ar,

para logo rolar no sobrado. Era um anel com um grande diamante.

- Apanhe-o e coloque-o sobre a mesa, ao lado das

outras coisas - disse-lhe.

Rufus tinha-o entalado na comissura carnuda das

costas da mão, entre o polegar e o indicador. Apanhou o anel do chão e depositou-o sobre a mesa.

- Assim - comentei, já pode haver confiança entre parceiros.

- Faz mal em empurrar de mais, camarada - proferiu em tom algo ameaçador.

- Estou a empurrá-lo para fora das grades e não

para dentro - lembrei. - Para provar-lhe que quero ajudá-lo,

dispa esse casaco e vire-me todas essas algibeiras

do avesso. E *a* esquerda, das calças, também.

Foi uma autêntica sessão de *striptease*, sem erotismo,

mas profusamente ilustrada de palavrões.

- Só guardei esse, para recordação, juro - rosnou

Bayley.

- *Okay*, camarada, *okay!* - contemporei. -
Agora,
vire-se de costas.

Os seus olhos transmitiam raiva impotente.
Não se
mexeu.

- Faça o que lhe digo, parceiro - insisti.
Não se voltou, mas meteu a mão na
algibeira traseira

405

das calças, e extraiu dela um par de brincos de esmeraldas.

Condiziam com o colar.

Compreendi que preferia devolvê-los a passar pelo

vexame de uma nova vistoria directa, de minha parte.

- Vamos lá fazer o inventário disto tudo - propus.

Sentámo-nos em frente daquelas cintilações preciosas.

Tirei um papel da algibeira e identifiquei cada jóia,

uma a uma, cuidadosamente. Depois, juntei os «vidros»

e enfiei-os no bolso direito das calças. Faziam um volume

desagradável.

- É tudo, Bayley? - perguntei ainda.

- Tudo - resmungou. -Palavra de honra.

- Muito bem. Agora diga-me uma coisa: foi você

quem atirou com a corda da porta da garagem, lá para

cima?

- Não.

- Foi você quem pôs a sobrecarga no contrapeso do balanceiro?

- Não. E desde já lhe digo que aquele pedaço de metal pesado não estava aqui nas redondezas. É uma calha de construção naval. Alguém a acavalou, bem entalada, no contrapeso... mas trouxe-a de longe.

- Interessante - comentei. - Costuma frequentar os estaleiros?

- Oiça, camarada. Se a tivesse lá posto, não lhe falava nisso. E, se quer saber uma coisa, não comece a empurrar-me demasiado. Não tarda muito que eu passe a dar ordens nesta casa.

Ri-me com gosto.

- Que gozo é esse? - perguntou irado. - Sei o que estou a dizer.

- Você nem tem olhos para ver o que se passa debaixo do seu nariz.

- Que é que se passa debaixo do meu nariz? :

- Corbin Harmley.

Durante uns segundos, o impacte da informação, no

406

seu cérebro, emudeceu-o. O rosto espelhou o despeito de um espírito imaturo, perante a possibilidade de ser preterido por outrem. Finalmente, proferiu:

- Meu Deus!
- Você, Bayley – prossegui, pode ter pensado que tinha já Mrs. Devarest «no papo», e que, em breve, seria o senhor desta casa. Por muito grande e forte que você seja, não possui outros predicados que esse Harmley traz na manga. Tem educação, finura e cultura. Além disso, sabe como levar uma mulher a inclinar-se para ele. Você pode levá-la para a cama, mas as mulheres da sociedade a que Mrs. Devarest pertence ambicionam mais qualquer coisa, além disso. Gostam de ser vistas e

cobiçadas por essa mesma sociedade. Você pensa que poderá substituir um Dr. Devarest, ou um Corbin Harmley?

- Esse porco imundo! - exclamou Bayley.

-Se o

tipo se atreve a...

- Diga lá isso...-incitei.

- Não... Não cuide que me apanha nessa esparrela.

- Estava só a avisá-lo de que não lhe convém mostrar-se

violento e Capaz de fazer certas coisas... Já pensou

na figura que Mrs. Devarest faria, consigo, pelo braço,

em frente de um ministro, ou numa recepção de embaixada?

- Parvoíce - exaltou-se Rufus. - Consigo caçar

qualquer fêmea que me der na gana. Sou capaz de engatar

quantas me apeteça.

- Isso abrange uma área muito vasta, não?

- É o que lhe digo. Sei bem como lidar com elas.

Se são do género de Colette e vejo que estão interessadas

cá no rapaz, começando com pequenas aproximações,

mostro-me desinteressado e não lhes ligo, até que se

abrem em cheio. Mal me metem na cama, posso fazer

delas o que quiser. A partir daí, são minhas.

- Penso que Harmley lhe propôs casamento esta

tarde - declarei.

407

Vi os seus olhos encherem-se de raiva, enquanto digeria mentalmente essa hipótese. Aproveitei para levantar-me e sair.

CAPÍTULO 14

A funcionária do Departamento de Registo de Testamentos examinou-me com notória desconfiança.

- Como disse chamar-se?

- Lam. Donald Lam.

- É advogado?

- Não.

- Em que se ocupa, Mr. Lam?

Dei-lhe um dos meus cartões da agência. Estudou-o, mantendo-se na dúvida do que deveria fazer.

- Que pretende, concretamente, Mr. Lam?

- Consultar a lista de casos de médicos que faleceram, deixando em testamento bens consideráveis às respectivas viúvas.

- Não temos listas dessa natureza. Tem de dizer-me que testamentos pretende consultar, especificamente.

Entrei na cabina telefónica do Departamento e liguei para a secretaria da Associação Médica. Pedi que me lessem a lista dos médicos de maior renome que tinham falecido no ano transacto. Estava tão actualizada, que me forneceram doze nomes de clínicos proeminentes, entre os quais o Dr. Devarest. Então, voltei ao balcão do Registo e consegui que a funcionária me permitisse consultar os doze processos referentes àqueles testamentos.

Já nem precisei de utilizar a cabina. Liguei do próprio telefone do balcão do Registo.

Falei com a primeira viúva e falhei. Mas logo com a segunda, tive sorte.

- Desculpe-me incomodá-la, Mrs. Andrews. Estou a telefonar-lhe do Departamento de Registo de Testamentos, do Tribunal'Central. Desejava obter uma informação

408

acerca do testamento do seu **falecido esposo, Dr. James**

C. Andrews.

- Sim. Que deseja saber?

- Durante a vida de seu marido, sabe se ele teve

quaisquer relações comerciais, ou de investimento de

capitais, com um indivíduo, com cerca de trinta anos, de

cabelo preto, nariz direito e comprido, boa figura, alto e

forte, costumando trazer o queixo sempre bem erguido,

com belos olhos e capaz de expressar-se amavelmente e

com natural humor...

- Sim, sim - interrompeu ela. - Mr. Harmley.

- Sabe se seu marido fez qualquer investimento em

propriedades, ou explorações, na América do Sul?

- Não, não fez. A única relação que Mr. Harmley

manteve com o meu marido foi ter-lhe
pedido emprestada

uma certa soma, em dinheiro... De resto,
pequena, pelo

que Mr. Harmley lhe ficou muito grato. :

- Duzentos e cinquenta dólares? ;: :

- Exactamente. Como soube?

- Mr. Harmley, depois de regressar da
América do

Sul, pagou-lhe essa dívida?

- Chegou exactamente no dia em que meu
marido

faleceu. Leu a notícia nos jornais, mandou-
me um cartão

de condolências e um cheque, para liquidar
a dívida, com

mais seis meses de juros.

- E o seu marido, Mrs. Andrews, não
recebeu os

lucros de um investimento, numa
exploração de petróleo?

- Não, de maneira nenhuma. O meu *marido*
não fez

nenhum investimento.

Acentuara a palavra «marido», antes da negativa.

Por esse motivo, interessei-me:

- Foi portanto a senhora, Mrs. Andrews, quem fez

esse investimento?

- Não vejo o que isso tem a ver com o testamento

de meu marido. Quem está ao telefone?

Pacientemente, expliquei:

409

- Minha senhora, estamos simplesmente a tentar verificar se essas acções sobre petróleo foram adquiridas, já por si, ou se constituem um investimento do Dr. Andrews, que devia ter sido considerado e abrangido pelo testamento. Neste último caso, o *imposto de transmissão* deveria ser extensível ao montante do referido investimento.

- Oh! - exclamou ela, aliviada. - Não. O meu marido não tem nada a ver com essas acções. Foram-me vendidas por Mr. Harmley e são minha propriedade individual.

, -Muito obrigado, Mrs. Andrews.
Desliguei.

Galguei os três andares do 681 da East Bendom

Street, cerca das onze e trinta da manhã.
Fazia votos
para que nem Dorothy Grail, nem Nollie
Starr lá estivessem,
mas não deixei de bater à porta. Ninguém
respondeu.

A fechadura era um brinquedo de crianças,
provavelmente
para que a encarregada da limpeza
pudesse lá
entrar, semanalmente, com uma chave-
mestra.

Fechei a porta atrás de mim e ouvi o trinco
entrar
no seu encaixe. Comecei a trabalhar
metodicamente, primeiramente,
na sala de estar, à procura de livros. Estava
cheia deles, por todo o lado, especialmente
romances
policiais, do mesmo género que vira no
estúdio do
Dr. Devarest. Decerto, fora ele quem os
fornecera.

Abri a cama de parede, examinei-a e tornei a encaixá-la no seu lugar. Inspeccionei o roupeiro e concluí tratar-se de roupa de Dorothy Grail. Provavelmente seria ela quem dormiria na cama de parede. Nollie Starr deveria ocupar o quarto de cama. Abri a porta deste e notei que estava envolto em sombras. O reposteiro da janela achava-se corrido. Receei que a minha presunção, de que a entusiasta de ténis

saíra muito cedo, falhasse. Quando pensei
nisso, estive
para safar-me, pé ante pé. Porém, enchi-
me de atrevimento
e contornei a cama, apreensivamente.
A moça estava deitada, com os lençóis
puxados para
o lado. Tinha um braço a tapar-lhe os olhos
e envergava
uma camisa cor de pêssego, transparente,
que serviria
para tudo, menos para cobri-la. Estava
enrodilhada até
ao púbis e as pernas abriam-se-lhe
estendidas para os
lados.
Por momentos, fiquei petrificado. Depois,
recuei
silenciosamente, compreendendo que, de
modo algum,
me convinha despertá-la do seu sono
tardio. Já na porta,
tornei a olhar para ela, por cima do ombro.
Não notei,

contudo, o menor movimento na jovem
dormente. Os
meus olhos tinham-se já adaptado à pouca
luz ambiente
e aquela semiobscuridade permitia-me
notar que os seus
seios estavam imóveis. Parecia não
respirar. O próprio
silêncio anormal levou-me a examiná-la
com maior cuidado.
A extrema palidez do seu rosto, onde um
pouco
mais de luz incidia, não era natural.
Avancei novamente e toquei-lhe, ao de
leve, com um
dedo na anca. A pele estava tépida, mas
inanimada. Os
meus dedos já tinham, noutra altura,
experimentado essa
sensação. Então, desviei-lhe o braço de
cima do rosto e
vi que um cordão cor-de-rosa lhe rodeava a
garganta e

que, por detrás do pescoço, tinha um espremedor de batata que servira para transformar o cordão num torniquete como os médicos usam para travar uma hemorragia arterial. No seu caso, não se tratava de hemorragia.

Sim de homicídio, por estrangulamento. Folguei o cordão estrangulante e pensei que talvez houvesse uma probabilidade, num milhar, de um aparelho *pulmotor* lhe salvar a vida. Peguei num telefone e liguei para o hospital central. Expliquei, claramente, o que se tratava e indiquei-lhes a morada.

Tinha as jóias do Dr. Devarest comigo. Natural-

mente, a polícia iria averiguar quem fizera o telefonema.

Estariam ali, ao mesmo tempo que a ambulância, pois têm

sempre um piquete nos hospitais que logo informa, por

rádio, os carros-patrolha. Até podiam chegar antes dos

socorros. Lançar-se-iam em minha perseguição e encontrariam

as jóias em meu poder. Se me apanhassem com

elas, pensariam que Nollie as tirara do cofre do Dr. Devarest

e concluiriam que a matara para apoderar-me dos

«vidros». Eram suficientemente ilógicos, para terem essa

estúpida ideia.

Apressei-me a apagar todas as impressões digitais

que poderia ter por lá deixado e saí. Ao fundo das escadas,

passei por uma velha que me olhou desconfiada.

Dirigi-me para o local onde arrumara o carro e ouvi as sireias dos carros-patrolha. Rodei até à agência.

Elsie Brand levantou os olhos da máquina de escrever e informou:

- Ela está lá dentro, como uma Fúria.

Eu nunca tinha visto uma dessas deusas, mas conhecia

Bertha e isso chegou-me.

- Que se passa? - perguntei, mal entrei no gabinete.

-Você, você, seu diabo!

- Que foi que fiz?

- Tentou esconder qualquer coisa ao tenente Lisman

e ele pôs a Bertha em pânico.

- Escondi-lhe o quê? Entreguei-lhe Nollie Starr, numa

bandeja. Que mais quer ele? - protestei.

- Você mostrou-lhe a ciclista, mas escondeu-lhe o motorista. Não lhe disse que o tipo era um cadastrado.

- Não mo perguntou.

- Pois, e agora acusa-me de não querer colaborar

com ele. Pegou em Rufus Bayley, pelos colarinhos, e

levou-o para o comando-geral.

Levantei-me e caminhei para a porta.

-Aonde é que vai? - inquiriu Bertha. ,

412

- Deixei o carro arrumado, em frente de uma bomba de incêndio, e vou ver se arranjo outro lugar, para não *sermos* multados.

- Mexa-se, Donald. Não quero gastar dinheiro em multas.

-Quer mais alguma coisa, sócia? ,

:« -Vá já tratar disso. Despache-se - gritou ela.

Saí e parei em frente de Elsie Brand.

- Escute, Elsie. Estou numa alhada. Trago comigo as jóias do Dr. Devarest. Queria ter uma oportunidade para devolvê-las, mas tenho a polícia atrás de mim.

- Quer que eu as leve?

; -Seria demasiado perigoso para si.

- *Okay*, passe-as para cá.

- Não, Elsie. Há outra maneira de safar-me.

;

- Qual?

- Descobrir um lugar onde pudesse escondê-las.

Talvez...

Ainda eu não acabara a frase, já ela abria a bolsa e

tirava uma chave.

- Aqui tem - ofereceu. - Não olhe para o estado

em que deixei as coisas. Saí de casa de manhã cedo,

para vir para aqui e não tive tempo de arrumar a casa.

Vai achar tudo num estado medonho.

- Ficarei lá, à sua espera. -

- Bertha sabe?

- Nem quero que sonhe - respondi. - Pensa que

deixei o carro estacionado em frente de uma bomba de

incêndios.

Elsie fechou a bolsa e desatou a escrever à máquina.

Desci e fui buscar o carro, ao parque de estacionamento.

Arranquei e arrumei-o em frente da primeira bomba que encontrei.

Minutos depois, entrei em casa de Elsie. A cama estava por fazer, os chinelos de quarto jaziam a dois metros um do outro e via-se um pijama de seda, em cima

413

de uma cadeira. Na casa de banho, sobre uma linha estendida de lado a lado, estavam um par de meias e um *soutien* a secarem.

Voltei para o quarto, endireitei a roupa da cama e procurei um livro para ler. Li durante cerca de um quarto de hora e, depois, abri o rádio. Uma intensa letargia começava a invadir-me, quando comecei a ouvir o noticiário.

A certa altura, o locutor disse: *Um detective privado, Donald Lam, está sendo activamente procurado pela polícia, em relação a um roubo de jóias, no valor de vinte mil dólares. Rufus Bayley, ex-condenado, declarou ao tenente Lisman que Lam lhe propusera a execução de*

um plano, ainda não esclarecido. Segundo Bayley, Lam teria encontrado o cadáver do Dr. Devarest, caído junto do carro, dentro da sua garagem. Admite até a hipótese de Lam o ter encontrado com vida e apenas desmaiado, pelo que teria posto o motor do carro a trabalhar, de modo a causar-lhe a morte. Seguidamente, teria roubado as jóias que se encontravam dentro do porta-luvas. É porém positivo, ao afirmar que Lam lhe propôs um plano, para se desfazerem das jóias, em proveito próprio. Jura que se recusou a ajudá-lo e que ia denunciá-lo à polícia, no momento em que o tenente Lisman o prendeu. Donald Lam torna-se desta maneira suspeito directo da morte do

Dr. Devarest e a polícia...

Desliguei o rádio e peguei no telefone, mas depressa

mudei de ideias. O prédio de apartamentos em que vivia

Elsie Brand tinha uma telefonista de serviço ao PBX.

Sabendo que Elsie estava a trabalhar e ouvindo um

homem telefonar do seu quarto, poderia avisar a polícia.

Mesmo que o não fizesse, escutaria a conversa. Elsie

também não me telefonaria a dar notícias, provavelmente,

pelo mesmo motivo.

414

CAPÍTULO 15

Eram quase cinco e meia, quando Elsie chegou. Tirou

o chapéu, lançou a bolsa sobre a mesa, olhou em volta

e disse:

- Que vergonha! Tudo desarrumado!

- Que aconteceu no escritório? - inquiri.

; -Muita coisa. Para começar, o tenente Lisman entrou por ali dentro, como um furacão, e perguntou por si.

- Que foi que Bertha lhe respondeu?

: - Que você saíra, para tirar o carro defronte de uma bomba de incêndio e que voltaria, dentro de pouco tempo.

Enquanto falava, Elsie ia arrumando a casa.

-E que mais? - perguntei.

- O tenente chamou mentirosa a Bertha, saiu e, momentos depois, voltou mais manso. Encontrou o carro da agência, efectivamente, em frente de uma bomba, mas não se mostrou muito satisfeito. Como o seu chapéu, Lam, estivesse no cabide de entrada, decidiu esperar.

- Fez-lhe perguntas a *si*, Elsie?

- Sim. Queria saber se eu sabia aonde tinha ido.

Disse-lhe que você tinha saído, sem me dizer, sequer,

bom dia. Então começou a mostrar-se muito amável e a

fazer-me olhos bonitos.

- Que mais lhe disse ele?

- Que eu era uma moça encantadora e que gostaria

de falar comigo, noutra altura, em melhores circunstâncias.

Perguntou-me, até, o que eu costumava fazer nos

dias de folga.

- Resumindo, começou a fazer-lhe a corte comentei.

- *E* propôs-se continuar.

- E você?

- Dei gaita ao papagaio. Retribui-lhe os olhos-bonitos

e confessei-lhe que fazia uma ideia muito diferente dos

oficiais da polícia, julgando que todos eles
eram uns

415

brutos e não uns cavalheiros tão simpáticos, como ele se mostrava.

Fui atrás de Elsie para a cozinha e ela intimou:

- Não olhe para toda esta porcaria. Levante-me

tarde e não pude lavar a loiça do pequeno-almoço, quando

não, chegaria tarde à agência. Sabe como Bertha é.

- Deixe-me ajudá-la - propus.

- Não se meta nisto. Ainda me parte qualquer coisa

e não tenho dinheiro para comprar coisas novas.

Momentos depois, voltámos ao quarto.

- Tem alguma coisa que se beba? - convidei-me.

- Devo ter ainda um restinho de *whisky* - anunciou.

- Tem fome?

- Hum, hum! - confirmei. - Também tenho aqui algum dinheiro. É pena que não possa sair. Elsie pegou no telefone e, momentos depois, encomendava uma garrafa de *cocktails Manhattans* e outra de *whisky House of Lords*. Desligou e perguntou-me:

-, -Aonde é que vai dormir?

- Eis uma pergunta interessante! Como só vejo uma cama, parece-me a resposta evidente.

- - Nem pense nisso - respondeu Elsie rindo. Nunca misturo serviço com prazeres; e a propósito de

. serviço: onde pôs as jóias?

; - Na sua escrivaninha.

- Bonito. E se a polícia aparece por aí?

- Devem andar às aranhas. Deixei o carro estacionado em frente da tal bomba de incêndio e devem calcular

que, se me arrisco à multa, é porque tive urgência

de tratar de qualquer coisa nessas bandas.

- Que se passou, realmente, com as jóias? sondou.

- Prefiro não lho dizer. Se a polícia a interrogar...

- Não digo nada - prometeu.

- Pois sim, mas se o souber e ocultar uma informação

dessa natureza às autoridades, torna-se cúmplice

416

do crime **que eu tenha** praticado. Não quero metê-la em assados.

- Acha possível que eles venham cá, não acha?

- Se isso acontecer, responda-lhes que bati à porta, para ditar-lhe umas cartas e que, entretanto, você resolveu ser uma amável anfitriã e serviu-me uma bebida.

Que mal eu ditasse as cartas, me iria embora. Dessa maneira, não terá de prestar-lhes mais explicações.

Ouviu-se a campainha da porta tocar duas vezes.

- São as coisas - anunciou Elsie. - Dê cá o dinheiro.

Passei-lhe para a mão uma nota de dez dólares e, instantes depois, ouvi-a dizer: «Olá, Eddie. Quanto é?»

Tilintaram as moedas do troco e Eddie despediu-se:

«Muito obrigado, Miss Brand.»

Elsie voltou com dois pacotes e declarou:

- Seis dólares e vinte centimes, incluindo o imposto.

Suponho, agora, que terei de ser a mártir que irá para a cozinha.

- Estou a ver que o mártir vou ser eu, se deglutir

os seus cozinhados. Há peru?

- Como é dia de festa - retorquiu ela -, sugiro

uma lata de feijões. Para mim serve, à falta de melhor.

- Para mim, também.

- Estenda esse copo - indicou, com a garrafa de *cocktails* na mão.

- Quer *Manhattans*, ou prefere outra marca?

- Outra - escolhi.

- Aí tem *Manhattans*. Como vê, cá em casa não nos

falta nada. Gosta de caviar?

- Estou um pouco enjoado, pois como disso todas

as manhãs, às colheradas. Não tem pasta de *foi-gras*

com alcaparras? Gosto imenso!

- Está bem. Arranjo-lhe uma salada, para acompanhar

os feijões de lata e um pouco de pão escuro. Tem

estado dentro de uma lata, há mais de uma semana,

27 - VAMP. G. 7

417

mas metemo-lo em água a ferver e fica macio como uma esponja de borracha.

- Oiça Elsie. Tenho aqui muito mais dinheiro, pois

trouxe a carteira comigo.

- É por sua conta, ou por conta da agência?

- Da agência.

- Fino.

Pôs o chapéu. Encaminhou-se para a porta e perguntou:

- Como vão a correr as coisas com essa companhia

de seguros? A Bertha mostrou-se optimista.

- Creio que descobri maneira de arrancarmos umas massas chorudas a Mrs. Devarest, dos quarenta mil que tenciono sacar à companhia.

- Nesse caso, não tenho remorsos de jantar à custa

da agência. Como conseguiu vencer a resistência dos

seguros? - interessou-se.

Contei-lhe, por alto, a história da porta da garagem.

- Bem, vou ao supermercado e já volto.

Vinte minutos depois, regressava com vários embrulhos.

- Afie esses dentes - aconselhou. - Vamos comer

feijões de lata, com salada e pão duro e...
um enorme
bife de dois dedos de altura, batatinhas,
espargos, pão
branquinho, do tipo francês, manteiguinha,
e dois grandes
pudins de chocolate.

- Não demore - gemi. - Isso é uma tortura!
Posso
ajudá-la?

- A comer, sim... Se quiser, autorizo-o a
pôr a
mesa. Os pratos estão nesse armário e os
talheres, na
gaveta.

Momentos depois, o aroma do bife na
grelha aguçava-me
a gula. Foi então que o telefone tocou.

- Atende, Donald?

-É melhor ser você - sugeri. , ;

418

Elsie saiu da cozinha a limpar as mãos a uma toalha

e pegou no auscultador.

- Oh, meu Deus! - exclamou, pondo a mão no bocal.

- Bertha vem aí. A empregada lá de baixo disse que está agora a entrar no elevador.

- Que venha - concedi. - Ela come pouco e há comida, à vontade, para três.

- Não, Donald. Nunca mais se calaria. Pensaria que sou uma... uma... Meta-se naquele armário, Donald. Deixe-se estar quieto que eu despacho-a num momento.

Hesitei.

- Depressa, Donald - insistiu Elsie. - Suplico-lho.

Não me arranje...

A campainha da porta interrompeu-a.

Enfiei-me no armário, enquanto Elsie atendia à porta.

- Quem é?

- Sou eu, Bertha.

Ouvi a porta abrir-se e fechar-se; depois, Bertha,

fungar e inquirir:

- Está a cozinhar, Elsie?

- A grelhar um bife.

- Não se interrompa, querida. Vou consigo para a

cozinha e podemos conversar mesmo aí.

- Não, Mrs. Cool - recusou Elsie, rindo. -

Tenho a

cozinha toda suja e é muito pequena. O bife está quase

pronto. Porque não se senta e fuma um cigarro? Talvez

pudéssemos falar noutra altura. Quer que vá consigo a

algum lado? Posso apagar o lume e deixar isto para mais

tarde...

Havia montanhas de esperança na voz de Elsie.

- Está a cheirar mesmo bem, Elsie e, sabe, estou cheia de fome. Por causa desse diabo do Donald, ainda não jantei. Que é isto que está sobre a mesa?

--É um *Manhattan*...

- Ora não querem lá ver! Nunca quer *cocktails*, lá

419

fora, mas bebe-os em casa! Esta vida é uma surpresa,

Elsie!

- É muito raro prová-los, mas hoje, não sei porquê, apeteceu-me...

- Por que motivo a mesa está com tantos talheres

e sem pratos? Não os usa?

- Uso, sim, Mrs. Cool, mas estive a limpá-los e só

guardei os pratos.

Sentia-me moribundo de fome, com ânsias de enfiar

uma faca na barriga de uma sócia importuna. Não me

atrevia a mover-me, com medo que o armário estalasse

ou rangesse. Depois, não sei onde, devia haver naftalina

e o cheiro acre invadira-me as narinas. Era um bem, pois

não cheirava o bife.

Ouvia o ruído de pratos e de talheres. Bertha devia estar a colocá-los no seu lugar. Eu só almoçara uma sanduíche e uma cerveja. Sentia um enorme vazio no estômago, que ainda aumentou quando o aroma do bife venceu o odor da naftalina.

- Macacos me mordam! - exclamou Bertha.

- Que foi, Mrs. Cool - inquiriu a voz de Elsie, já na sala de estar.

- Você ia comer, sozinha, um bife desse tamanho?

- Todo, não - explicou Elsie, apressadamente.

Amanhã, aproveitava uma parte da carne para guisar, com batatas, ao almoço; e picava o resto para os croquetes do jantar. Fica melhor assim, do que deixar a carne

congelada no frigorífico. Além disso, não tenho a maçada de ir tantas vezes às compras, se fosse buscar carne, todos os dias.

- Mesmo assim - comentou Bertha -, não deve comer tanta batata, à noite. Porque alourou tantas?

- Já as tinha descascadas e meti-as ao forno, quando me disse que não tinha jantado, Mrs. Cool.

- Veja lá se adocece, como me aconteceu, por ser glutona. Agora, como pouco e sinto-me muito melhor.

420

- Sim, tem muito bom aspecto... mas está *preocupada*, não?

- Ando à procura de Donald. Não veio cá?

- Oh, Mrs. Cool! Por que razão havia ele de vir a minha casa?

- Tenho de encontrá-lo, antes de a polícia dar com ele.

-Que aconteceu?

- Meteu a agência num sarilho dos diabos. Querem tirar-nos a licença.

- Lamento imenso, Mrs. Cool - comentou Elsie.

Ouvi o ruído de cadeiras que se arrastam e, em

seguida, o angustiante tilintar de talheres. Sentia uma

terrível dor de dentes, não na boca, mas em todas as articulações.

Com imensa cautela, desloquei um dos pés, um

centímetro. Depois, fiz o mesmo ao outro. Sempre obtive algum alívio, mas não no estômago. A conversa lá fora, piorou-me.

- Maravilhoso! elogiou Bertha. - Onde descobriu esta carne?

- Muito longe daqui. Por isso é que a compro, para dois dias. Quer espargos?

- Deliciosos! - gabou Bertha, com a boca cheia.

- Vai um pouco de salada?

- Por favor, sim - aceitou Bertha -, e com muitas

batatinhas. Estão estupendas. Sabe, Elsie? Cozinha muito

bem. Dê-me mais uma fatia desse pão francês, sim? Você

deve gastar todo o seu ordenado, em comida, sua gulosa!

Com manteiga, dos dois lados, se faz favor. Assim mesmo.

Ótimo!

Elsie interrompeu, subitamente, uma gargalhadinha.

Alguém batia à porta.

- Quem será? - inquiriu Bertha. .

- Não sei - confessou Elsie e, numa rápida inspiração,

sugeriu: Será Donald?

- Talvez - admitiu a minha sócia, esperançada.

421

; Elsie foi à porta e perguntou:

- Quem é? Donald?

- Não interessa quem é. Abra! -
responderam do
outro lado.

Reconheci a voz. Era a do tenente Lisman.

Elsie Brand

abriu.

- Macacos me mordam! - exclamou Bertha.

Ouvi Lisman rir e dizer:

- Foi o cabo dos trabalhos segui-la até aqui,
Mrs.

Cool, mas sabíamos que andaria à procura
de Donald.

Onde está ele?

- Como diabo quer que eu saiba?

Lisman riu céptica e indelicadamente.

- Mrs. Cool veio cá, perguntar-me por ele -
explicou

Elsie.

-E «ficou para jantar»-disse Lisman.

- Sim, convidei-a.

- Quantas vezes tem Mrs. Cool vindo ao seu
apartamento,

nos últimos dois anos?

- Bem, não sei. Não costumo contar as vezes que

as pessoas me visitam.

- Já cá tinha estado, antes?

- Que importância tem isso? - interveio Bertha.

- Estou cá, agora.

- Exactamente. Veio cá hoje - disse Lisman

Onde foi que esconderam Donald Lam, quando bati à porta?

Bertha riu e troçou:

- Que grande gorila você me saiu! Pensa que Donald

ouviu-o bater à porta e foi meter-se debaixo da cama?

Disparate! Você raciocina como um «chui» de uma comédia de Keystone.

O tom de voz de Lisman mudou para afável:

- Bem, garotas, não interrompam o
banquete, por
minha causa. Também ainda não jantei.
Suponham que
faço tréguas, até terminarmos.

422

- Até acabarmos o quê? - estranhou Elsie.

- A sobremesa - esclareceu Lisman. - Fê-la, não

fez, querida?

- Sim, pudim de chocolate, mas só há dois.

- Não tem importância. Há-de chegar para três.

Você é decerto uma boa cozinheira. Isso tem um magnífico

aspecto e cheira divinamente! Sabe que adoro bife,

minha linda? Esse é o mais belo que vi em dois anos de domingos.

- Porquê domingos? - inquiriu Bertha.

- Nos dias de semana, só tenho tempo para comer

sanduíches e «cachorros». Corte-me um pedaço dessa

esplendorosa alcatra... da parte do osso, sim? É do que

eu gosto mais, minha flor.

Ouvia o ruído da faca, rapando o prato.

Aquilo acabou

por exceder-me as medidas. Abri a porta do armário e
intervim:

- Não dê a esse «pés chatos» toda essa carne. Afinal de contas, *também* faço parte dos convidados.

CAPÍTULO 16

O tenente Lisman empurrou o prato para trás, olhou

; para ele languidamente, durante uns momentos, levou

mais um pedaço de carne à boca, mastigou-o e acabou

por declarar:

-Suspenderam-se as tréguas.

Bertha Cool acendeu um cigarro, fitou-o bem nos

olhos e disse:

- Estou-me nas tintas para aquilo que você quiser

fazer do Donald, mas há uma coisa que quero que lhe

; entre na pinha. *Eu* não sabia que ele estava cá.

Lisman riu e elogiou:

-É uma tirada maravilhosa, Mrs. Cool, mas não sei

de que possa servir-lhe. Falei com o capitão Garver e

423

disse-lhe que julgava conseguir descobrir Lam, se me pusesse a segui-la. Vi-me aflito para encontrar-lhe o rasto e encontrei-o também a ele. Como quer que vá agora ter com o capitão Garver e lhe diga que o facto não passou de mera coincidência?

Bertha Cool soprou uma baforada de fumo que soou:

«Raios!»

Elsie Brand justificou:

- Realmente, ela não sabia que Donald Lam estava cá. Palavra!

Lisman olhou para ela, com uma expressão afável,

como indicando que fazia planos para uma futura e mais

estreita aproximação, quando o tempo lho permitisse.

- No que lhe diz respeito, minha flor, o melhor

que tem a fazer é sentar-se ali, num cantinho, e manter o bico calado. ,;

- Não vejo porquê - protestou Elsie.

- Porquê *você* sabia que ele estava cá.

A moça hesitou e Bertha bateu com a palma da mão na mesa.

- Sei o que Donald estava aqui a fazer - esclareceu.

- Está apaixonado por Elsie. Geralmente, é o contrário.

São essas parvas que se lhe abrem, babadinhas de todo.

Desta vez, foi ele quem se aparvalhou. Deixou a sociedade

na agência e a primeira coisa que fez foi aumentar o

salário da sua mais-que-tudo!

- Que bonito! - motejou Lisman.

- Não acha? - disse Bertha sarcasticamente: Elsie levantou-se da mesa e declarou:

- Bem, agora oiçam lá: meteram-se-me em casa, sem

que alguém os tivesse chamado,
comeram-me o
jantar, sem que eu os tivesse convidado, e
agora põem-se
a inventar coisas a meu respeito. Pois
bem, não me
importo de cozinhar, nem que digam as
tolices que se
vos aninharam nas cabeças, mas há
uma coisa que
detesto. É lavar pratos! Não pensem que
vão pôr-se a

andar, daqui para fora, de papinho cheio, e me deixam

sozinha, na cozinha, a servir-lhes de criada-para-todo-o-serviço.

Mrs. Cool, como é uma mulher-de-armas, vai ajudar-me

a lavar a loiça. O tenente, como comeu de mais.

fica aí sentadinho a fumar e Donald, que não pode com

uma gata pelo rabo, depois de ter estado encaixotado, vai

limpar a mesa e trazer-me toda essa tralha para a cozinha.

- Que descaramento é esse? - protestou Bertha

indignadamente. - Você, sua jovem, esquece-se de que

trabalha para mim, ou deu-lhe volta ao miolo catrapiscar

o meu sócio?

- Não me esqueci de que trabalho para si, mas

também não me passou despercebido que se convidou para jantar. Daqui a pouco, vai ajudar-me a lavar tudo isso.

Virou-se para mim e ordenou:

- Donald, toca a juntar esses pratos e traga-mos para a cozinha.

Comecei pela travessa e dois copos e fui atrás dela.

Lisman levantou-se e foi postar-se à porta da cozinha.

Deu uma vista de olhos e perguntou:

- Tem uma chave da porta das traseiras?
- Sim - retorquiu Elsie. - Se tem boa vista, pode vê-la daí.

Lisman atravessou a cozinha, deu a volta à chave e meteu-a na algibeira.

- Ficou alguma comida que me vai dar para almoçar, amanhã. Vou pô-la no frigorífico. O tenente podia ajudar-me,

se lhe não caem os galões - propôs Elsie.

- *Okay* - anuiu Lisman, voltando à sala de estar.

Em surdina. Elsie disse-me rapidamente:

- O elevador do lixo, por debaixo do lavatório. Creio

que consegue passar por ele. Escape-se, enquanto vou

ter com o tenente.

Ainda Elsie não tinha deixado a cozinha, já eu me

enfiava pela portinhola do elevador. Ouvi ainda o ruído

de pratos na sala ao lado, fiz-me o mais pequeno que

425

pude e carreguei no botão exterior, de descida. Recolhi o braço, apressadamente, não fosse ficar-me entalado, e pareceu-me um tempo interminável, até chegar à base.

Rastejei daquela gaiola para fora, desenrolei-me, friccionando as articulações ancilosadas e raspei-me pela porta de serviço.

Pensava no berreiro que Lisman faria quando desse pela minha evasão. Em menos de um minuto, tê-lo-ia, de novo, à perna.

Bertha Cool estacionara o *carro a dez* metros da porta da frente. Estava fechado, mas eu tinha também a chave, tanto das portas, como da ignição. Ao pegar nela, vi a outra, ao lado: a do porta-bagagens. Abri-o, afastei as

ferramentas para o lado e enfiei-me nele.
Era o dia de
andar entalado.

Assentei a cabeça no lado interno do
guarda-lamas,
tinha o ombro esquerdo de encontro à
blindagem posterior
do banco traseiro e os joelhos e o ombro
direito,
junto à porta abaulada. Esperei. Cinco
minutos depois,
ainda não acontecera nada, a não ser doer-
me todo o
corpo. Sentia ferros espetados em todos os
sentidos.

Convenci-me de que, se aquilo levasse
meia hora, morria
ali dentro.

Então, ouvi vozes: a do homem era
zangada e rouca;
a de Bertha, indignada.

- Nem pense nisso! - dizia ela.

Quando estavam mais perto, o tenente
Lisman declarou:

- Eu disse-lhe, a si, Mrs. Cool, que ele ia ser preso.

Vai ver como é uma coisa muito séria fugir-se, quando se

está sob ordem de prisão, e a senhora também vai ver

como elas mordem, por ter ajudado um preso a fugir.

- Bolas. - exclamou Bertha. - Já estou farta de

ouvir disparates. Como diabo o ajudei a fugir, se estive

sempre sentada na sala? ,;,

Lisman pensou um pedaço naquilo e observou:

426

- Vai ser um bocado difícil convencer um júri de que o fez, mas *sinto* que o fez.

- Oiça, queridinho - retorquiu-lhe Bertha.

- Estou-me

nas tintas para o que sente, ou deixa de sentir.

A única coisa que me interessa é o que os doze jurados de um tribunal possam pensar.

- Está bem, mas posso entalar a sua secretária. Não tenho a menor dúvida de que *ela* o ajudou a fugir.

- A fugir de quê?

- De mim.

- E que diabo é você?

- Dá-se o caso de representar a Autoridade.

- Mas não o declarou - observou Bertha.

- Que quer dizer com isso?

- Você *não* lhe deu ordem de prisão.

- De que diabo está a falar?

- Estou a dizer-lhe - sentenciou Bertha - que você entrou por ali dentro, impando de orgulho e de soberba inteligência, antegozando o seu triunfo. Anunciou que ia jantar e apenas declarou que ia dar-nos umas tréguas, enquanto enchia o papo. Donald saiu do roupeiro, você disse que as tréguas tinham sido suspensas, mas continuou a mastigar. *E* a verdade é que nunca lhe deu voz ; de prisão.

- Ele sabia muito bem o que eu ia ali fazer - argumentou Lisman, com menos segurança na voz.

- Bolas! -quase gritou Bertha. - Ninguém lho disse e ele não é obrigado a adivinhar-lhe os pensamentos.

Nunca estudei leis, mas o Donald formou-se em Direito, embora tivesse deixado de exercer advocacia. Sabe de ginjeira os seus direitos de cidadão. De resto, qualquer pessoa adulta, que veja filmes policiais, está farta de saber que só se pode prender alguém agarrando-a, ou dando-lhe ordem verbal de prisão... com o formulário legal, ou não e, nesse caso, a detenção é ilegal. Para se cumprir a lei, a Autoridade, que você disse dar-se o

caso de representar, tem de declarar que o prende e qual o crime de que é acusado, se quer evitar que ele fuja *com a lei do seu lado.*

- Bem, eu dei-lhe claramente a entender, pela maneira como actuei, que não queria que se escapasse.

Bertha riu-se e disse-lhe:

-Você é um tanso! Ponha o assunto nesse pé e qualquer advogado criminal desfá-lo em pedaços, na frente de um júri. Basta que descrevam a maneira como você desempenhou as suas funções de oficial da polícia. Os jornais, então, vão fazer de si a «anedota mais premiada do ano». Um «chui» galonado, mas cheio de fome, não resiste à tentação de encher a pança, declara que vai

fazer umas tréguas, até acabar de enfartar-se, e deixa o tipo que queria prender escapar-se-lhe da mesa, enquanto palitava os dentes. Até se esqueceu de dizer-lhe ao que ia, conforme o prescreve a lei.

- Mas eu até tirei a chave da porta das traseiras lembrou Lisman.

- E devolveu-a?

- Bem, esqueci-me - disse Lisman, quase a desculpar-se.

- Então passe-a para cá. Não há lei alguma que o autorize a andar com chaves de apartamentos de meninas solteiras, para fins dúbios.

Lisman não respondeu e Bertha prosseguiu:

- Está a ver a figura que iria fazer num tribunal?

O advogado desfazia-o em estilhas: «Depois de empanturrar-se,

o tenente Lisman, que nem sequer fora
convidado
a sentar-se à mesa, pôs-se a fazer olhos de
carneiro
mal morto para a secretária do homem que
tencionava
prender, não chegando a fazê-lo porque a
sua preocupação
foi abusar da autoridade de que estava
investido,
para sacar uma chave da porta das
traseiras da jovem
funcionária. Tão suspeitos eram os seus
pensamentos
que...

428

-Oh! Mrs. Cool - protestou Lisman.
- «... que até se esqueceu de dizer ao
patrão da beldade
que se achava sob prisão, *et cetera* e tal.»
E atreve-se
a dizer-me que vai cair-me em cima, com
uma acusação

de cumplicidade! Essa é boa! Se o advogado não despejar tudo aquilo em Tribunal, despejo-o eu, pois então? Agora, fique-se por aí, um bocadinho, a pensar nisso.

Ouvi a porta do carro abrir-se, todo ele inclinar-se para o lado esquerdo e as molas do assento da frente rangerem. De Lisman, nem uma palavra. O motor de arranque tossiu e arrancou. O tenente Lisman ainda arriscou um «Mrs. Cool...», mas desistiu e deve ter ido para casa.

Agüentei o suplício dos solavancos, curvas e travagens, até que Bertha abrandou e parou aquela câmara de tortura.

Ouvi então Bertha monologar, em voz baixa:

- Macacos me mordam. Ninguém me convence que

aquele diabo foi lá, pela primeira vez!

- E é que fui mesmo - respondi.

- Você é um mentiroso - respondeu Bertha.

Imediatamente, caiu em si e perguntou:

- Onde raio se meteu?

Não respondi, não fosse ir a passar qualquer peão

indiscreto. Esperei que Bertha o adivinhasse. Senti-a sair

do carro e ouvi-lhe os passos aproximarem-se. Outros

passos soaram, em sentido contrário, e afastaram-se.

Então Bertha abriu o porta-bagagens e, enquanto saltei

para fora, meio morto, ela proferiu:

- O seu atrevimento... seu ratinho!

Nem consegui sorrir-lhe, tais eram as câibras que

me mordiam os músculos. Bertha tornou a sentar-se ao

volante e eu, a seu lado, já com mais vontade de dormir do que comer.

- Para onde vamos? - interrogou, mal-humorada.

429

- Para o apartamento de Corbin Harmley. Se tivermos sorte, talvez o apanhemos em casa. Se não tivermos, torna-se necessário inventar um pretexto para entrarmos.

- Isso é o que você pensa, Donald. Não quero ir consigo a lado algum.

- A direcção é: *Albatross Apartmens*.

- Nem que fosse a Casa Branca. Se quiser lá ir, vá sozinho.

- Não temos tempo a perder - avisei.

- Muito bem. Você fica com o carro e eu vou de táxi, para casa.

- Se ele falar comigo sozinho - expliquei, será

a sua palavra contra a minha e não terá o menor valor

legal. Preciso de si, como testemunha.

- Você está sempre a meter-me em sarilhos acusou.

- Ainda me faz perder o meu ganha-pão.
- Com imensa manteiga, «dos dois lados».
E a manteiga,
sou eu quem lha arranja.
Só parámos à porta dos *Albatross
Apartments e*,
durante todo o resto do trajecto, Bertha
Cool não proferiu
uma única palavra.

CAPÍTULO 17

O *Albatross* era um local luxuoso, com um
porteiro
que mais parecia um marechal-de-campo,
cheio de coisas
doiradas; mandaretas espertos com o
nome «Albatross»
no colarinho e um albatroz bordado na
jaqueta, sobre o
coração. O recepcionista, de porte altivo e
pedante, fitou-nos
sob uma floresta de sobrancelhas e quis
saber quem
éramos, quando lhe dissemos desejar falar
com Corbin

Harmley. Fizemos-lhe a vontade. O homem estava no quarto. Através do telefone da recepção, o funcionário anunciou:

- Mrs. Coll e Mr. Lam.

430

Pela expressão do recepcionista, compreendi que Harmley hesitava.

- Muito bem, Mr. Harmley - disse ele para o bocal.

Depois, virando-se para nós, informou:

- Mr. Harmley diz que ia sair agora mesmo, para

um encontro muito importante, mas pode conceder-vos alguns minutos. O seu apartamento é o 621.

Encaminhámo-nos para os ascensores. Eram dois e recomendei a Bertha:

--Vá nesse elevador, até ao sexto, que eu sigo no

outro, não vá o tipo ter pressa de mais. Encontramo-nos

no patamar. Se o vir, demore-o até eu chegar lá acima.

Quando o meu desceu, não vinha Harmley algum lá

dentro, pelo que entrei, mais sossegado,
mas quando
lá cheguei acima e topei com Bertha à
minha espera,
tive um estranho pressentimento e, em vez
de continuar
a avançar para o lado direito do corredor,
onde ficava o
621, olhei para trás. Harmley vinha
apressadamente do
lado oposto, pelas nossas costas, em
direcção aos
ascensores.

- Olá Harmley - chamei.

Corbin fingiu que não me ouvia e estugou o
passo
para o ascensor de que tínhamos acabado
de sair, mas
não teve sorte, por dois fortes motivos:
primeiro, porque
a porta do elevador se fechou e, depois,
porque eu também
estugara o passo e presenteara-o com o
meu melhor

sorriso. Ele trazia o chapéu na mão, mas fiz de conta que não reparei.

- Ah! Está aí - rouquejou, fingindo não me ter visto, à primeira. - Ia... esperá-los. Quem é que traz consigo?

- Mrs. Cool.

- Ah, sim. Pois eu ia esperá-los, lá em baixo, ao

átrio. O recepcionista não lhes disse?

-Não. É melhor conversarmos no seu quarto sugeri.

431

«,,,, -Receio não ter tempo - objectou.
- São dois minutos, só... e para proveito *comum* aliciei.
- Bem, eu estou efectivamente muito atrasado, mas, se são dois minutos, talvez possamos adiantar o assunto aqui...
- No seu quarto é melhor - contrariei. - A minha informação é muito confidencial, sabe?
Levou-nos até ao seu apartamento, abriu a porta e afastou-se para dar entrada a Bertha. Como tivesse deixado a chave na porta, do lado de fora, e não tirasse a mão dela, fui terrivelmente delicado e recusei-me a entrar antes dele, segurando-lhe um cotovelo e impelindo-o, gentilmente, mas com firmeza, para o interior do aposento. Só então, tirou a chave.

- Tenho uma coisa a confessar-lhe -
prologuei,
mal o apanhei lá dentro, notoriamente
contrariado por
eu ter-me encostado à porta.

- Não sou, verdadeiramente, um amigo da
família

Devarest. Na realidade, sou detective
privado.

Harmley soltou uma gargalhada forçada e
disse:

- Julga que me está a dar uma grande
novidade?

Já o sabia, desde que o vi dissecar o
problema da porta

da garagem. De resto, tive logo a
confirmação, ao consultar

a lista telefónica: «B. Cool - Investigações
Confidenciais».

Informe-me, depois, que Donald Lam era o
braço

direito da empresa.

- Sócio - corriji.

- Ah, foi promovido? Parabéns... para ambos.

Falava suavemente, muito senhor da situação.

- Na minha capacidade de detective - informei,

fiz uma investigação completa.

- É natural. Para isso é que lhe pagam - comentou,

com uma leve intonação de troça.

- No decurso dessa investigação - prossegui -,

fui ao Departamento de Registos de Testamentos do Tri-

432

bunal e recolhi certos elementos, com base nos quais fiz um telefonema. Perguntei se uma pessoa, com a sua sinalética, teria, por acaso, pedido dinheiro emprestado a um médico, falecido poucos meses depois desse empréstimo; se teria ido para a América do Sul e regressado no dia imediato àquele óbito. Quer que lhe indique nomes, moradas e números de telefone, ou este primeiro exemplo já chega.

A segurança que Harmley demonstrara, até então,

desvanecia-se como fumo, no ar.

-Então? - incitei.

- O melhor é sentarmo-nos - propôs ele.

Bertha avançou até um canto do aposento e escolheu

o sofá que lhe pareceu mais confortável.

Deve ter acertado,

pois tem olho para isso. Eu mantive a minha posição, escolhendo uma cadeira, junto da porta. Depois de sentar-se, Harmley inquiriu:

- Afinal que pretende de mim?

- Quero que me relate claramente os factos. Posso obtê-los, rapidamente, comunicando com a polícia, mas talvez possamos obter melhores resultados, tratando, directamente, um com o outro.

- Você disfarçou-se tão pouco que nada me custou descobrir tudo a seu respeito. E embora agora me pareça idiota, a verdade é que nunca me passou pela cabeça que você fizesse o mesmo a *meu* respeito.

- O azar foi seu! - comentei.

- O meu lema foi sempre «viver e deixar viver».

- É um bom lema - concordei.

- Que posso fazer, para ser-lhe agradável?
-Dar-me todos os pormenores do seu jogo,
para
eu decidir como vou proceder - sugeri.
- Se já sabe tudo isso a meu respeito,
pouco resta
para contar. Walter Croy ter-me-ia traído
em qualquer
altura e eu avisei-o. Realmente, fui um
pouco descuidado.
Gostava que visse o caso do meu ponto de
vista. Afinal

28 - VAMP. G. 7
433

de contas, o que fiz, não **foi assim tão** mau, como pode parecer à primeira vista.

Meteu as mãos nas algibeiras e guardou alguns momentos

de meditativo silêncio. Depois, continuou:

- Tive um irmão que era capaz de vender fosse o

que fosse a qualquer pessoa. Enganava os professores,

enganava a mãe, enganava toda a gente.

Procurei imitá-lo.

Não tinha mau aspecto e sabia-me atraente na opinião

das mulheres.

Bertha Cool, neste ponto, agitou-se na cadeira e

abriu a boca, mas apressei-me a fazer-lhe um sinal para

que não interviesse. Harmley prosseguiu:

- Um dia saí de casa e encontrei uma dama da alta

que demonstrou ter pena de mim. Era casada e tão velha

como o seu marido. Decidiu proteger-me, deu-me dinheiro, vestiu-me e, de um dia para o outro, resolveu mandar educar-me. Tive de grammar lições disto e daquilo e Deus sabe que eu gostava da velha. Nunca tivera filhos e eu tornei-me, ao mesmo tempo, seu filho e seu amante.

- Que lhe aconteceu? - interrogou Bertha, sem poder conter-se.

- O marido descobriu o que se passava e matou-a.

- Que fez você ao marido? - tornou Bertha a perguntar.

- Não lhe fiz nada - respondeu, olhando para as mãos - nem podia fazer-lho. Foi tão esperto, tão diabolicamente ardiloso, que arranjou as coisas de maneira que tanto ele, como eu, seríamos suspeitos. A mulher

morreu, quando estava nos meus braços.
- Veneno? - foi a minha vez de inquirir.
- Sim. Mas a polícia nunca o soube. Ela deixara-me algum dinheiro e, durante algum tempo, tive com que comer. Depois, bem... passei, alguns anos, a viver à custa de mulheres. Uma das minhas protegidas, Olive, apaixonou-se por mim e deu-me algumas lições, quanto à maneira como havia de agir nessa difícil profissão. Fui

bom aluno. Aprendi a conhecer um certo tipo de mulheres, bem instaladas na vida, cujos maridos ricos lhes davam quanto dinheiro tinham, para mantê-las interessadas nas suas pessoas. Mas, para ganharem o muito dinheiro que esfolavam, acabavam por dedicar-lhes pouco tempo da sua vida. Trabalhavam, trabalhavam e trabalhavam. Elas, por sua vez, divertiam-se. Dependiam de um homem que já nada mais lhes dava, a não ser dinheiro.

Bem, aproveitei-me disso. ,

Pigarreou para aclarar a voz. Bertha impacientou-se e inquiriu:

- E depois?

- Depois, descobri que as mulheres de meia-idade,

que começam a ver fugir-lhes os encantos da mocidade, se tornavam presa mais fácil, para um homem novo; mas passei a não estar tão interessado nelas... e a não ser tão novo.

Harmley olhou para mim e encolheu os ombros.

- Compreende, não? - consultou-me. - Tive de pensar noutro sistema, menos exaustivo. Um dia, ao ler as colunas da necrologia num jornal, veio-me a estupenda ideia...

- Tornou-se no homem de quem o falecido marido fora generoso amigo?

- Exactamente. Logo a seguir à notícia da morte do ricoço, escrevia uma carta à viúva, dizendo-lhe estar

imensamente grato pela generosidade que o defunto me demonstrara, emprestando-me uma soma de dinheiro... não muito, evidentemente.

- Duzentos e cinquenta dólares - precisei.

- Ah! Sabe isso?! Uma viúva não tem coragem de repelir um homem que lhe diz maravilhas do marido e que lhe vem pagar uma dívida que toda a gente ignorava e que lhe entrega, ainda por cima, os juros relativos ao prazo decorrido. Ganha-nos logo confiança. Isto pega, sobretudo se o marido tinha sido pessoa de situação proe-

435

minente. A primeira que abordei, ficava viúva de um médico. O expediente resultou e, bem, não resisti a trabalhar a classe das viúvas de cirurgiões de renome.

Nunca falhava.

- E que proveito tirava da liquidação dessa dívida

inexistente? - interessei-me, embora já soubesse parte da resposta.

- A pouco e pouco, fazia-lhes a corte, falava-lhes das minhas ausências forçadas na América do Sul e do muito dinheiro que podia ser ganho, em certo número de investimentos. Acabavam sempre por ser tentadas pela ambição e confiavam-me quantias consideráveis.

Durante um ano ou dois, ia-lhes dando rendimentos imaginários.

Entretanto, íamo-nos tornando mais íntimos, até sermos amantes. Depois, o «investimento» deixava de dar juro. A «empresa» da América do Sul falia e, se elas tinham perdido nisso algum dinheiro, eu ficara completamente arruinado. Cada um ficava com o seu prejuízo e a sua desilusão e, a pouco e pouco, qualquer mulher se desinteressava de um homem que nada lhe dá, nem mais nada lhe pede. O romance extinguiu-se, com a mesma lentidão com que começara. O «amor» transformava-se em amizade e esta acabava por definir em desinteresse. Aqui tem.

- E quanto à sua sociedade com Walter Croy? incitei.

- Esteve muito tempo ligado a ele?

- Um bom pedaço. Walter trabalhava num outro ramo do mesmo negócio. Associámo-nos, pois precisávamos sempre de certo capital inicial e, quando um não tinha que chegasse, entrava o outro com a massa. Andava a explorar uma doente viúva, que se tratava com o Dr. Devarest. Ocasionalmente conheceu a sobrinha de Colette, soube que era podre de rica e conseguiu atraí-la, emocionalmente. Tornou-se seu amante e acabou por casar com ela. Contudo, a dada altura, teve azar. A viúva, ao ser informada do seu casamento, ficou terrivelmente

despeitada. Estava realmente muito mal e escreveu uma carta, na qual relatou, em pormenor, o expediente de que Walter se servira para sacar-lhe a massa. Ao morrer, deixou esse autêntico relatório num envelope lacrado, para ser entregue ao Dr. Devarest.

- Que aconteceu, então?

- Nessa altura, Nadine Croy já estava farta das tentativas de Walter, para se apossar de toda a sua fortuna.

O advogado dela, Timkan, advertiu-a de que o procedimento do marido parecia realmente estranho, quanto às estranhas operações financeiras que executava.

- E onde entra, nisso, o Dr. Devarest?

- Bem, logo que a sua paciente morreu e lhe deixou

a carta, comprara um cofre, para guardar essa prova do expediente de Walter. Ao princípio, ocultou a coisa, para não magoar Nadine, nem causar escândalo familiar e social, mas. quando esta se rebelou, quanto ao procedimento do marido e este iniciou a sua chantagem com a custódia da filha, Selma, o Dr. Devarest deu-lhe a conhecer estar na posse do relato da viúva morta e Walter ficou tão quieto como uma lapa.

- Foi Walter quem roubou o documento do cofre?

- Não! - retorquiu Harmley, convictamente.

- Como o sabe?

- Tenho a certeza. Quando ouvir o resto da história,

compreenderá que não foi ele.

-Então, que aconteceu?

- Depois da morte do Dr. Devarest, Walter não sabia onde parava aquela prova acusatória. Primeiro pensou que seria Mrs. Devarest quem a teria em seu poder. Ora, Walter não pensava que Mrs. Devarest pudesse relacioná-lo comigo. Contudo, Nadine vira-me uma noite em que Walter me chamara para tratarmos de um certo assunto. Mas, da mesma maneira, Walter não admitiu a hipótese de Nadine poder recordar-se de mim. Por esse motivo, pediu-me que eu pusesse em prática, com Mrs.

Devarest, o truque do dinheiro emprestado pelo falecido marido.

- Para quê?

- Para que eu tentasse descobrir se era ela quem tinha o raio da carta.

- Porque pensava ele isso?

- Não podia imaginar quem mais tivesse aberto o cofre, a não ser ela. Como verificou, aquilo não é um cofre vulgar. É uma autêntica fortaleza.

- Portanto, Walter Croy estava absolutamente convencido de que fora Mrs. Devarest quem roubara o cofre?

- Não sei. Walter nunca me contou tudo quanto sabia. Em certas coisas, tem a mania de fazer «caixinha».

Contudo, sabia muito bem o que se passava lá por casa.

Começou por andar à roda da secretária de Mrs. Devarest,

Nollie Starr; pensou que o Dr. Devarest levava para o túmulo o segredo da viúva doente e decidiu tramar a rapariga, com a suspeita do roubo das jóias.

- Não pode trocar isso por miúdos? - pedi.

- Mrs. Devarest tinha ciúmes de Nollie e conhecia

o segredo do cofre. Tirou as jóias e foi escondê-las no

quarto da moça, para implicá-la. Esta andava, efectivamente,

a encontrar-se com o Dr. Devarest, fora de casa

e das horas do seu trabalho.

- Eram amantes?

- Não sei, mas Mrs. Devarest pensava que sim. Mal

soube do roubo, o Dr. Devarest compreendeu o jogo da

mulher e mandou Nollie para longe dali.

- E as jóias?

- O Dr. Devarest não precisou de pensar muito, para descobrir onde a mulher as tinha ocultado. Revistou o quarto de Nollie, encontrou-as e levou-as para um lado qualquer, de maneira que não pudessem atribuir à moça o roubo de que Colette pretendia acusá-la, como acusou.

Tencionava arranjar um expediente ardiloso, para fingir

438

tê-las recuperado e devolvê-las ao cofre...
Mas não viveu
o tempo suficiente, para levar o seu plano
avante.

- Porquê? - inquiri.

- *Você* deve sabê-lo, Donald - respondeu
com um
olhar significativo.

- Que quer dizer com isso?

- *Você* bem sabe! Digamos que morreu,
antes de
ter podido fazer fosse o que fosse.

- Quem foi que o matou? - interoguei
incisivamente.

Harmley limitou-se a encolher os ombros.

- E *você*, que fez? - insisti.

- Convenci-me de que Colette também não
tinha o

documento que tramava Walter. Ou talvez
já o tivesse

destruído. Informei Walter das minhas
conclusões e ele

começou novamente a pressionar Nadine,
com a demanda

judicial da tutela de Selma.

- Portanto, a sua missão acabara. Era tudo quanto

você tinha a fazer?

- Bem, era tudo quanto eu tinha a fazer, para *Walter*.

- Quer dizer que continuou a trabalhar, para *si*?

- Está visto. Colette estava a cair como um patinho

e convenci-me de que Nadine não conseguira reconhecer-me.

Só depois me apercebi de que ela se calava, mas

já desconfiava, ou já sabia que eu fora... ou ainda era...

amigo do marido. Tentei sondar que diabo é que ela lhe

contara, a meu respeito, mas você foi demasiado esperto

para mim. Veio-me com aquela história de que o

Dr. Devarest teria uma fotografia incriminativa e eu ajudei

à missa, sugerindo a possibilidade de tratar-se de um postal fotográfico, tirado na América, com um grupo de amigos. Pensei que você fosse parvo e, bem, chegou a altura de assentarmos num acordo e fazermos negócio.

Para já, no que me diz respeito, Walter está fora disto.

Tudo quanto você tem agora a fazer é manter essa boca calada e dividir, a meias, o bolo. . ,

439

- Que bolo? - inquiri, percebendo nitidamente onde ele queria chegar.

- O que já pus no forno e de que você quer uma talhada.

- Como sabe que quero uma talhada?

- Até me pinto de preto, se você não a quiser! satirizou.

- E quer fazer-me uma proposta?

- Escute. Lam. Sei muito bem o que você pretende...

e você sabe qual é o meu jogo. Dividimos a meias

o que vier a render.

Fingi pensar no assunto. Harmley insistiu:

- Veja, Lam. Colette quer que eu a aconselhe a fazer

investimentos rendosos e sei que a tenho no papo. É tão

seguro, como dinheiro no banco. Tratarei de tudo, de

maneira que seja absolutamente legal. Levá-la-ei a entregar-me

certas quantias e ninguém poderá jamais provar

que mas entregou. Portanto, ninguém poderá provar que

você recebeu metade desses investimentos. Poderá

ganhar mais dinheiro a colaborar comigo, numa semana,

do que a gerir uma agência de detectives, num ano. Talvez,

dez mil, para cada um.

Bertha agitou-se nervosamente no sofá, mas não

abriu a boca.

- Tenho de combinar isso com a minha sócia lembrei.

- Quando é que pode dar-me uma resposta?

- interessou-se,

com evidente impaciência.

- Amanhã, por todo o dia. E quanto a Walter?

- O diabo que o leve. Afinal de contas, o interesse

dele é outro. Não tem de entrar no nosso jogo, como não nos vamos intrometer com o que tem com Nadine.

Levantei-me e disse para Bertha:

- *Okay*, sócia. Já ouvi uma proposta.

Vamos discutir

este assunto, com calma, entre os dois.

Solícito, Harmley abriu-nos a porta.

440

- Pensem nisso - disse-nos ansioso. - Nunca terãõ outra oportunidade para caçarem dez, ou quinze mil. de uma assentada... tão facilmente e de forma tão perfeitamente legitimada.

- Vamos pensar na coisa - prometi, arrancando Bertha dali para fora por um braço.

- Não vejo por que razão ainda querem pensar comentou Harmley.

- Pois não - repliquei. - Vamos embora. Bertha,

: Já no corredor, Bertha lembrou:

- O tenente Lisman vai virar a cidade, de pernas para o ar, à sua procura. Você tem de resolver esta charada rapidamente, ou ainda vou parar ao hospital.

- Acaba de dar-me uma óptima ideia, Bertha animei-a.

- Qual foi?

-Um lugar onde Lisman nunca irá procurar-me.

- Onde? ,:.....,, ,

- NO hospital

- E como vai enfiar-se num hospital?

- Eis aí um pormenor que custa dinheiro - **observei.**

eu O rosto de Bertha entrou em contorção **espasmódica**

e protestou:

! - Você pensa que o dinheiro nasce nas árvores? ,

- Posso ficar consigo, se o prefere - sugeri, **pen-**

sadoramente.

Apressadamente, inquiriu:

-Quanto custa isso?

-Uns cem, ou cento e cinquenta dólares, aproximadamente.

Bertha aquiesceu, com um enterrar do queixo, no pescoço,

que mais parecia uma convulsão.

- Em dinheiro contado - especifiquei.

Parada no corredor, em frente dos ascensores.

Bertha abriu a bolsa, contou cento e cinquenta dólares, em notas, e espalmou-as na mão. ,, ;

441

CAPÍTULO 18

Foi o próprio Dr. Gelderfield quem me abriu a porta.

A sua expressão denunciava a contrariedade de alguém que fora perturbado no seu trabalho, mas quando me viu os seus olhos alegraram-se.

- Olá, Donald Lam, o poderoso lutador-ligeiro.

Queira entrar. É o dia de folga da minha criada e tenho de vir abrir a porta.

Depois de ter-me relatado as suas preocupações acerca da saúde de Mrs. Devarest e do perigo de morrer,

de um momento para o outro, afiançou-me que ela lhe pedira para prestar-me toda a colaboração possível.

Enquanto falávamos, foi à cozinha, durante alguns

segundos, para buscar gelo e voltou preparado a servir-me

uns *whiskies*; ele, infelizmente, bem gostava, mas

a sua úlcera não lhe permitia beber.

Gracejámos das

doenças dos médicos e, a dada altura, perguntei-lhe:

- Mrs. Devarest tem *realmente* necessidade de andar numa cadeira de rodas?

- Bem, não será uma necessidade absoluta, mas,

após o choque que sofreu, sempre lhe diminui a tensão

nervosa e poupa-lhe esforços ao coração. E há ainda

outras *razões*, que, por enquanto, me parecem importantes.

Como tivesse dado uma subtil ênfase à palavra

«razões», perguntei:

- Essas razões relacionam-se com a sua secretária,

Miss Starr? O facto de Mrs. Devarest ter-se convencido

de que haveria algo de demasiado íntimo entre essa

moça e seu marido, contribuiu para agravar a sua tensão

nervosa?

- Essa sua observação abriu-me as portas para

dizer-lhe o que, na verdade, queria que soubesse. O seu

ciúme tornou-se em verdadeiro ódio a Nollie Starr e foi

a verdadeira causa do estado em que se encontra.

- Bem - foi a minha vez de informar -, acho-me numa posição deveras peculiar. Tenho algo a comunicar à sua paciente e minha cliente e não sei como reagirá.

- Aconteceu alguma coisa fora do normal?

- Tudo o que se passou naquela casa, já não se poderia considerar normal - respondi -, mas agora, alastrou a outras paragens. Revistei a casa dessa rapariga, mas... devo contar-lhe as coisas, começando um pouco mais atrás. Exerci certa pressão sobre o motorista, Rufus Bayley, e descobri que era um cadastrado, Pedi-lhe que recuperasse as jóias e ele fê-lo. O espanto do Dr. Gelderfield estampou-se-lhe no rosto.

- Essa é de arromba! Onde estão elas? Já contou

isso a Mrs. Devarest?

- Não.

- Ainda bem. Teria um efeito pernicioso no seu

estado de nervos.

- Receio que, nesta altura, já alguém a tenha informado

admiti.

- Não creio. Se assim fosse, já me teria dito qualquer

coisa.

- Mas pode ter-se dado esse caso - equacionei.

Gerdelfield meditou no assunto, durante dois segundos,

e murmurou:

- É uma possibilidade a considerar.

- E agora - prosseguiu -, vou entrar na minha

confissão. Fui a casa de Miss Starr, como lhe disse, e

encontrei-a na cama.

- Coitada. Está doente? Eu tenho de ir amanhã ao hospital dos Estaleiros Navais, mas, se puder ser-lhe útil...

- Morta - interrompi.

- Meu Deus! E há quanto tempo tinha morrido, sabe?

- Poucos momentos antes. Foi estrangulada!

443

O rosto do médico exprimiu intensa surpresa. Eu continuei:

- Estrangularam-na com um cordão cor-de-rosa, de seda, apertado ao pescoço, com um espremedor de batata a servir de eixo de torniquete. O corpo estava ainda morno e pensei na hipótese de poder salvar-se, num Pulmotor, pelo que chamei os serviços de assistência urgente do Hospital Central. Contudo, sei que a polícia já anda à minha procura.

- Santo Deus! Mas se você tivesse sido o criminoso, não iria chamar os serviços de urgência hospitalares.

Isso prova a sua inocência - observou.

- Em princípio, sim, mas bem sabe como a polícia

é e o tempo que leva a esclarecer qualquer caso; e a verdade é que não me convém, neste momento, estar fora da circulação, como ela sempre procede. Quero está-lo, à minha maneira.

- Porquê?

- Estou à beira de resolver todo o mistério. É por isso que aqui vim.

O Dr. Gelderfield mostrou profunda curiosidade e inquiriu:

- Que quer que eu faça? Desde que não seja qualquer coisa atentatória à minha consciência e ética médica...

- Quero apenas que simule ter-me dado um sedativo.

Em seguida, que me interne num hospital, até eu

«acordar» de maneira que eu possa sair de lá, mal entre, sem ninguém dar por tal.

- Qual é a sua ideia, nisso tudo? - interessou-se.

- A arma do crime foi um cordão cor-de-rosa e um espremedor de batata. Aquele cordão era do tipo característico dos espartilhos das senhoras, com pontas de atacador, em plástico. Ora isto não é arma usada pôr homem.

- Que deduziu, a partir daí?

444

- Na noite da morte do Dr. Devarest fui ao quarto de Mrs. Devarest e notei que tinha um desses espartilhos, sobre uma cadeira. Tinha desses cordões cor-de-rosa.

- Ora, Donald - proferiu ele, com um gesto de mão que tornava a suspeita vã. - Isso que tem? Há centenas de senhoras que usam cintas desse tipo. Mrs. Devarest está fora de questão!

- Não afirmo o contrário, mas admito a hipótese de qualquer outra mulher poder ter-se servido de um desses cordões, para eliminar Nollie Starr. O tenente Lisman está a trabalhar no caso e não tem uma venda nos olhos.

Suponha, doutor, que verifica a falta de um espremedor

de batata na cozinha de Mrs. Devarest? Em que situação fica a sua paciente, mesmo que esteja, como ambos pensamos, inocente?

Gelderfield acendeu um cigarro e murmurou:

- Temos de impedir isso, de qualquer maneira.

- Pode consegui-lo, doutor? Poderá ter acesso a todos os cantos da casa?

Levantou-se e começou a andar de um lado para o

outro, nervosamente. Foi até à cozinha e ouvi-o mexer

num armário e, em seguida, encher um copo. Saiu da

cozinha, para subir as escadas, com o copo na mão e

voltou, pouco depois, com a sua maleta de médico.

- Vai tentar? - inquiri.

- Não será muito fácil, quanto ao espartilho; e

quanto ao espremedor, ainda será pior.

- Terá de agir, antes que a polícia comece a investigar.

-- Bem sei. Pensando melhor, a respeito do seu caso,

acho quase impraticável o que propõe, quanto ao hospital.

Vai ser-lhe difícil escapar à vigilância das enfermeiras.

Talvez fosse melhor você ficar num quarto de cá de

casa. Chamo uma enfermeira, para tomar aparentemente,

conta de si. Quando ela vier, diga-lhe que tem sono e

vá para esse quarto. Arranjo-lhe um no rés-do-chão. Fecha

a porta à chave e salta pela janela.

- Daqui a quanto tempo consegue que esteja cá

uma enfermeira?

- Dentro de vinte minutos.

Como o Dr. Gelderfield se encaminhasse para a

porta, sem telefonar, lembrei-o:

- Então não chama essa enfermeira?

- Prefiro ir pessoalmente ao posto de enfermagem

que fica a dez minutos daqui, no caminho para a casa

Devarest. Falarei com uma que conheço e já tem vindo

cá a casa prestar assistência a alguns dos meus doentes.

Verá como não demora.

Instantes depois, ouvi o seu carro afastar-se.

Servi-me de outro *whisky*, deitei-lhe um pouco de

soda e gelo e pus-me a meditar em tudo aquilo. A enfermeira era a minha desculpa, para não aparecer à polícia, é um óptimo álibi para aquilo que tencionava fazer, nas horas mais próximas. Receei, contudo, que Gelderfield não tivesse coragem de levar a cabo a sua missão e preferisse escangalhar tudo, telefonando a Mrs. Devarest, avisando-a do que se estava a passar. Senti uma ligeira tontura e notei que os meus olhos começavam a desfocar-se, quando tentei ver as horas. Então compreendi. Embati contra uma mesa, enquanto corria para as escadas, subi-as com supremo esforço. Ia a meio delas, quando o telefone tocou. Desci novamente,

com enervantes tonturas e atendi logo ao terceiro

toque. Era o Dr. Gelderfield, no seu tom de voz profissional.

- É você, Lam? A enfermeira já chegou?

- Ainda não.

- Bem. Por aqui, o caso já foi resolvido. A cinta já

levou sumiço e o esmagador de batata, ou outro igual, já

se encontra no seu lugar. Compreende?

- Siiim! – sussurrei.

446

- Que se passa Lam? ?Sente-se **bem?**-
^**interes-**

sou-se.

-Sim... creio que siiim! - arfei.

-Não bebeu *whisky* de mais?

-Não sei... Só... dois... cooos!

- Parece estar terrivelmente fatigado.

- Estou, siiim!

- Você tem-se esforçado de mais. Não se ponha a

beber demasiado. Ponha a garrafa de *whisky* no armário

e vá deitar-se. Dei à enfermeira a chave das traseiras

da casa. Vá descansar, onde lhe disse. Não beba mais,

Lam. Prometa-me.

- Siiim!

Gelderfield desligou. Sentia-me agora deveras atordado.

Tornei a levantar o auscultador e disquei um

número.

- Quartel-general da Polícia? Quero falar com Lisman.

Sim tenente Lisman - pedi, não precisando, agora,

de simular o meu estado de desfalecimento, como momentos antes, o exorbitara, ao falar com o médico.

- Lisman?

Daqui Lam. *Assassínio.*

- Daqui Lisman. Que quer você?

Concentrei quanta energia me restava, para informá-lo:

- Estou em casa do Dr. Gelderfield. Envenenei Mrs.

Devarest e envenenei o pai do Dr. Gelderfield.

O candeeiro que tinha em minha frente, começou a

rodopiar-me em frente dos olhos. Quis dizer mais qualquer

coisa a Lisman, mas a língua entaramelou-se e as

minhas faculdades mentais recusaram-se a ajudar-me.

Deixei cair o auscultador e já estava inconsciente, antes de o chão ter acabado de subir até mim. Nem senti a queda.

447

CAPÍTULO 19

Tive a noção de que vozes se aproximavam, provenientes de longa distância. Senti que várias mãos me

tocavam. O ruído de botas martelava-me os ouvidos.

Botas de polícias. Meio acordado, senti que alguém me

entreabria a boca. Um tubo de borracha entrou-me pela

garganta dentro. Tornei a adormecer.

De quando em quando, voltavam-me momentos de

consciência. Bocados de frases chegavam-me aos

ouvidos:

«... comprimam-lhe o estômago... nova hipodérmica...

cafeína... está a recuperar... confissão... poderá

falar agora?

Toalhas frias. A picada de uma injeção. Um líquido

quente penetrou-me na boca e desceu, aquecendo-me as

veias. As narinas comunicaram-me o cheiro de café. Uma

voz anunciou:

- Olhem. Já está a abrir os olhos.

As caras que me rodeavam pareciam distorcidas,

como que por um espelho curvo, envolto em nevoeiro.

Finalmente, ouvi alguém discutir, nitidamente:

- Não vai conseguir coisa alguma, antes destes

estimulantes fazerem efeito. Tem de deixá-lo descansar,

durante algum tempo. Chamá-lo-ei, quando ele puder falar coerentemente.

Tornei a adormecer. Depois, mais toalhas frias. Acordei e comecei a sentir-me bem.

Bertha Cool estava sentada à cabeceira da cama, fitando-me com os seus olhos brilhantes... zangados.

- Chegaram a tempo de salvar Mrs. Devarest? inquiri.

Os seus lábios estavam apertados com fúria. Mal se podia conter.

- Que raio de estupidez foi essa de fazer aquela confissão ao telefone?

448

- Era a única maneira de obrigar a polícia a chegar

lá, a tempo. Se tivesse acusado outra pessoa qualquer, viriam prender-me primeiro e seria tarde de mais para ela.

Tornei a fechar os olhos. Os estimulantes que me

tinham ministrado tornavam-me extremamente nervoso, vencendo o desejo de dormir.

- E o pai do Dr. Gelderfield? Conseguiram salvá-lo?

- Sim, graças à maneira como você, seu diabo, conduziu as coisas. Não podia ter feito pior - resmungou Bertha.

- Porquê? Resolvi o caso, não é verdade?

- Da maneira mais estúpida. Agora já não há hipótese de a companhia de seguros pagar seja o que for.

Já não se trata de morte por *meios acidentais*.

- Qual carapuça! - exclamei. -O Dr. Devarest foi assassinado. Ora o Supremo Tribunal sempre considerou, até hoje, que homicídio deve ser considerado morte por *meios acidentais*, visto não ter havido negligência ou vontade da vítima como causa da morte.

A raiva angustiosa dos olhos de Bertha deram lugar a verdadeiro regozijo. Inclinou-se para a frente e só lhe faltou dar saltos.

- Donald querido, você está certo disso?

- Sim.

- Amor do meu coração - exultou Bertha. - Você

é mesmo bestial! Faz as coisas mais espantosas... e mais inesperadas. Fique aí...

Virou-se e saiu.

Sucedeu um novo período de calma, após o qual o chapelinho branco de uma enfermeira penetrou na minha visão, por entre as pálpebras semicerradas. O seu rosto era atraente e a voz calmante.

- Como se sente?

- Como se tivesse ingerido vinte chávenas de café.

Voltou-me as costas, sorrindo por cima do ombro e

449. VAMP. e. 7 449

saiu, para voltar pouco depois, com um copo de água e um comprimido.

- Tome isto - indicou. - Não podemos deixar de estimulá-lo, não só para não recair em torpor, mas também porque a polícia quer falar consigo. É, portanto, natural que se sinta excitado.

- Onde estão os polícias?

- Não sei. O doutor disse que você não estava ainda em condições de ser interrogado. Devem andar por aí. impacientes, e...

Neste momento, alguém abriu a porta de roldão e eu tinha os nervos tão de ponta que dei um salto na cama.

Bertha avançou como um tanque de guerra e declarou:

- Aposto como os «chuis» já cá não vêm maçá-lo.

O Dr. Gelderfield foi-se abaixo e confessou. Fez uma confissão completa, num quarto aqui ao lado. O seu médico e a enfermeira serviram de testemunhas. Uma outra, que foi estenógrafa, registou tudo aquilo. Suponho, seu malandro, que já sabia a verdade, há muito tempo, não?

- Só o soube tarde de mais. Isso ia-me custando a vida. Mas não conte isso a ninguém. Não quero que saibam como fui anjinho. Tenho a mania de troçar da polícia, porque só vê indícios quando os tem debaixo do nariz e alheia-se daqueles que deviam estar presentes e primam pela ausência.

- Que quer dizer com isso?

- Que o Dr. Devarest fez uma chamada, na noite em que morreu, que não foi anotada no seu livrinho de apontamentos. De três pacientes que deveria ir ver, depois de contactá-los por telefone, só anotou duas visitas no bloco-notas.

- Porque pensou isso?

- Sabia que ele não devia ter sido morto na garagem.

- Que foi que lhe deu essa ideia?

450

- O Dr. Devarest não iria fechar a porta da garagem, com o motor a trabalhar. Com a minha experiência, provei que se fora o vento que a fechara, ele teria ouvido o estrondo e voltaria a abri-la, ou desistiria de arranjar

o motor, se por acaso estivesse a afiná-lo. Porém, o motorista dissera-me que o carro estava perfeitamente, embora não fosse ele que o reparasse ou limpasse. Quem pôs o contrapeso sobrecarregado com uma calha de metal, procurou insinuar a hipótese de um assassino que conhecesse a casa e todas as suas dependências, mas que já não lhes tivesse acesso. Nitidamente, procurava implicar Nollie Starr. Por outro lado, não tendo o Dr. Devarest qualquer equimose ou sinal de ter sido agredido, para perder os sentidos, não teria sido fácil obrigá-lo a respirar óxido de carbono do motor, contra sua vontade, durante tempo suficiente, com a porta fechada. O próprio

assassino só teria podido actuar com uma máscara.

Seria altamente improvável. Portanto, restou-me concluir

que o Dr. Devarest não trouxera o seu automóvel para a

garagem. Deveria ter sido conduzido nele, pelo assassino,

e já viria inconsciente, ou mesmo morto, pelo mesmo

gás tóxico de um motor de automóvel. E Nollie Starr, não

só não tinha automóvel, como dificilmente poderia ter

morto o médico, além de que não tinha motivo especial

para isso.

- Não entendi muito bem essa história do livro de

apontamentos do Dr. Devarest - confessou Bertha.

- Era simples mas passou-me despercebido. O Dr.

Devarest anotava as visitas que tinha de fazer aos seus clientes, não só para não se esquecer delas, antes de ir vê-los, mas também para poder depois debitar-lhes os seus honorários. Contudo, se tivesse de tratar alguém a quem estivesse ligado por especial amizade, a quem não levasse dinheiro algum pela consulta e a quem tivesse telefonado imediatamente antes, não iria registar essa visita. Ora, o pai do Dr. Gelderfield era seu amigo, o

filho tratava-lhe da mulher e o Dr. Devarest nunca lhe iria debitar as visitas, que eram recíprocas, entre os dois médicos. Falara com o velho, antes de sair de casa. Por isso só registou as visitas das outras duas pacientes.

- Já basta - disse Bertha. - Agora, queridinho, tem de conservar as suas forças. No fim de contas, você está cheio de drogas.

- Estou já catita e tenho tantas ganas de falar, como uma esponja tem buracos. Não posso calar-me... Depois de ter pensado aquilo, disse a Gelderfield que iria visitar Nollie Starr e sacar-lhe quanto sabia. Está a ver, Bertha?

A moça sabia que o pai do Dr. Gelderfield era tratado

gratuitamente pelo Dr. Devarest e que as suas visitas nunca se registavam no bloco de notas. Gelderfield já compreendera que eu estava averiguando um caso de homicídio e não de acidente ou suicídio. Só tinha uma coisa a fazer: eliminá-la.

- E quanto às jóias? - perguntou Bertha.

- Isso é outra história, apenas paralela.

Timley

estava apaixonado por Nollie Starr. O Dr. Devarest era conivente nessas suas relações, mas Colette julgou que as ausências do marido tinham outro significado, julgando ser ele o apaixonado pela sua secretária. Para comprometê-la, perante a polícia, tirou as jóias do cofre, simulando roubo.

- Nesse caso, Rufus Bayley não teve nada a ver

com o cofre?

- Teve, sim. Bayley fora encarregado, por Walter

Croy, de abrir o cofre para sacar de lá o documento que

o acusava de *fraude*. Porém, a intervenção de Colette,

roubando as jóias, alterou todos os planos, pois a polícia

interveio. Ela conhecia o segredo da combinação do

cofre. Pediu ao marido que guardasse as jóias e foi lá

buscá-las, quando ele saiu, escondendo-as no quarto de

Nollie, para que a polícia aí as encontrasse. Raios.

452

Estou cheio de alento. Nunca me senti tão excitado, na minha vida. Não consigo calar-me - comentei.

- Não se cale, agora, querido. Conte lá à Berthínha, amor. Que aconteceu?

- Quando o Dr. Devarest voltou a casa e viu que o cofre tinha sido espoliado de quanto lá se encontrava, compreendeu que deveria ter sido a mulher quem escamoteara o recheio. Pensou nos motivos que a levariam a isso e pressentiu a verdade. Mandou Nollie desaparecer da circulação e foi ao quarto dela buscar as jóias. Encontrou-as, teve o cuidado de apagar as impressões digitais do cofre, mas, como era um simples amador, negligenciou

esconder a lata do óleo com que as limpava.

- Macacos me mordam! - exclamou Bertha.

- É isso mesmo - concordei. - Walter Croy pensou

que Bayley o traíra, ficando com as jóias e não lhe

devolvendo o documento escrito pela viúva... Meu Deus!

Devem ter-me dado toda a cafeína que havia no mercado.

- Aproveite-a para contar tudo à Bertha, sim? Por

que motivo Gelderfield matou o Dr. Devarest?

- Há muito que planeava matá-lo. Sabia, de resto,

que o seu colega sofria da doença de Bright e que este

fizera um muito considerável seguro de vida, para o caso

de finar-se, de um momento para o outro.

Sabia também

que Mrs. Devarest se entregaria nas suas
mãos, pois
havia muito que se entendiam
intimamente.

- Continue, Donald. Já agora explique-me
por que

razão o Dr. Devarest nos contratou?

:-Para encobrir o seu próprio plano. Mal
Nollie estivesse

em lugar seguro, iria ter com ela, como foi,
para

confiar as jóias à sua guarda. Foi a maior
asneira que

cometeu. Esperava que a polícia revistasse
a casa, sem

nada encontrar e, só depois, Nollie daria as
jóias a Jim

Timley, para que este as repusesse no
cofre, quando

tivesse uma oportunidade.

- Quer dizer que fomos contratados
apenas para

453

acalmar as suspeitas da mulher, a respeito de Nollie Starr?

- Nem mais - confirmei. - Só não contava que fôssemos mais espertos e diligentes do que esperava de detectives privados.

- E Harmley?

- Estava preparado para cortar um pedaço do bolo da herança da viúva. Quanto a Bayley, que andava enrolado com as criadas, especialmente com Jeanette, resolveu olhar mais acima e pensou que a patroa estivesse interessada na sua virilidade.

- E estava?

- Hum, hum! - confirmei.

-Como se sentiu Gelderfield, ao saber isso?

-Querida Bertha. Nesse ponto, só posso fazer uma

suposição, pois não ouvi ler a confissão do homem. Vá até lá e meta o nariz no assunto. Afinal de contas, somos sócios e eu estou preso a esta cama. Demais a mais, você gosta tanto de pesca. Vá deitar o anzol.

- Já vou. Primeiro, fale-me de Nadine Croy - pediu, entusiasmada.

- Essa tansa está apaixonada pelo seu advogadinho.

A coisa começara, já há algum tempo, e devem ter sido descuidados e descobertos, de maneira que isso deu azo a Walter Croy fazer chantagem, com base no adultério da esposa, para obter a custódia de Selma, que pouco lhe interessava, ou o dinheiro da esposa, para desistir... que

Ihe interessava muito. Para deitar nevoeiro na paisagem, serviram-se de mim, de maneira que, perante todos e o próprio Walter, eu seria o próximo pretendente e, contra nós, nada poderia apresentar, conducente a um divórcio.

A nossa conduta apagaria a teoria acerca da ligação de Nadine com Timkan... Pelo amor de Deus, Bertha, vá lá ver se descobre o que o Dr. Gelderfield confessou. Estou em pulgas por saber se poderemos tirar qualquer vantagem do que ele disse.

454

-Como? - inquiriu Bertha.

- Transformando-a em dinheiro.

Não foi preciso ouvir mais, para que Bertha se lançasse no corredor, investindo de cabeça baixa, fulminantemente.

Cinco minutos depois, estava de volta. Eu sentia-me

deveras impaciente, pois receava não poder libertar-me

de uma acusação de assassínio de Nollie Starr. Bastava

que Gelderfield narrasse os factos de outra maneira, para

eu ficar numa alhada, procurando livrar-me da suspeita e

das garras da polícia.

Mal Bertha fechara a porta, atrás de si, esta tornou-se

a abrir e deu entrada ao tenente Lisman.

- Olá, Lam - saudou ele. - Que tal vai isso?

- Como um velho calhambeque, com um potente

motor de corrida.

- Apertei com os médicos, para que o pusessem a falar, sem demora.

-Fizeram um bom trabalho - reconheci.

-Tenho algumas notícias para si - anunciou.

-Quais?

- Bertha disse-me que você pensou que o Dr. Gel-

derfield matara Nollie.

Confirmei, com um baixar de cabeça.

-Não o queria fazer - esclareceu Lisman - pelo

menos, directamente. Fez uma confissão completa. Gelderfield

estava metido num sarilho terrível. Desviara

uma data de acções que não lhe pertenciam. Precisava de

dinheiro e Mrs. Devarest era uma louca que se dava ao

primeiro homem que lhe parecesse estar a seduzi-la.

Além disso possuía, em alto grau, essa perversidade

feminina, característica de todas as mulheres, mas que recrudescer, depois de certa idade.

Neste ponto, Lisman olhou, de soslaio, para Bertha

Cool.

- Para mais - prosseguiu -, era extremamente cíu-

455

menta e pensava que o marido lhe andava a fazer o ninho atrás da orelha.

- Parvoíce - interveio Bertha. - Isso não é característica feminina. Os homens fazem o mesmo e talvez pior ainda!

Lisman fez uma careta sorridente e continuou:

- Gelderfield pensou pôr o colega Devarest fora de jogo e recolher o seguro de vida que ele deixara a Colette, casando depois com a viúva. Mas o Dr. Devarest desconfiou dos planos de Gelderfield e foi a casa deste para pôr a história em pratos limpos. Eram pessoas civilizadas e falaram serenamente. Como era de esperar, Gelderfield negou todas as suspeitas de Devarest, acalmou-o

com palavras convincentes e, particularmente, com uma dose forte de soporífero. Sabia que a companhia de seguros pagaria o dobro do prémio, se se tratasse de morte por acidente. Quando veio a saber que a apólice mencionava *meios acidentais*, ficou mais desesperado que uma galinha molhada. Sabia que havia dois pontos fracos, no caso de alguém se tornar suspeito: estava convencido de que Devarest contara a Nollie, nessa quarta-feira, o que suspeitara, e lhe dissera ir ter com ele para uma explicação entre cavalheiros.

- Qual era o outro ponto?

- O seu pai. Estava velho e doente, mas tinha ainda muito bom ouvido e escutara parte da conversa que o

filho manteve, no andar de baixo, com Devarest, quando tinham começado a falar alto, antes de acalmarem. Além disso, ouviu, durante muito tempo... mais do que o normal, pelo menos... o carro do filho a trabalhar, parado, dentro da garagem. Se fosse interrogado pela polícia, esse ponto seria altamente suspeito.

- Como matou ele Devarest?

- Primeiro drogou-o, com uma bebida, mal conseguiu acalmá-lo, depois levou-o para a garagem e forçou-o a receber uma prolongada inalação de monóxido de car-

456

bono, para o que bastou deixá-lo fechado lá dentro. Finalmente, transportou-o para a casa Devarest, onde repetiu a encenação do motor a trabalhar, com a vítima numa atitude de estar a repará-lo. Era simples, como B. A.-BA.

Após uma pausa, Lisman acrescentou:

! -E você ia pelo mesmo caminho, se não temos

chegado a tempo. Deixava lá a pele.

- Vocês chegaram a tempo, porque não vinham em

meu socorro. Sim, do velho Gelderfield. De outra maneira

estariam agora a limpar o ranho às vossas fraldas

de camisa... E Nollie Starr? - perguntei, já completamente

aliviado.

- Quer creia quer não, Gelderfield não pensava

inculpar Mrs. Devarest nesse crime. Acontece que telefonou à moça e ela disse que sabia ter ido o Dr. Devarest a sua casa, na noite do crime, para discutir o assunto que já referi. Discutiram e Nollie ameaçou-o de contar quanto sabia, cá aos rapazes. Gelderfield apaziguou-a, prometeu ajudá-la e visitou-a, no dia seguinte, muito cedo, antes que ela partisse para o ténis. Como Grail entra no trabalho à mesma hora que Nollie costumava sair de casa, Gelderfield sabia que já lá não encontraria a parceira de quarto. Utilizou um cordão de cinta cirúrgica que, por acaso, são idênticos aos dos espartilhos de senhora, « assim como o esmagador de batata da própria Nollie...

Estou a cansá-lo, Lam?

-De maneira nenhuma. Sinto-me cheio de energia.

Estas pílulas dão-me genica a dobrar. Continue.

- Bem, está tudo praticamente explicado. O Dr. Gelderfield

sabia que Rufus Bayley tinha um lugar no travesseiro

de Colette, nas suas horas vagas e ocupadas do

marido, pelo que começou, a pouco e pouco, a mentalizá-la

contra aquele tipo de macho que não lhe serviria para

acompanhá-la, de modo algum, na sociedade onde ela

tanto gostava de pavonear-se.

457

- Quer dizer que Colette tinha confissões dessas,

com o médico?

- Foi também isso que deu a Gelderfield tão grande

influência sobre ela.

- E acerca das acusações que esse Bayley me fez?

- sondei.

- Deixe-se disso, Donald. Não somos tão estúpidos,

como qualquer idiota possa pensar... Bem, agora o que

você precisa é de descansar. Vamos embora, Bertha. Deixemo-lo

dormir - disse Lisman à laia de despedida.

Bertha Cool ainda ficou uns breves segundos a olhar

para mim, com os olhos a cintilarem de satisfação. Aproveitei

para dizer-lhe:

- Se quer cortar um pedaço desse bolo de quarenta

mil complementares, trate de mexer esses pés chatos

e convencer o médico a deixar-me levantar.

- As ordens do médico são de ficar na cama

- contrariou

a enfermeira que estava junto da janela a olhar

para os jardins.

- Fique na caminha, amor -propôs Bertha. -

Vou

tratar disso sozinha. Nesse assunto sou melhor do que

você, esteja descansado.

- Acha que a polícia ainda me vem maçar?

- Nem pense nisso, Donald. Deixe de estar todo

erocado, quando pensa em Lisman. No fundo é bom tipo e

sabe que foi você quem lhe deu todos os indícios e lhe

proporcionou o brilharete de resolver o caso, como se

fosse obra exclusivamente sua. Nem por sombras desejará

que alguém supusesse o contrário.
Quanto mais
você estiver em sossego, mais ele gosta de
si.

Neste momento, a enfermeira aproximou-
se de Bertha
e observou:

- Se quiser ir-se agora embora, poderei
introduzir
a outra visita que está lá fora à espera.

- Quem é? - inquiri, embora, cá por dentro,
adivinhasse.

458

- Miss Elsie Brand.

- Hum! - fez Bertha. - Era de esperar!

Dito isto, saiu, a pensar no pedaço do bolo de quarenta mil.

Meio minuto depois, a porta tornava a abrir-se e entrou Elsie com um embrulho debaixo do braço.

- Olá, Donald. Disseram-me que você tornou a levar-lhes a melhor!

Sorri, modesto.

- Estive a falar com o seu médico - prosseguiu ela -, e contei-lhe que você não jantara nada, ontem à noite. Ele admitiu que, actualmente, o seu mal é fome.

Disse também que pode vestir-se e sair daqui, quando quiser. Escute, Donald, os talhos estão fechados, mas

conheço uma *charcutaria* que vende uns bifes maravilhosos e ainda há uma data de *whisky* no meu apartamento.

Compreendi, subitamente, quanto estava esfomeado

e atirei com a roupa da cama pelos ares.

A enfermeira aproximou-se de Elsie por detrás e

disse-lhe em voz baixa:

- Olhe que ele está anormalmente extra-estimulado.

Eu não me atreveria a ficar com ele, nesse estado de

excitação. Posso aconselhá-la, quanto ao que deve fazer,

no caso de ele tentar...

- Quem me dera - retorquiu Elsie, rindo-lhe na cara.

FIM

OFICINAS GRÁFICAS DE LIVROS DO BRASIL LISBOA

Badana da contra-capa
Erle Stanley Gardner nasceu
em 1889, em Maiden, no
Massachusetts. Como seu
pai fosse perito na exploração
de minas de ouro, o jovem
Erle acompanhou-o através
do território americano,
desde o Klondike até à Califórnia.
Foi pugilista profissional,
atirador ao arco, à
carabina e à pistola e velejador.
Sentindo vocação pela
advocacia, formou-se em Direito
aos 21 anos. O notável
jurisconsulto norte-americano
Jerry Leisler afirmou

a respeito do Autor: «Gardner teria sido um dos maiores advogados do nosso país se tivesse prosseguido na sua carreira legal».

E Gardner justificou o seu afastamento do foro casuístico, confessando: «Confiavam-me tantos casos que teria de ficar amarrado a um único ponto da terra; por isso comecei a escrever».

E assim criou as fabulosas personagens de heróis detectivescos: Perry Mason, Douglas Selby; Gramps Wiggins, Terry Clane e outros, entre os quais - escrevendo sob o pseudónimo de A. A. Fair - Donald Lam e Bertha Cool.

A obra de Erle Stanley Gardner é um testemunho indiscutível da capacidade

de criação ficcionista nos domínios do raciocínio, da psicologia criminal e do comportamento do indivíduo no seio de uma sociedade em ebulição. E, nessa condição, permanecerá no património cultural internacional, como um padrão inesquecível.

Contra-capa

A SÉRIE «OBRAS ESCOLHIDAS DE ERLE STANLEY GARDNER», INCLUÍDA NA COLECÇÃO VAMPIRO GIGANTE, CONSTITUI UMA COMPILAÇÃO DOS ROMANCES DE FICÇÃO POLICIÁRIA QUE O FAMOSO ADVOGADO E CRIMINOLOGISTA CRIOU AO LONGO DE 38 ANOS DE UMA ACTIVIDADE LITERÁRIA QUE LHE GRANJEOU A MAIS FULGURANTE CELEBRIDADE MUNDIAL. CADA VOLUME REÚNE DOIS TÍTULOS DOS SEUS EMPOLGANTES «CASOS» DE INVESTIGAÇÃO CRIMINAL.

